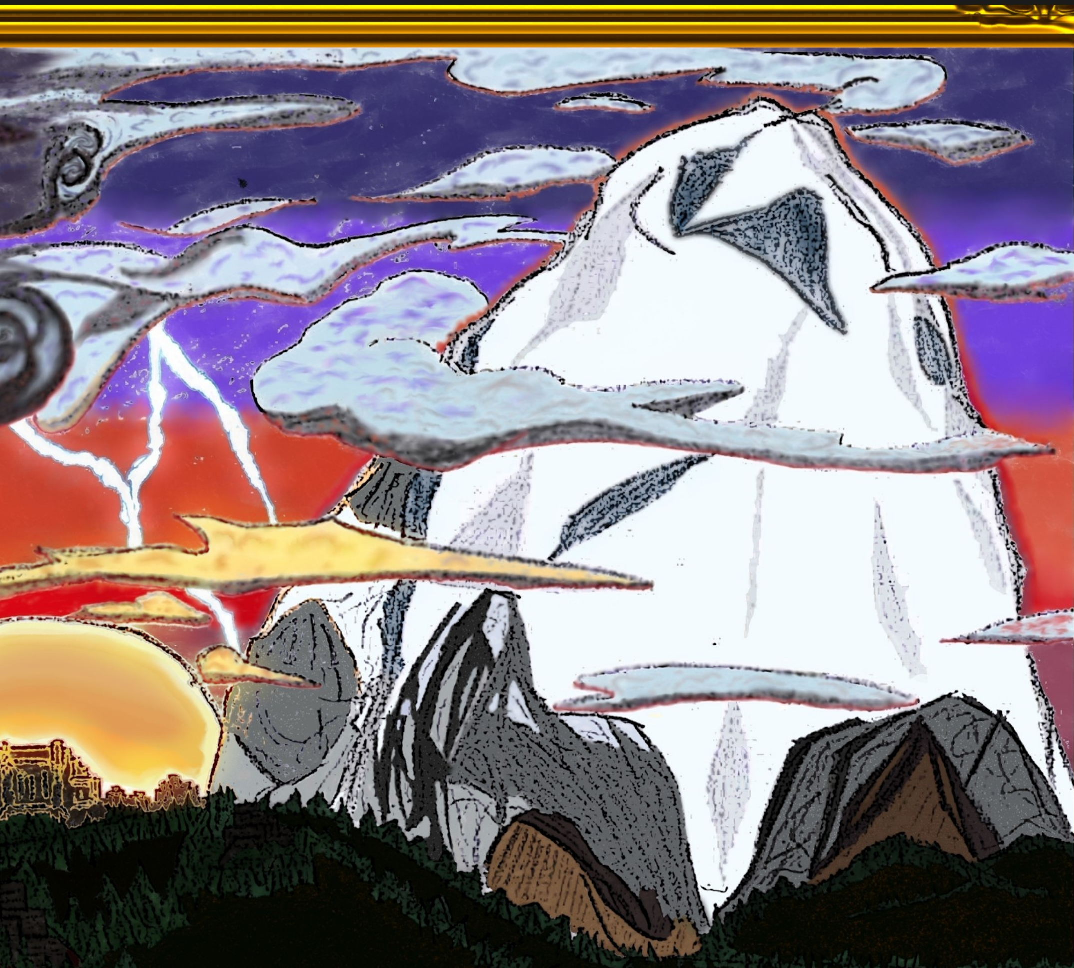


GUARDIÕES DO CÓDIGO

Primeira revisão, 2025.



Primeira revisão, 2025.

Folha de rosto

Autor:
Felipe Ruiz Peixoto

Ilustrações:
Amanda Ruiz Peixoto e Felipe Ruiz Peixoto

Este livro se tornou possível através de softwares livres e de código aberto (The Gimp, Krita, Libre Office).

Primeira edição independente. 2025. Revisão de 2025.

F. Ruiz Peixoto, a.k.a eitabyte
Guardiões do Código. Primeira revisão, 2025. / Felipe Ruiz Peixoto. 1.ed. – São Paulo: edição independente, 19/11/2025.

Sumário

Prólogo

Caro mensageiro, guarde as palavras deste velho que vos escreve: nenhuma folha seca pousa onde quer, e sim, onde o vento a levar. Um plano que nos levaria para a paz, mudou com o tempo, e as coisas ficaram cada vez piores. Muitos conflitos surgiram pelo mau uso do nosso conhecimento, que interrompeu a Segunda Guerra Mundial e impediu a nossa aniquilação ao controlar a **poeira da transmutação atômica**. Ela danificou todas as armas, equipamentos e bombas, ao mudar os seus átomos. Precisamos de toda a ajuda possível, inclusive daqueles que possuem as **Ferramentas da Discórdia**. Sim, mensageiro, sei o que você vai pensar: elas são perigosas. Mas se forem usadas com sabedoria, podem reverter essa situação. E sem nos dar muita dor de cabeça. Uma delas que, se não me falha a memória, é a **Espada da Vingança**, foi escondida bem perto de onde o **Kaoni Ivituruí** mora. Com essa espada, Kaoni será capaz de resolver os mistérios e os conflitos de **Orande**, garantindo o **bom uso do nosso conhecimento**. Infelizmente, os pais dele foram traiçoeiramente aprisionados pelo **Raio Feroz**, e você terá que dar essa péssima notícia para ele. Caso ele ainda não tenha a espada, dê primeiro a má notícia e depois a espada. Quando o Kaoni estiver pronto, volte com ele para Imeri de Ca-an, o mais rápido possível. Bons ventos frios te guiem, mensageiro.

Capítulo 1: Metrópole dos desaparecimentos

Os corpos-secos

Nae mãe, nae pai, ainda me lembro da nossa saudação. Estou perdido em um lugar que é o oposto daquele onde eu nasci, e me acostumei. Não tem ninguém aqui. Nenhum prédio. Sequer uma rua. Nada além da praia, e uma floresta soprando umidade em minhas costas queimadas de sol. Acho que eu não deveria ter desejado tanto sair daquela metrópole cinzenta e fria. Muitas coisas aconteceram desde a última vez que nos vimos. Elas mudaram a minha vida para sempre, e me trouxeram até aqui, contra a minha vontade. Eu encontrei, perto daquele velho píer onde a nossa escuna de resgate era atracada, uma mensagem que foi escrita para mim, dentro de uma garrafa de vidro, como um presente de aniversário de 16 anos. Já fazia 5 anos que vocês partiram para as águas distantes, na manhã de 13 de março de 1992, bem cedo, quando o Sol mal nascia no horizonte, naquela **Praia das Redes**, longe dos edifícios, como de costume. Minha mãe arrumou o meu cachecol, que ela fez para mim e que eu sempre uso, antes de embarcar na pequena escuna **Sopro do Monte** com o meu pai, e, nunca mais vocês dois voltaram. Com a imagem da escuna desaparecendo no oceano em minha mente, fui para a nossa casa, em **Teknalia**, saindo da orla e atravessando o Bairro Portuário, onde ficam os galpões, até a divisa com o Distrito Alto, sem falar com ninguém. Teknalia era uma metrópole onde tudo era artificial: o vento, o ar, a água, e até a comida. Suas máquinas dependiam da energia gerada na **Grande Barragem**, erguida no **Rio Itanakuar**, que divide a cidade ao meio. Todo o seu povo

vendia até a alma para as **Indústrias Prismall**, empresa controlada por um homem loiro, de cabelos enrolados, e olhos azuis como céu, chamado **Apolônio**, o famoso "**dono de Teknalia**", que, de Apolônio, não tem nada. Ele criou um logotipo na forma de um círculo, com 5 raios de luz, imitando uma mão aberta. É a estratégia de *marketing* mais eficiente que eu já vi; basta olhar para a sua mão estendida, e você se lembrará dessa empresa, que exportava novas tecnologias para o mundo inteiro, e espalhava as suas máquinas luzentes por toda a cidade. Os prédios ficaram tão altos que não deixavam a luz do Sol passar. Eu tinha a sensação de viver constantemente com a cara na parede. As únicas coisas que rompiam a monotonia acinzentada eram as cores vibrantes dos carros, das propagandas, e do jardim da nossa humilde casa, construída debaixo da sombra de uma grande árvore. Talvez a única da cidade inteira, lutando contra o cheiro de cimento e ferrugem. E, na verdade, a sua sombra nem existia mais, pois a nossa casa estava rodeada por edifícios. Desaparecimentos, tanto de pessoas quanto de objetos, eram uma constante cruel em Teknalia. Procurei por ajuda, mas o meu caso era apenas mais um entre tantos outros, e não me deram bola. Enquanto vocês não retornavam, fui me virando como pude, fazendo tudo o que me ensinaram para não ser um alvo, e jamais tirei o colar com a pedra cinza que me deram. Sempre tive bastante curiosidade para ver o que tinha lá dentro do porão, mas vocês não me deram a chave. Sozinho, eu passava o tempo lendo histórias em quadrinhos, com a minha sombra, que eu imaginava ser a minha única amiga, para afastar a solidão. E, para não deixar os maus sentimentos tomarem conta de mim, eu os descarregava com socos na nossa árvore, até a dor nos meus punhos superar

a dor dessas emoções, coisa que eu aprendi com um dos personagens dos quadrinhos que eu lia. E às vezes, eu via um homem estranho, vestindo um manto cinza, igualmente estranho, se escondendo, e me observando. Seu rosto estava oculto pelo manto, ornado com desenhos primitivos e tribais, formados de traços retos, curvas simples, zigue-zagues, círculos, pontos e símbolos esquisitos. Tais desenhos me lembravam a arte tupi, de uma velha enciclopédia que eu li. Pensei que ele fosse o invasor que sumiu com vocês e que voltou para me pegar, porém ele sempre fugia de mim, como se não quisesse ser visto. E quando eu saía para a escola, eu encontrava comida, roupas, e objetos deixados perto da porta, como se estivessem cuidando de mim em segredo. Nos meus estudos, eu descobri que Teknalia estava cercada por uma muralha elétrica, e que a maneira mais fácil de sair da cidade, era pelo mar. Por causa disso, eu me inscrevi no curso para aprendiz de guarda marítimo, e recebia algum dinheiro como ajudante, mas o meu objetivo era mesmo sair de Teknalia e procurar por vocês. Essa era a minha rotina, até o dia do meu aniversário de 16 anos. Eu me levantei da cama com uma sensação ruim, olhei para a janela e estranhei o dia, sem saber o motivo. Era como se o dia amanhecesse torto. Na escola, eu respondia as questões da prova final do curso, dentro da minha cabine, numa interface quadrada e holográfica, com letras *pixelizadas*, como tudo na cidade, quando ocorreu uma pane no sistema, e toda a escola se apagou. Aquilo nunca tinha acontecido antes, na história de Teknalia. No meio da escuridão, enquanto eu caminhava para a saída de emergência, eu esbarrei em uma garota, e ouvi a voz de um jovem, resmungando: — Ei! Cuidado! Você derrubou ela, seu

atrapalhado! Vamos embora, antes que descubram que foi você! — Pare de falar isso pra todo mundo ouvir! — reclamou a garota desconhecida. Naquela escuridão toda, eu não vi quem eles eram e, do lado de fora da escola, tive que atravessar um tumulto de alunos e vigias, para chegar em casa. Quando eu olhei para a porta de entrada, eu vi o desconhecido do manto deixando algumas caixas perto dela. Imediatamente, larguei tudo e corri atrás dele, perguntando por meus pais. O homem percebeu, e se escondeu dentro de casa. Quando eu entrei, não o vi, mas escutei barulhos vindos do porão. A porta do porão não tinha fechadura, apenas um cristal que parecia um **itanakuar**. Tentei abrir a porta, mas ela estava trancada. Olhei através do cristal, que estava muito embaçado, e eu não enxergava nada. Para limpar o cristal, eu o assoprei e, quando fiz isso, ele se acendeu e a porta se abriu. Sem entender aquilo, eu desci as escadas, e o homem misterioso havia sumido, não sei como, pois a única saída era aquela porta. Sem lâmpada lá embaixo, eu tive que acender algumas velas, já grudadas com a própria cera, iluminando várias estantes cheias de livros com símbolos ilegíveis, um mural de fotografias, e uma mesa de madeira no centro. Vocês estavam naquelas fotos do mural, acompanhados de pessoas desconhecidas, e máquinas de guerra congeladas ao fundo. Havia também o retrato de um velho barbudo e sinistro, com arcos elétricos na sua careca, e o nome "Raio Feroz" escrito sobre ele. Passei algum tempo olhando as fotos, e depois, eu fui para a mesa de madeira, com um entalhe em sua superfície, que me lembrava uma montanha enevoada dentro de um círculo, separado de outros círculos conectados pelos mesmos traços do manto daquele homem misterioso, contendo os mesmos símbolos. Parecia um circuito eletrônico.

E tinha um espaço vazio na mesa, com o mesmo formato do cristal em meu colar. Com muita curiosidade, encaixei o cristal do colar no espaço vazio da mesa e, imediatamente, todos os entalhes se acenderam com uma luz azulada, ao mesmo tempo em que eu sentia um sopro gelado escrevendo uma tatuagem luminosa na minha mão direita, idêntica a uma parte do circuito de círculos e símbolos entalhado naquela mesa, congelada num piscar de olhos. O cristal do meu colar ficou preso no gelo, e eu não consegui recuperá-lo. Olhei embaixo da mesa e achei, por acaso, uma carta amarelada pelo tempo, escrita por um ancião preocupado comigo, pedindo para me ver em um lugar chamado Imeri de Ca-An, e dizendo que perto da minha casa tinha uma espada que deveria ser minha. O velho também escreveu sobre um conhecimento que interrompeu a Segunda Guerra Mundial controlando a poeira da transmutação atômica, a qual eu não fazia a menor ideia do que era, e disse no final da carta que vocês foram presos pelo Raio Feroz, o que foi a gota que me faltava. Saí correndo de casa, revoltado e confuso, para bater naquela árvore, sem me importar com a chuva forte daquele dia. E, de tanto bater nela, uma espada caiu de um galho, bem na minha cabeça, e selou o meu destino. Sorte a minha que ela não me cortou ao meio, pois o que me acertou foi a empunhadura da arma e não a sua lâmina. O formato dela me lembrava as vértebras e a empunhadura, uma aberração, metade humana, metade serpente, com duas asas deformadas, trazendo um contador eletrônico de 3 dígitos, com o número 639. Nunca vi nada mais estranho em toda a minha vida. Quando eu peguei a espada, ela me queimou, e sumiu, deixando uma cicatriz na palma da minha mão direita, onde a tatuagem brilhante já tinha se apagado. Cansado e com a mão

ardendo, voltei para casa, e me joguei na cama, enfiando a mão em um balde de gelo ao meu lado. Mas, antes que eu começasse a relaxar, senti um cheiro muito fedorento e falei para mim mesmo: — Argh! Mas que cheiro de diarreia. Não pode ser, só tem uma semana que tomei banho... — Fui tomar outro banho e, quando terminei, alguém bateu na porta do banheiro. Como eu morava sozinho, presumi que era um ladrão e me armei com o que eu tinha à disposição: um rodo. — Que... quem está aí?! Vá embora! — Com uma pancada forte, o invasor arrombou a porta, e ele parecia ter vindo direto do necrotério. Era um defunto ressecado, e sujo de poeira radioativa. Joguei o rodo na cara dele e pulei da janela, vestindo só uma toalha. Do lado de fora, eu dei de cara com um bando desses monstrengos podres, marchando contra mim, e dizendo assim: — Iukaeta! Sirai! Iukaeta Sirai! — O meu corpo tremia, e eu não sabia se estava tremendo de frio, de medo, ou dos dois. Tentei me acalmar, e me concentrei, para não perder o controle das minhas emoções. Ao fazer isso, a espada que me queimou reapareceu na minha mão direita. Tomei coragem e ataquei os cadáveres com golpes de espada, congelando partes dos inimigos e aumentando lentamente o número no seu contador. Compensava mais congelá-los por inteiro. Olhando a água da chuva empoçada, eu tive uma ideia. Toquei a poça de água com a espada, congelando o chão, e prendendo os pés dos defuntos nele. Fugi pra rua, deslizando rapidamente pelo gelo, mas um monstro, rangendo, conseguiu arrancar a minha toalha, me deixando nu. E logo, a organizada cidade de Teknalia conheceu o caos. Mais e mais deles surgiam por toda parte, e os que foram imobilizados pelo gelo davam socos no solo congelado para quebrá-lo. Eles infestaram as ruas

de Teknalia, e a guarda local não sabia o que fazer, correndo de um lado para o outro, atropelando os monstros com os seus carros. Eu também atacava os cadáveres radioativos ambulantes que estavam no meu caminho, enquanto corria pelado, com o povo todo me olhando, em direção à Praia das Redes. Continuei a fuga pela orla, enroscando o pé nas redes cobertas de areia, até me esconder em uma construção antiga, e grande, afastada dos edifícios de Teknalia, com grades de ferro em todas as vidraças. Bloqueei a entrada com uma estante bem pesada, porém vazia. Tomei um fôlego, e explorei o lugar, que parecia uma biblioteca abandonada. E dentro da construção, havia mais dessas estantes, todas iguais e sem nada, nem um livro sequer. Sobre uma bancada, eu vi o único livro de toda a biblioteca, com aquelas letras desconhecidas. Aproximei a minha mão deste livro e ouvi uma voz que não me era estranha, dizendo: — Ei, peladão! Eu não tocaria nesse livro, se fosse você! — Olhei para a origem da voz, e era um rapaz de uns 18 anos, com um chaveiro de boto-cor-de-rosa, feito de cristal, preso em sua calça cinza. Ele vestia uma camiseta cor-de-vinho, com frisos brancos e manga longa. O seu cabelo era preto e bem curto. O rapaz prosseguiu com o seu aviso: — Esse livro é uma armadilha, Kaoni! Se o tocar, ficará doente! — Como você sabe o meu nome? — Depois, eu te explico. Agora, nós precisamos derrotar os **corpos-secos** vingativos que você despertou, ao pegar a Iukaeta Sirai! — Corpos-secos? — São esses zumbis aí. Eles morreram com o veneno de **Anibael** no corpo deles. Por isso são tão mal-humorados! — De repente, os tais corpos-secos arrancaram as grades e invadiram a biblioteca, quebrando as suas vidraças. Eu me distraí por apenas um segundo e o rapaz simplesmente desapareceu. Um

dos defuntos pulou em cima da bancada, onde o livro estava, quebrando ela, e eu o congelei com a minha espada. Procurei a saída, lutando contra os corpos-secos, até saltar para fora da biblioteca por uma das janelas quebradas. Corri até a fronteira da cidade, e os guardas logo me notaram: — Ei, moleque! O que pensa que tá fazendo aí, pelado?! — Eles vieram em minha direção, mas alguns corpos-secos se levantaram do chão, entre mim e eles. Avistei, do outro lado, um túnel interditado, protegido pelas torres de muro elétrico que cercavam a cidade e não deixavam nada passar. Sabendo que o gelo é um péssimo condutor de eletricidade, eu aproveitei que os guardas estavam ocupados para me aproximar do túnel. Com os golpes da minha espada, congelei a torre e, dessa forma, eu pude passar por ela, entrando no túnel interditado para despistar os meus inimigos, sem receber um raio mortal. Mesmo com a iluminação tênue de alguns cristais acesos pela minha presença, a escuridão ainda era tenebrosa e, a cada passo para frente naquele túnel, eu queria dar dois para trás. Muitos ruídos ecoavam pelas paredes úmidas, e depois, essa umidade se transformou em uma camada de gelo.

Anjo da selva

Mais adiante, largado no solo sujo do túnel, encontrei um cadáver de um jovem congelado, vestindo roupas antiquadas. O frio que eu sentia me alertava do perigo de ter o mesmo destino, e me lembrava que foi por causa dele que eu consegui escapar daqueles corpos-secos. Como eu já estava longe demais para voltar atrás, quebrei o gelo daquele corpo com a empunhadura da minha espada, para me vestir com as suas roupas, e ela reluziu mais uma vez, flutuando para longe das minhas mãos, e se transformou no mesmo jovem morto pelo

frio. Ao ver a si mesmo falecido, o rapaz ficou assombrado: — Como... como isso é possível? Só pode ser um sonho ruim... — Não é um sonho. Minha espada virou você — respondi, tentando manter a calma. — Sua espada... ah... então é você, o novo mestre da Iukaeta Sirai! Meu nome é Gustav Ikugruiu. E o seu? — Kaoni Iviturui. — Venha comigo, Kaoni! Os inemas invadiram a biblioteca para roubar os nossos livros, e eu quero expulsá-los de lá! — Ei! Espera! Não tem mais nada naquela biblioteca, só um livro-armadilha. — Hã? Estou morto há quantos dias? — Não sei. Hoje é 13 de março de 1997. — O jovem ficou espantado com a data, e concluiu: — Parece que eu fiquei morto aqui por um bom tempo... e a sua espada me trouxe de volta por causa do meu sentimento de vingança. — O que tinha escrito nos livros que foram roubados? — Vários conhecimentos, e alguns deles tinham novos **códigos** que o **Velho Bengala** acabou de descobrir. Achei que você soubesse disso. E agora, o que vamos fazer... — Enquanto ele pensava, o seu corpo emitia uma luz pálida, e ele se sentia cada vez mais fraco. — Hum, acho que eu não vou poder te ajudar com isso, já estou voltando para o meu eterno descanso... só uma pergunta, antes de eu partir: aqui, no futuro, as pessoas andam desse jeito, mostrando tudo, mesmo? — Err... não, foi o... — Já sei, é por causa do aquecimento global, pra arejar mais os "países baixos". — Não, não é nada disso! Foi o corpo-seco que me arrancou a toalha. Você poderia me deixar as suas roupas. Não vão te fazer falta no além. — Ele achou a minha ideia um pouco esquisita, mas fez o que eu pedi, enquanto o seu corpo brilhava de modo fantasmagórico, até voltar para a forma da espada, perdendo a luz que tinha e zerando o seu contador. Vesti as roupas do jovem morto e continuei,

refletindo sobre as palavras dele, resistindo ao frio que se voltava contra mim, até sair do túnel, dando de cara com um acampamento e uma fogueira acesa, cozinhando a comida de uma panela. — Com certeza tem alguém por perto — pensei. Procurando pelos donos do acampamento, eu encontrei um carro de Teknalia, estacionado, com um reboque cheio de cristais. A poeira deles flutuava nos feixes de luz daquela tarde, que vinha da copa das árvores. Quando eu era criança, eu observava essa dança, e imaginava uma batalha entre o bem e o mal nela. De repente, eu percebi que um sujeito desceu de algum lugar, bem atrás de mim, e por instinto eu o ataquei com golpes de espada. Logo eu percebi que lutava contra um ser mitológico, que parecia ter uns 20 anos, com 2 grandes asas azuis em suas costas, e um cajado bem maior do que ele, que bloqueava todos os meus golpes. As suas roupas eram uma calça branca, e uma camisa verde escura. — Ei! Calma aê! Espera! Para com... já chega! Segurem ele! — A ponta curva do seu cajado emitiu um *flash* de luz, e um grande felino azul pulou em cima de mim, me imobilizando no chão. Os seus dentes e garras eram bem afiados. A sua cauda era longa e coberta de espinhos. — Agora sim... demorou, mas saiu da toca, Kaoni! — falou o rapaz do cajado, e eu o questionei, enquanto a espada sumia da minha mão: — De onde você me conhece? Quem é você? Que animal é esse? — Hahaha! Novatos são mesmo uma piada. Esse felino é um arkobiukin, e o meu nome é **Cyano Araukarya**. Sou o melhor de todos os **abasais** e o herdeiro do Velho Bengala. Eu... eu não entendo como você pode ser tão importante. Olhe para você, fraco, e patético! Pode soltá-lo, bichano! — O que você está falando, idiota? Tá fazendo o que com esse ferro comprido aí, "*pole*

dance"? — O homem se aborreceu, e tentou me intimidar, abrindo as suas grandes asas azuis: — Você tem sorte de ser o filho dos seus pais! — Ouviu o que você disse? Filho dos meus pais... claro que sou filho dos meus pais! Vou ser filho de quem mais, seu frango azul? — Frango azul?! Ora... quer saber, não serei a sua babá, não. E você vai virar petisco de urso, se ficar aqui. — Não preciso de nenhuma babá. Sei me cuidar sozinho muito bem. — Precisa sim! Você é patético! Eu sou perfeito, olhe... — Humhum... perfeito babaca. — Depois de me esnobar com aquelas asas de galinha, ele saiu voando com o seu cajado comprido e ridículo. A ventania das suas asas apagou a fogueira e jogou a comida dele no mato. Eu entrei na floresta, para descobrir onde o frango azul se escondia. A fauna e a flora eram mais exóticas do que eu imaginava. Havia objetos desconhecidos e antiquados, fios pendurados nas árvores e livros espalhados na terra. Senti muita sede, e procurei algo para beber, até encontrar uma poça. Quando me abaixei para beber a sua água, vi várias rãs nadando dentro dela. Com muito nojo daquilo, continuei procurando por água, até ouvir um som que parecia o de um chuveiro. Fiz conchas nas orelhas com as mãos, para descobrir a origem daquele som, e me aproximei dele, encontrando uma cachoeira. Sem pensar duas vezes, eu bebi a sua água, e percebi alguma coisa se movimentando na piscina. Era uma cobra, que quase abocanhou o meu rosto. O susto foi tão grande que eu me joguei para trás, escapando da mordida. Saí de perto daquela cachoeira bem depressa, e o esforço fez o meu estômago roncar de fome. Procurei alguma coisa para comer, e encontrei uma árvore cheia de kamu-kamus. Esta é a fruta que eu mais gosto, apesar de nunca as ter comido. Eu só as reconheci por que são estampadas nas

embalagens de suco em pó. Tentei subir na árvore, para colher as frutas, mas era impossível. Foi então que eu me lembrei da espada caindo na minha cabeça enquanto eu batia na árvore, e tive uma ideia não muito boa: dei socos no tronco dela para derrubar aquelas frutas, olhei para cima, e caiu um cocô de passarinho bem na minha cara. Para me limpar, eu arranquei uma folha de alguma planta qualquer. Esfreguei a folha aveludada na cara, e descobri que aquela planta era tóxica: o meu rosto coçava, e ardia, sem parar. Ardia tanto, que a minha vontade era de arrancar a pele da face. Cyano soltava as suas gargalhadas, em algum lugar da floresta, o que me revoltou: — Do que está rindo, seu frango metido a besta?! — De você, é claro! — respondeu Cyano, pousando perto de mim. — Só existe uma forma de aliviar a coceira. Você vai ter que mijar nessa sua cara de trouxa! — Eu não acredito em você! — Humpf... o problema é todo seu. — Ele deu de ombros, e foi embora. Eu nunca senti tanta raiva na minha vida, como eu sentia daquele cara. Sem outra opção, eu urinei no meu rosto, o que tirou a coceira, mas não tirou o meu ódio. Procurei por ele na floresta e, quando o encontrei, ele estava sem as suas asas, para se esconder melhor. — E então, Kaoni? É doce, ou é salgado? — Eu vou arrancar essas asas de frango das suas costas e fazer você comer! — Puxa vida, que "meeedo". Pode vir, "cara mijada"! — Iukaeta Sirai! — Ataquei ele, com golpes de espada, e ele se defendia de todos com facilidade, o que aumentava a minha ira, enquanto a luz do Sol se acabava, e eu precisava vencê-lo antes do dia escurecer. Quando errei um golpe, acertei uma grande árvore e a congelei toda, deixando o Cyano impressionado. Ele bateu as suas asas para voar bem alto e me atacou com velozes investidas, me atingindo com o

cajado de metal. Aproveitei uma oportunidade e atirei a espada nele com toda a minha força. Mas como a minha pontaria sempre foi péssima, a espada passou longe do alvo. Eu gritei "Iukaeta Sirai" e a espada desapareceu da árvore, reapareceu em minhas mãos, e eu atirei ela novamente em Cyano, que se desviou, dizendo: — Isso, seu fracote! Vamos ver do que você é capaz! Hahaha! — Cyano ergueu o seu cajado, o qual piscava aquela luz sem parar, e soltou um berro. Todos os animais da floresta berraram com ele. — Argh, que barulho infernal é esse?! Pare com isso! Iukaeta Sirai! — Amian! — Uma aranha escalou a perna do Cyano e parou na palma da sua mão direita, onde se acendeu uma tatuagem de luz branca. Tentei atacá-lo, mas ele ficou transparente e desapareceu bem na minha frente, com cajado e tudo. — Hahaha! Vou te dar uma lição, Kaoni! — Tomei uma rasteira e caí de bunda no chão. Me levantei ouvindo as risadas do frango invisível, e ele me deu um chute nas costas, que me arremessou longe. Fiquei de pé, tentando ouvir os passos dele, mas era impossível com todo aquele carnaval que os animais da selva faziam. Ele me dava uma surra, brincando comigo e, mesmo com ódio dele, eu decidi fugir, pois não tinha a menor chance de vencê-lo daquele jeito. — Hahaha! Quem é o frango agora, seu covarde?! Hã?! — Atravessei correndo aquele túnel interditado, voltando para a cidade, onde os guardas ainda combatiam os corpos-secos. Ajudei eles com a minha espada, derrotando alguns daqueles monstros, e um escapou voando da minha espada. Ele foi puxado por um pássaro bem grande até as alturas. O mesmo aconteceu com os outros corpos-secos da cidade, enquanto eu ouvia as risadas do Cyano, vindas do céu. Logo depois, começou a chover falecidos radioativos. Eles derrubaram os

letreiros holográficos, amassaram os carros e quebraram tudo. Apesar dos danos, a cidade ficou livre desses monstrengos asquerosos. Cyano limpou Teknalia com as aves que o obedeciam, como se fossem o seu exército voador.

O detetive-chefe

Já anoitecia, quando os moradores se trancaram em seus apartamentos, e a guarda tentava entender o que aconteceu, enquanto eu caminhava pelas ruas quase desertas, voltando para a Praia das Redes, sentindo muitas dores por todo o meu corpo. A luz do sol poente ainda iluminava a praia, pois lá não tinha as barreiras construídas pelo homem. Me sentei na areia, com as ondas mornas batendo nos meus pés, para descansar um pouco, até uma delas me trazer aquela garrafa, com uma mensagem dos meus pais dentro dela, como se fosse um presente de aniversário:

> Nae, Kaoni. Onde você está? Nem eu, nem o seu pai nos esquecemos de você. Sabemos que já deveríamos ter voltado para casa. Estamos com alguns problemas, e podemos demorar um pouco. Não se esqueça do que te ensinamos. Aguente firme! Você não está sozinho.

Peguei a carta, li incontáveis vezes, e decidi responder na mesma folha. Desde então, eu passei a lançar cartas ao mar, na esperança de que vocês as encontrassem e tirassem as minhas dúvidas, de onde estivessem, pois eu não aguentava mais conviver com elas. Fiquei na praia, contemplando a noite. Na orla, eu podia ver o céu, as estrelas, e ter ar de verdade para respirar, e isso me ajudava a pensar com mais clareza. Algum tempo depois, eu voltei para casa, e quando eu estava quase

pegando no sono, escutei alguns barulhos no porão, às 11 horas da noite. Chamei a Iukaeta Sirai e ela não apareceu. Desci as escadas com muito receio e vi um senhor de idade montando um pequeno robô voador, branco, azul e amarelo, tirado de dentro daquela caixa deixada em minha porta pelo homem misterioso, colocando as suas peças sobre a mesa que se descongelou. Quando eu perguntei quem ele era, ele se virou e eu logo o reconheci. — Pela sua cara de espanto você já sabe quem eu sou. Meu nome é Albert Einstein. Não sei como eu vim parar aqui. — A espada... — Que espada? — Achei melhor não falar sobre a Iukaeta Sirai, e mudar de assunto: — Ah, é que eu estava lendo sobre guerras medievais e acabei pensando em voz alta... o que o senhor está fazendo? — Primeiro me diga o seu nome, caro rapaz. — Kaoni. — Prazer em te conhecer, Kaoni. Estou montando este robô voador e notei que este lugar está cheio daquela poeira de cristal radioativo. Essa poeira me assusta... ela se espalhou pela Terra provocando defeitos em todos os equipamentos, principalmente aqueles que seriam utilizados nas batalhas, acabando com a Segunda Guerra Mundial. — Mas, isso foi uma coisa boa. — Sim, Kaoni, mas ela é uma "espada medieval" de dois gumes. — Ele derramou o pó contido em uma ampola de vidro e continuou a sua explicação: — Cada partícula dessa poeira é uma máquina extremamente pequena e poderosa, capaz de enviar pulsos radioativos que transmutam os átomos ao seu redor, e nem mesmo os nossos cérebros estão imunes a isso, algo extremamente perigoso ao meu ver. Por isso eu fiz uma pequena mudança no receptor de rádio do seu robô voador. Agora ele é capaz de detectar esses pulsos. Espero que isso te ajude. — Muito obrigado, senhor Einstein. — O corpo do

famoso cientista brilhou, e ele se despediu: — Até uma colher de pau vira uma arma letal nas mãos erradas. Aprenda a controlar esta poeira para que ela não seja um risco à humanidade! — A minha espada voltou para a sua forma original. Fiquei parado, olhando para ela e imaginando em quem mais poderia se transformar. Depois eu liguei aquele robô voador. Seu nome era **Defendrone-2000**. Ele fez uma espécie de reconhecimento facial e perguntou o meu nome. Eu respondi e ele me parabenizou, dizendo todas as suas funções com uma voz sintética. Era um robô de defesa pessoal e segurança domiciliar que, com certeza, foi deixado pelo homem do manto como uma tentativa de me proteger. Enquanto o robô passeava por toda a casa, eu recuperei o meu colar e me deitei na minha cama, mergulhando em um emaranhado de pensamentos e dúvidas até cair no sono. No dia seguinte, durante o meu café da manhã, eu ouvia um locutor no rádio que narrava mais um caso resolvido pelo detetive-chefe de Teknalia, Eyneon. Então, eu tive uma ideia: — Acho que este detetive pode me ajudar. Preciso falar com ele. — Saí de casa e embarquei no trem reformado, mas eu só podia entrar sem o Defendrone. Nenhum equipamento que possa ferir os passageiros poderia ficar lá dentro. Então ele seguiu o trem do lado de fora, e eu via o meu drone pela janela do vagão. O trem atravessava a cidade inteira, parando em várias estações. Era muito antigo, mas foi aprimorado e flutuava dentro de anéis magnéticos. Peguei um retrato de vocês e perguntei para os outros passageiros se já os tinham visto. Mas todos só se importavam consigo mesmos, se sentiam incomodados e respondiam com um breve e seco "não". Alguns nem mesmo olhavam para a fotografia. O povo de Teknalia era assim

mesmo, sem emoção, e parecia até que não tinha alma. Eram mais robóticos que o meu drone. E, chegando à estação central, onde uma multidão circulava sem parar, eu desci do trem já perguntando por vocês, mas ninguém olhava na minha cara. Eu estava no meio de milhões, mas na pior das solidões. Quando eu saí da estação central de Teknalia, já era noite. Uma música bem alta chamou a minha atenção, então fui com o Defendrone ver o que era. Tratava-se de uma grande festa, com muitos efeitos especiais, hologramas, robôs inteligentes e outras tecnologias bastante avançadas. As pessoas estavam loucamente eufóricas, colocando para fora o que reprimiam o tempo todo. Nunca vi nada parecido. E, nessa festa, eu tentei a sorte. Investiguei o desaparecimento de vocês lá, em vão. Nem mesmo os garçons robôs me deram atenção, apenas drinques energéticos. Muitos se beijavam sem motivo aparente naquela festa, outros dançavam como se não houvesse amanhã e ninguém sequer olhava o retrato que eu mostrava. E então, soltaram uma fumaça azul, com cheiro doce, em cima de todo mundo. A música ficou ainda mais intensa, as luzes giravam e eu não conseguia mais sair da festa. Aquela fumaça era alucinógena. — Oi gato. O que está procurando? Parece meio abatido. Vem comigo, vamos dançar pra ver se melhora essa cara triste — disse uma garota, segurando o meu braço e dançando para mim. Lembrei da sua voz, era a mesma daquela garota que eu derrubei no apagão da escola. Sua roupa era colada no corpo e possuía um efeito brilhante que mudava de cor. Sua pele clara contrastava com a roupa e os olhos escuros. Seu cabelo preto, liso e curto estava todo bagunçado. Ela estava feliz, ou pelo menos parecia, e no fim da festa me agarrou e me deu um beijo, que tirou a noção do tempo por um

instante. A música cessou, a festa acabou e todos que estavam nela voltaram para a sua vida morta, e individualista. Cada um saiu para um lado e a moça simplesmente desapareceu na multidão, sem me dizer o seu nome. Acabei perdendo o retrato nessa festa que me deixou com tontura. E, aproveitando a minha fraqueza, um bandido me pegou de surpresa enquanto o seu comparsa tomava o meu drone, dizendo: — Fica quietinho aê, moleque. Esse robô voador é nosso agora, deve valer muito dinheiro. Pensando bem... você deve valer muito também... vamos levar você junto! — Cumprindo os seus algoritmos, meu drone atirou um raio elétrico bem no meio da testa do bandido, eletrocutando ele. Aproveitei e joguei o ladrão que me segurava em cima daquele que tomava choque, para acompanhar o seu cúmplice. A dupla caiu nocauteada e, sem muita demora, apareceram dois guardas da cidade em um carro antigo preto e azul, graças aos sensores que estavam por todo lado. Eles me levaram para o quartel-general, onde eu recebi dezenas de papéis e uma caneta com anéis para os dedos. — Assine estes documentos e relate o que aconteceu nestas folhas. Use esta Prismall-M; ela vai se conectar à sua memória e te ajudar a escrever tudo com detalhes. Depois me entregue só as folhas; a caneta fica com você de presente. — Obrigado. E eu preciso de ajuda; os meus pais desapareceram e... — Desaparecimento? Hum... vou chamar o detetive-chefe Eyneon. Enquanto isso, preencha os formulários. — Enfim, eu conheceria o famoso detetive-chefe Eyneon. Quando eu terminei de assinar e preencher aquela papelada toda, o guarda enfiou os papéis dentro de uma máquina e apontou para uma sala, dizendo que o detetive já me esperava. Ao entrar na sala, vi um marinheiro de uns 17 anos, sentado na mesa do detetive-

chefe, limpando um submarino em miniatura. — Você é o detetive-chefe de Teknalia? — Pão — respondeu o marinheiro. — Pão? Você quer pão? Tá com fome? — Ele tem dislalia, e quis dizer "não" — traduziu o verdadeiro detetive, saindo de um canto escuro, vestindo um sobretudo. — Eu sou **Eyneon**, o detetive-chefe de Teknalia. Ele é só o meu aprendiz, **Lhurne Baquara**. Como você se chama? — Kaoni Ivituruí. — Quando ouviu o meu nome, Lhurne tomou um susto e deixou cair o submarino. — Ei, Baquara! O que deu em você? — Dana. Danadão. — Não entendo. Seu aprendiz é um marinheiro? — Sim. Antes de me tornar detetive, eu era o capitão daquele submarino, onde o Lhurne demonstrou uma capacidade notável de aprendizado rápido. Sua mente afiada é inestimável em minhas investigações. Bom, vamos cuidar do seu caso. Deixe-me ver... — O detetive abriu um holograma na sua mesa, e pesquisou o meu nome. Flagrei o aprendiz olhando para a minha cara e logo ele disfarçou, voltando os seus olhos para a miniatura. — Temos um problema. Não há informações sobre você. Onde foi que você nasceu? — Não me lembro, detetive. Deve ter sido em casa mesmo. — Tem alguma foto dos seus pais, pelo menos? — Sim, mas eu perdi no meio do caminho. — Assim, fica difícil... — reclamou, coçando a testa, e continuou: — Vejo que te deram uma caneta da Prismall. Isso vai te ajudar a descrever os seus pais. Escreva nesta folha como eles são, detalhadamente. — Vou tentar, detetive. Farei o meu melhor. — Levou uma hora, mas eu descrevi vocês com detalhes, me lembrando do longo cabelo ondulado e azul-claro, da pele clara e dos olhos azuis da minha mãe. Lembrei também da pele escura e do cabelo cacheado e preto, e dos olhos pretos com um círculo prateado em volta da íris que o meu pai tem e

que só dá pra ver na luz intensa, iguais aos meus. Ele inseriu a minha descrição na máquina e ela criou um "retrato falado" em três dimensões, idêntico à realidade. Na sequência, contei para ele da nossa escuna, e do último dia em que nos vimos. O Baquara prestava atenção em tudo, calado. — Muito bem. Com essas informações, eu posso iniciar a investigação. Vou pedir para as emissoras noticiarem esse desaparecimento, e... o que está acontecendo? — No meio da conversa, as luzes piscaram em toda a cidade. Eyneon foi para a janela e observou aquilo, pensativo. — Kaoni, por acaso você sabe alguma coisa sobre quem está por trás desses apagões? — Nesse momento, eu lembrei da garota no apagão da escola e dela me beijando naquela festa. Um sentimento inexplicável fez com que eu mentisse para proteger essa moça, que eu ainda não conhecia direito. Eyneon insistiu e eu confirmei — Sim, tenho certeza. Não sei quem está fazendo isso. — Hum... está bem. Baquara, convoque uma reunião com os nossos agentes na sala de reunião. — Fim, cabidão. — O aprendiz passou bem perto de mim, com uma expressão silenciosa de reprovação em seu rosto, antes de sair da sala. O detetive-chefe colocou a mão em meu ombro, e disse: — Mantenha a esperança, mas esteja preparado, garoto. Não podemos garantir a segurança de quem está fora dos limites de Teknalia, onde moram os nossos inimigos. Vou chamar dois agentes que te levarão de volta para a sua casa. Venha comigo. — Segui o Eyneon até a garagem. As lâmpadas de emergência eram fracas, mas suficientes para não se perder lá dentro. Ele pediu para dois guardas me darem uma carona de volta para a minha casa. Enquanto eles me levavam de carro, as luzes de Teknalia reacendiam pouco a pouco, e eles conversavam sobre aquela chuva de corpos-secos

que amassou a viatura. Me perguntaram se eu sabia o que eram aqueles monstros, e eu tive que mentir de novo. Adiante, na mesma avenida, acontecia um protesto que fez o guarda estacionar o veículo, reclamando: — Que merda essa garota pensa que está fazendo? Fique aqui, rapaz, nós vamos lá resolver isso. — E saíram do carro depressa, me largando dentro dele. Eu não queria ficar parado ali. Eu tinha mais o que fazer. Então segui o caminho de casa a pé. Passei perto do local da manifestação e a líder do movimento era nada mais, nada menos, que a mesma garota daquela festa alucinógena. Ela me viu, sorriu levemente e continuou o seu discurso, erguendo uma carta que eu não podia ler devido à distância: — Não precisamos de nada disso! Toda essa luz não nos ilumina, só nos deixa cada vez mais cegos! Não tenham medo do escuro! — Os guardas avançaram com os seus escudos contra os manifestantes, iniciando o confronto. A garota vestida de preto pegou dois punhais prateados e se misturou com os rebeldes. Alguns soldados atiraram bombas de gás e eu já respirei a minha cota de gás naquela festa. Continuei o meu caminho para casa, morrendo de sono, chegando nela poucas horas antes do amanhecer, exausto, e tentei dormir um pouco.

Elenia e Ró

No meu sonho, eu ainda era uma criança. Vocês estavam brincando comigo embaixo da nossa árvore. — Todos nós deveríamos ser como esta árvore. — Como assim, papai? — Ela não é egoísta, dá os seus frutos e folhas para alimentar qualquer um que precise. Ela nasce para ajudar os outros seres deste mundo. Nada desaparece: quando esta árvore morrer, terá deixado muitas sementes que continuarão a sua missão. — A minha mãe se levantou, olhando para o céu, preocupada, e

disse: — Filho, você cometeu vários erros, e agora está em perigo. Não deixa ele te pegar! Fuja! — Mal o dia amanhecia em Teknalia, e eu já acordava com um vulto tenebroso no canto da minha visão. Era uma sombra com olhos vermelhos e brilhantes e uma boca enorme ao lado da minha cama. Me levantei assustado e o vulto desapareceu. Quando eu fui pisar no chão, tinha uma pá que virou e bateu na minha cabeça. Ouvi uma risada esquisita atrás de mim, fazendo "rórórórórό", mas ao olhar para a sua direção ele parou de rir e eu não via ninguém. Foi então que a torneira do banheiro se abriu sozinha. — Iukaeta Sirai. — Com a espada em mãos, eu saí do quarto para ver quem invadiu a nossa casa. O Defendrone estava no chão, desligado. E, uma voz lenta e horripilante surgiu na sala, repetindo: — Tô com fooomeeee... vou te comeeeeer! Haaahaaahaaahaaahaaa! — Com muito cuidado, discretamente, eu fui para a sala e acendi a lâmpada com a espada. Pronto para render o invasor, eu descobri que a voz era do Tubarão Monstro de brinquedo. Ele estava no sofá com uma bateria velha e um megafone no seu alto-falante. E novamente eu escutei o "rórórό" risonho, mas só eu estava lá. Enquanto procurava, notei que a porta de casa estava aberta. Fechei ela e fui para a cozinha, encontrando um rato andando pelo chão e um ovo na frigideira sobre o fogão. — Mas que negócio é esse? Um bandido invade a minha casa só pra comer, e usar o banheiro? E ainda faz palhaçada — pensei, e fui dar uma olhada no porão. Eu ia descer a escada, mas lembrei que ainda não tinha verificado o banheiro. Quando eu me virei, o rato estava flutuando bem na minha cara. Eu gritei de susto, o rato também gritou e acabei caindo da escada que desce até o porão. E outra vez estavam rindo de mim. Saí do chão todo dolorido e acendi

a luz. Foi quando eu vi aquela garota que liderava o protesto sentada numa cadeira com um mapa nas mãos. Sua calça tinha um cinto fino e bem comprido, sem fivela, dando várias voltas. Ela estava com muitos ferimentos e hematomas. Surpresa ao me ver, ela perguntou: — Você... o que você está fazendo aqui? — Eu moro aqui. — Nossa... desculpa. Pensei que este lugar estava abandonado. Todos na cidade vivem em apartamentos minúsculos que mais parecem gaiolas, sabe... — Tentei me sentar em outra cadeira, mas alguém a puxou e me fez cair de bunda no chão. Novamente riram de mim por trás, e a moça exclamou: — Ró! Já chega! Seu feio! — Um ser obscuro, meio magrelo, e meio robusto, de olhos vermelhos, e dedos compridos, apareceu, parando de dar risada aos poucos. — Pede desculpa para ele agora. — Róróró — me disse aquela coisa monossilábica, e eu perguntei: — Quem são vocês? — É mesmo, eu nem te disse o meu nome aquela noite... eu sou **Elenia Setan**. E ele, eu o chamo de **Ró**. Não sei o que ele é exatamente, parece uma sombra, um fantasma... sei que é meu amigo e que gosta de fazer travessuras sem tocar nas pessoas. — Como uma coisa medonha dessas pode ser tão besta... — O Ró começou a chorar quando eu disse isso. — Ah, você magoou o Ró... melhor pedir desculpa — avisou Elenia, enquanto o Ró abria a boca para me engolir. — Desculpa Ró, desculpa! — Assim, não. No idioma dele! — gritou Elenia. — Mas que... tá bom, tá bom! Róróró! Róróró! — O Ró parou depois que eu falei isso e voltou ao normal, mas rindo da minha cara. — Não liga pra ele não, ele é assim mesmo. E você, como se chama? — Kaoni Ivituruí. Por que você atacou os guardas? — Eu não ataquei ninguém! Eles que me atacaram. Sou inocente, você não vê? — Mas eles te atacaram por causa

da sua rebelião. Qual o motivo dela? — Você faz muitas perguntas! Parece que eu estou em um interrogatório! Você é muito curioso. Cuidado com isso! — Ela me olhou por um momento, pensativa, e continuou: — Hum… você é estranho o suficiente para ter a minha confiança. Pegue. — Elenia me deu a carta que ela exibia no protesto. Era um pedido de socorro de uma mulher que estava presa dentro da Prismall. — Eu achei isso dentro de uma conservadora de remédios enroscada nas margens do Rio Itanakuar. A mulher que escreveu essa mensagem foi levada pelos guardas da cidade para um lugar secreto dentro das Indústrias Prismall, onde um míssil gigante está nas águas da Grande Barragem com um cristal luminoso dentro dele, do tamanho de um carro, e muitas pessoas ao seu redor estendendo os braços e sacrificando a sua energia vital para alimentá-lo. — Ao ouvir sobre aquele cristal, o Ró grunhiu de um jeito estranho, de cabeça baixa, sem interromper a garota rebelde: — Ela fingiu que também estava naquele transe e saiu dessa prisão quando teve a chance. Se escondeu dos guardas e deixou essa mensagem na correnteza do rio. Kaoni, os meus pais estão desaparecidos há quase um mês, e agora eu tenho a certeza de que eles também estão presos lá dentro! Eu vou lutar com todas as minhas forças contra essa porcaria de sistema que suga até as almas das pessoas e as aprisiona. Quem tentar me calar vai conhecer as minhas duas irmãs: — Elenia puxou os dois punhais. — A Brilhante e a Prateada! — Isso explica o pouco-caso dos guardas com os desaparecimentos. Eu achei que poderia confiar neles, no detetive-chefe... parece que não dá para confiar em ninguém aqui. — Ela se levantou, guardando as lâminas gêmeas, olhou ao redor e perguntou: — Você mora sozinho nesse… como se

chama isso? Museu? — Isso se chama casa. — Fiquei surpreso por ela não saber o que é uma casa. — Ah, sim, casa. Isso mesmo. Mora sozinho nesta casa? — Sim. — Já viu esse mapa aqui? — Ainda não. — É um mapa idêntico ao desta cidade, só que com algumas diferenças. Eu acho que esses desenhos aqui são bombas enterradas. Não tem perigo delas explodirem? — Hum... acho que não. Esse mapa é antigo e elas já teriam sido detonadas por tanta movimentação em cima delas. Você não estava pensando em explodir a cidade, né? — Hahaha... — ela riu, subindo as escadas do porão. — Você é engraçado. Eu... preciso fazer uns curativos, onde fica o banheiro? — Eu mostro pra você, vamos. E pode dormir no meu quarto se quiser, eu vou ficar na sala. — Que gentil. O Ró não vai mais te causar problemas. Prometo. Gostei da sua casa, parece um museu, por isso eu me confundi... — justificou-se Elenia, enquanto eu a levava para o banheiro e o seu monstro desvanecia, como um fantasma de olhos azuis. Ela cuidava dos machucados e eu estudava o mapa na sala. Realmente aquele mapa era da mesma região de Teknalia, só que de muito tempo atrás, quando o seu nome era **Itatama**. Nele, havia um emblema circular como o que estava lá na mesa e que lembrava um monte com névoa, mas esse lembrava uma espada com um cristal encravado. Várias indicações bem óbvias de bombas enterradas foram anotadas por todo o mapa. — Me diz então, gato, o que você faz? Como sobrevive assim, sozinho? — me perguntou Elenia, de dentro do banheiro. — Bem, eu sou um ajudante de guarda marítimo. — Não acredito nisso. Não tinha algo melhor para você fazer, não? Pensando bem, pode ser interessante ter um amigo infiltrado lá, para me ajudar a lutar contra o sistema. — Não quero lutar contra sistema nenhum, só ganhar dinheiro pra

poder comprar umas revistas que eu gosto. — Sei, revista de mulher pelada. — Quê? Claro que não. Eu não tenho isso. — Não minta pra mim, vocês gostam de ficar vendo essas coisas. — Não estou mentindo! — Tá bom, seu guarda. Eu acredito em você. — Ela saiu do banheiro e me entregou o retrato que eu perdi na festa: — Isso deve ser seu. Quem são eles? — São os meus pais. Faz 5 anos que eles sumiram. — Nossa, quanto tempo! — Tem algo muito errado acontecendo aqui e nós precisamos descobrir o que é. — Acho que precisamos mesmo é de novos ares, para pensar melhor. Eu queria tanto poder sair dessa cidade por um tempo mas eu não sei como... — Eu já saí de Teknalia e fui para as montanhas. — Os olhos da Elenia brilharam e ela me sacudiu pelo cachecol, pedindo, desesperada: — Me tira dessa cidade, Kaoni! Por favor, me tira daqui! É o meu sonho, Kaoni! — Ei! Calma! Você está toda quebrada, aí! E precisa de um disfarce! — Mas... — E tá muito cedo. Os guardas estão todos na rua atrás de você. Vamos esperar um pouco. — Esperar? Ah, que entediante... prefiro esperar dormindo, assim eu não vejo o tempo passar. Onde fica a câmara de sono? — Hã? Câmara de quê? — O lugar onde a gente dorme. — Ah, sim, eu te mostro. — Levei ela até a minha cama e ela ficou confusa. — Onde está o botão que liga essa coisa? — É só deitar e dormir, Elenia. Você não sabe dormir numa cama? — Eu não sabia nem que existia cama! — Elenia tirou os calçados e deitou no colchão. As plantas dos seus pés tinham duas cicatrizes de furos profundos que devem ter doído bastante. Deixei ela sozinha no quarto e fiquei na sala, onde eu tirei um cochilo de algumas horas, estudando mais um pouco aquele mapa. Acordei ouvindo a Elenia me chamando. Ela parecia bem melhor e se disfarçou com uma

touca, um óculos que cobria a metade da sua cara, e um bigode mafioso. — Estou pronta pra sair da cidade. Com este disfarce que o Ró me trouxe eu não vou levantar nenhuma suspeita! Vamos! — Espere aí! Você está parecendo uma terrorista! — Saímos de casa e eu fiz o mesmo caminho do túnel interditado com ela, até chegar no acampamento. Não encontrei o Cyano e a Elenia achou o rastro de uma moto. Ela seguiu o rastro correndo para a mata fechada, deixando para trás o seu não-disfarce, alegre e deslumbrada, sem saber os perigos que a esperavam lá dentro. Chamei a Iukaeta Sirai e fui atrás dela, tentando alcançá-la. O rastro terminou em uma pedra no alto de um monte que nós investigamos, e eu encontrei a carta que eu tinha escrito lá na praia, dentro da garrafa, jogada no chão. — O que é isso, Kaoni? — É uma carta. — E o que é uma carta? — Ai... é uma mensagem, Elenia. Meus pais a escreveram perguntando onde eu estava e eu respondi. — Ah... mas espera um pouco. Os seus pais não precisariam perguntar isso, Kaoni, pois foram eles que saíram de casa e deixaram você aqui. — Essa indagação da Elenia me fez perder o chão. — Acho que é alguém se passando por seus pais, querendo saber onde você está, para te sequestrar! — Droga. Como eu não pensei nisso antes?! — Pois é. Já dizia a minha vó: duas cabeças pensam melhor do que uma. — Enquanto eu me punia pela besteira que eu tinha feito, a Elenia subia na rocha. Lá do alto, ela me chamou: — Kaoni! Isso aqui é demais! Você precisa subir aqui, para ver isso! Vem! O que foi feito, está feito! — Rasguei aquela carta em mil pedacinhos e também subi na pedra, de onde eu pude ver toda a cidade de Teknalia, as montanhas ao redor dela e um pouco do que havia por trás delas. Distante no oceano tinha uma grande embarcação que se aproximava

lentamente. — Kaoni, obrigada. Nunca me senti tão bem, tão livre, em toda a minha vida. Será que existe um lugar melhor para se viver lá do outro lado? — Olhei para o horizonte, e me lembrei do que Eyneon havia me dito sobre os inimigos que habitam as terras distantes. Depois, ela me perguntou sobre os livros que estavam no porão de casa, e eu respondi, mas ela não entendeu a resposta: — Mas, o que são livros, Kaoni? — São... são blocos de coisas escritas. — E o que tem escrito neles? — Não sei, pois eu ainda não consigo ler aqueles símbolos. — Então não servem para nada. — Você é bem objetiva. — Claro. E você tem hábitos bem estranhos. Quero saber mais sobre o seu costume de correr pelado na praia. Você faz isso todos os dias? É um tipo de esporte? — O quê? Er... melhor a gente ir andando. Precisamos sair dessa floresta antes que escureça. Aqui não tem postes de luz. — O que foi? Tá com medo do escuro? Não tenha medo do escuro, Kaoni.

Mercenários do mar

E então, nós voltamos para a cidade, ao anoitecer. A Elenia usou aquele mapa antigo para esconder o seu rosto, fingindo que estava procurando alguma coisa nele. — Ai, estou morta de fome. Vamos entrar naquela lanchonete, para comer alguma coisa. — Não sei se é uma boa ideia. — Você se preocupa demais! Fica de boa, pra não levantar suspeitas. — Entramos na lanchonete, e comemos o nosso lanche assistindo ao noticiário na televisão holográfica, sobre aquele navio que eu avistei de cima da pedra. Era o gigantesco, e infame, Navio Bombardia, carregado de mercenários, e cercado pela guarda marítima, da qual, eu quase fiz parte. Sem nenhum aviso, Bombardia afundou todos os barcos que o cercavam, de uma só vez, com os seus canhões. Eu até me engasguei com o suco de

kamu-kamu. Sem mais, nem menos, a transmissão foi interrompida por um capitão desfigurado, com dentes de metal que batiam enquanto ele falava, produzindo um som sinistro: — Agora está pronta esta merda inútil? Haehaeha! Sou o **Capitão Tormentor**, e venho trazer a previsão do tempo para esta cidade. Hoje vai chover chumbo grosso em cima de todo mundo! Vou reativar as minas terrestres, e detonar todas elas, com os meus canhões. Nada vai ficar de pé! Só existe uma maneira de se salvarem. Entreguem para mim um garoto chamado Kaoni Ivituruí, ele vai me render uma bela recompensa! Façam isso depressa, seus ratos! Haehaeha! — Aquele capitão desfigurado arranjou uma foto minha, não sei como, e mostrou ela na televisão. Todos na lanchonete ficaram em silêncio, olhando para mim. O clima ficou tão tenso, que eu até deixei o copo de suco cair no chão. O balconista tentou me agarrar, e eu me livrei dele, empurrando-o contra as prateleiras de bebidas. Em seguida, um gordão se levantou da mesa, e gritou: — Peguem ele! As nossas vidas dependem disso! — Uma mulher jogou sua cadeira em cima de mim, e a Elenia rebateu com o banco que estava sentada. E assim, começou a maior quebradeira na lanchonete, com aquelas pessoas tentando salvar a própria pele, entregando a minha para o "boca de serrote". A Elenia tinha uma agilidade incrível, e nem precisou usar os seus punhais. No meio da briga, eu chamei a espada, só para ver se eles recuavam, intimidados por ela. Porém o instinto de sobrevivência deles falou mais alto, e eu não tive escolha. Nós dois juntos, um ajudando o outro, conseguimos derrotar todos eles. Elenia olhou ao redor, e falou, em tom de brincadeira: — É... o pau comeu solto nessa lanchonete! Agora, quem precisa se disfarçar é você! Vamos

nos esconder! Vem! — Elenia me guiou apressada até o Centro Empresarial de Teknalia, e subiu comigo a escadaria da manutenção, até o nosso esconderijo, no final dela. — Estamos sem saída aqui, Elenia. É melhor... — Ela tampou a minha boca com a mão. — Tem alguém se aproximando. Vamos ficar quietos. — Eu não percebi nada de imediato, porém segundos depois, eu ouvi passos na escadaria, e senti a vibração deles nos seus metais. Ouvimos as vozes do andar de baixo. Espreitei pela beirada, e vi o Detetive Eyneon. Lhurne Baquara olhou para mim, e eu voltei, aflito. — O que foi, Kaoni? — Ele me viu. O ajudante do detetive me viu. — Putz, agora ferrou... e justo agora que o Ró dormiu! — reclamou Elenia, colocando as mãos nos seus punhais. O ex-marinheiro subiu as escadas, lentamente, enquanto procurávamos alguma forma de escapar. Sem nenhuma opção, Elenia tomou a frente, e ficou em posição de ataque. Quando o Baquara nos descobriu, ele ficou parado, com o dedo indicador na boca, pedindo silêncio. Não entendemos nada. — Baquara! Tem alguém aí em cima?! — Pão! Duto limbo! Vira vó lá na Tanzânia — encobertou o Baquara. — Era só uma ratazana?! — Logo após essa pergunta do detetive, nós ouvimos o barulho de um carro que arrombou o portão da entrada, e o Eyneon pediu para o Baquara descer imediatamente. — Ué? Por que ele nos ajudou?! — Eu acho que ele também sabe alguma coisa sobre mim — lembrei da reação dele ao ouvir o meu nome. — Você tem razão, Kaoni. Esse lugar não é tão bom quanto eu pensava para se esconder. Vamos salvar os nossos pais, e sair com eles daqui! — Descemos alguns andares, e caminhamos agachados nas passarelas de metal do prédio, como duas ratazanas mesmo, assistindo ao combate dos guardas de Teknalia, contra os

subordinados de Tormentor que invadiram a cidade, lá no térreo. Atravessamos uma porta, e descemos a escada de incêndio até um beco. De um lado, os guardas nos flagraram: — Ele está com a sabotadora! Peguem os dois! — Corremos até o outro, e os invasores nos viram: — Achamos você, Kaoni! Renda-se, ou, esta cidade será totalmente destruída, com você dentro dela! — Elenia olhou ao redor, e achou uma porta. Escapamos por ela, e eu a congelei com a minha espada, dessa forma, ninguém seria capaz de abri-la. Estávamos em um depósito de bebidas, e o cheiro do álcool beirava o insuportável. Usei o meu cachecol para filtrar o odor. Um guarda saiu de trás do barril, e nos deu voz de prisão. Logo depois, foi alvejado por um mercenário bem atrás dele, acompanhado de outra invasora, que berrou: — Vocês são burros, ou o quê?! É melhor se entregarem, pois, tudo nessa cidade vai virar pó! — É! É isso mesmo! Se resistirem, será pior! — Eles apontaram as suas armas para nós. Sem saída, pensei em me render, mas uma força invisível bateu a cabeça dos capangas, uma na outra, atordoando eles. Elenia aproveitou a oportunidade, e passou os dois punhais nas coxas da invasora, causando um tipo diferente de ferimento que deixava uma marca de cor e brilho invertidos. — Ai, o que é isso?! Minha perna! Eu não consigo sentir a minha perna! — Os meus punhais inverteram os átomos da sua perna de saracura, e cortou a comunicação entre os nervos dela, e o seu cérebro de minhoca! — Ela tentou recuperar a sua arma, e a Elenia chutou o revólver dela para longe. A minha amiga estava com duas tatuagens iguais nas costas das suas mãos, que emitiam uma exótica luz preta, e tinha a forma de um círculo preenchido, um círculo dentro de outro, um círculo grande, e um pequeno,

todos conectados em zigue-zague. Enquanto isso, o mercenário lutava contra um clone dele mesmo, que o desarmou, e o adormeceu jogando um pó amarelo na cara dele. Quando esse clone tirou as mãos do mercenário, ele revelou a sua verdadeira aparência, com uma tatuagem brilhante por todo o corpo, cuja a luz que atravessava as suas roupas se apagou lentamente. Era o mesmo rapaz que falou comigo, na biblioteca vazia. — Procurei vocês dois pela cidade toda! Para onde você foi, Elenia? — Eu só fui dar uma volta. Kaoni, esse é o **Kaienan Macunaima**. Ele é quase um irmão para mim. As tatuagens dele parecem circuitos eletrônicos, e dão a ele a habilidade de mimetizar qualquer ser vivo, enquanto estiver tocando nele. — Nós já nos conhecemos. Eu só não sabia quem ele é, e o que ele pode fazer. — E, por que você não me falou dele, Kaienan?! Por quê?! — Porque você não me perguntou! — Aaah... — Não temos tempo para isso. Tormentor trabalha para o Raio Feroz, e nós vamos precisar de muita ajuda para sair dessa enrascada. Vou me reunir com a minha equipe que está infiltrada na cidade, para pedir reforços. — Que equipe? Do que você está falando?! — Leve o Kaoni para o ponto de encontro, Elenia, e não saiam de lá! — Kaienan! Espera! Preciso te falar uma coisa! — O amigo da Elenia foi embora, apressado, sem ouvir o que a Elenia tinha para dizer a ele. — Ponto de encontro... eu preciso libertar os meus pais! Vamos, Kaoni! — Saímos do depósito, e corremos pela avenida, sob uma chuva esparsa de pingos pesados, como o ambiente ao redor de nós, até alcançar as margens do Rio Itanakuar, que terminava na Grande Barragem, onde ficava a sede da Prismall, derrotando alguns inimigos que brotavam pelo caminho. Subimos a margem do rio, perseguidos por um barco

sequestrado pelos mercenários, que nos atacavam à distância com as suas armas de fogo. Tomamos uma cobertura atrás de um tubo de aço, com uma válvula. — Ró! Acorda! Sei que ainda está cansado, mas eu preciso muito da sua ajuda agora! Ró! — insistia Elenia, sem obter resposta. Para complicar ainda mais, um carro-tanque da guarda estacionou bem na nossa frente, liberando 10 soldados. Um deles, com lança-foguetes, atirou no barco sequestrado, dividindo ele em dois com a explosão. — Rendam-se! Vocês estão cercados! QAP central! Estamos com a sabotadora, e o seu cúmplice! — Os guardas se aproximavam lentamente de nós. E, quando eles estavam no meio da avenida principal, uma das minas terrestres estourou logo abaixo deles, arremessando tudo para o alto, e deixando uma cratera. Todos os soldados foram desintegrados, e o carro-tanque virou um monte de sucata. Outros estrondos, de bombas explodindo, podiam ser ouvidos, ecoando por todos os lados. Eu não tenho certeza, mas o mesmo sinal que ativou as minas terrestres, ativou o modo de defesa do Defendrone. Ele me localizou e chegou voando onde nós estávamos, com o seu rádio ligado. No meio da estática, haviam ruídos que mais pareciam grunhidos de alguma besta, em um jogo de RPG. Prosseguimos na nossa jornada até as Indústrias Prismall, desviando o caminho toda vez que o rádio do robô emitia sons estranhos na sua estática, graças à modificação feita nele pelo famoso cientista. Quando avistamos o nosso objetivo no horizonte, com a Grande Barragem logo atrás dele, nós ouvimos rumores no céu, semelhante à uma tempestade. E, não deixou de ser uma. Bolas de chumbo rasgavam os ares numa velocidade assustadora, demolindo os prédios, e caindo com os destroços, que detonaram as minas terrestres com o impacto. A

Grande Barragem foi atingida, e muita água vazava pela sua rachadura. — Se aquilo quebrar, Kaoni, será o nosso fim! Ela guarda uma imensidão de água! — ALERTA! ALERTA! — repetia o robô voador, piscando em vermelho, e iluminando, com o seu farol, uma enorme bola de chumbo, caindo bem em cima de nós. A Elenia me abraçou, e no momento em que a morte era iminente, fechamos os nossos olhos. Tudo ficou escuro, e, depois, veio a luz. Abrimos os nossos olhos, e vimos que a minha espada se transformou em um homem com uns 24 anos de idade, mais baixo do que eu, de pele escura, cabelos longos, com duas tatuagens douradas e cintilantes nos antebraços. Seus desenhos lembravam a mesma arte primitiva no manto daquele homem misterioso, com um besouro rinoceronte, e vários símbolos, no centro. Sua força era desproporcional ao seu tamanho: ele segurou a enorme bola de canhão com as mãos, e a devolveu para o lugar de onde saiu. Elenia ficou pálida, tremia, e gaguejava, de tão apavorada. Ele se apresentou, com um olhar valente: — Não precisam ter medo de mim. Sou **Birtan Akitan**, o **primeiro mestre** dessa ferramenta da discórdia, que me trouxe de volta. — Interrompendo as apresentações, um veículo que se aproximava de nós em alta velocidade foi esmagado por um pedaço de concreto, e logo em seguida explodiu, deixando uma cratera. Do outro lado dela, mais automóveis estacionaram, formando uma barreira de proteção para os mercenários que saíram deles. — Atirem neles, sem piedade! — berrou um líder mercenário, e todos os outros dispararam contra nós. Birtan abriu na marra o portão de aço da loja de eletrodomésticos, e nos chamou para dentro dela. A força bruta do primeiro mestre assustou os clientes e funcionários que se esconderam dentro

da loja, e eles fugiram para os andares de cima. E arrancando as portas com as mãos e sem muito esforço, Birtan abria o caminho até os fundos da loja. Todas as televisões mostravam o Navio Bombardia ao vivo pela câmera de um helicóptero, quando o Cyano passou na frente dela, ferido e furioso. Ele ergueu o cajado, e repetiu no oceano a mesma técnica que ele usou contra mim na floresta. Elenia e Birtan me apressaram, e eu tive que deixar o noticiário para fugir com eles pela rua de trás. — Aka Imanu Nemina Nou Ani Bae Ul. — Ao pronunciar essas palavras, o Birtan acendeu sete símbolos na palma da sua mão esquerda, que projetaram um radar holográfico. — O que existe nessa direção? — perguntou Birtan Akitan, apontando para a direção do ponto que surgiu no radar. — As Indústrias Prismall — respondeu Elenia. — Precisamos entrar nesse lugar, e destruir o cristal corrompido que está lá dentro. Esse cristal pode atrair a energia maligna de Anibael. — O que é Anibael? — perguntei. — É um monstro cujo conhecimento é tão grande quanto a sua maldade. Ele pode provocar a... — Birtan se calou quando viu que o seu corpo brilhava, e nos orientou: — Tenho pouco tempo. Kaoni, Elenia, destruam o cristal corrompido, e depois, façam o bom uso das suas Ferramentas da Discórdia para promoverem a união, resolvendo os mistérios e os conflitos que tiram a nossa paz, para que Anibael não volte nunca mais... — E a minha espada retomou a sua forma original. — Kaoni, essa espada, ela... ai, eu não estou entendendo nada! — Minha espada vira gente que já morreu. E ele era um antigo dono dessa espada que nos salvou! — Outra saraivada dos canhões aconteceu, e as luzes da cidade falharam enquanto nós dois corríamos para a sede da Prismall, tomando cuidado para não sermos esmagados, e

desviando das minas terrestres com a ajuda do Defendrone, que acendeu a sua lanterna embutida ao perceber que o ambiente ficou bem mais escuro. No *outdoor* holográfico que iluminava o caminho pelo qual passamos, a reportagem filmava um polvo abissal enorme e hipnótico, brilhando em cores como as luzes daquela festa onde eu vi a Elenia pela primeira vez, e arrancando os canhões do Navio Bombardia com os seus tentáculos.

O dono de Teknalia

Um tiro de canhão destruiu o projetor desse holograma. Saímos de perto daquele prédio para evitar os seus destroços em queda livre, correndo contra o tempo até chegar nas Indústrias Prismall. Vários acidentes de trânsito na avenida dessa empresa, cujas vítimas eram funcionários dela, nos contavam a história de uma fuga desesperada. Passamos pelos seus portões sem nenhuma dificuldade, já que todos os guardas abandonaram os seus postos, com medo da inundação. E vi que aquela indústria tinha a maior antena de toda a cidade, o que me deu uma ideia: — Se as minas terrestres foram ativadas por um pulso eletromagnético, podem ser desativadas por outro pulso! Temos que chegar naquela antena, Elenia! — Então, vamos logo! — Entramos naquele prédio incrivelmente grande, com muitas salas e corredores, parecia um labirinto, todo alagado. O chão tremia, as luzes piscavam, e nós dois ficamos perdidos, ouvindo o som da barragem derramando a sua água. — Vamos para o elevador. — Não, Elenia. É perigoso demais. Vem comigo. — Subimos uma escada cansativa, que nos levou para dentro de uma fábrica, com garras que selecionavam cristais de todas as formas, máquinas que moíam esses cristais, sensores que mediam seus níveis de radiação, e uma

impressora de circuitos que usava o pó de itanakuar como matéria-prima. Nós atravessávamos essa fábrica, quando as máquinas enlouqueceram, tentando nos agarrar, e nos ferir. Eu as congelava com a minha espada, e a Elenia usava os seus punhais para desativá-las, até chegarmos em um portão ostentoso e trancado. Elenia golpeou a fechadura com o seu punhal, fazendo aquele corte escuro e destrancando o portão. Ele nos deu o acesso ao interior de uma luxuosa mansão, com retratos do Apolônio, e da sua família aristocrática. Andamos silenciosamente por seus cômodos, e vimos a porta da Sala de Comunicação, atrás de cinco militares: dois com lança-chamas, dois com bastões elétricos, e um na metralhadora de tripé. — São os comandantes do Apolônio. Eles sempre aparecem ao lado do chefe. Isso significa que estamos perto dele — informou Elenia. Observando os comandantes, eu notei um comportamento estranho. Eles olhavam para as suas armas como quem olha para um diamante. Elenia chamou o Ró mais uma vez, aos sussurros, e ele não apareceu. — O Ró ainda está dormindo. Vamos ter que passar por esses caras na raça, e na coragem. — Essa sala é iluminada por um lustre, que está bem em cima da metralhadora. Hum... Defendrone, use a sua arma de choque para superaquecer a corrente do lustre, até que ela se rompa. — O robô fez o que eu pedi, e derrubou o lustre em cima da metralhadora de tripé, desmontando ela. As luzes de emergência se acenderam quando a sala ficou escura, e o comandante que estava na metralhadora escapou por pouco. Ele atacou o seu colega, tentando roubar o seu lança-chamas. Uma esquisitice que veio bem a calhar. — De onde saiu essa varejeira robótica?! Destruam essa lata de sardinha voadora! — Os outros três guardas se distraíram por causa do Defendrone,

e a Elenia aproveitou isso para pegá-los de surpresa. Fui logo atrás dela, para lutar ao seu lado. Ela derrubou um comandante do bastão, desabilitando as suas pernas, e braços, com os dois punhais. — Um churrasquinho! — Sai daí, Elenia! — Salvei a moça de preto puxando ela para o lado, antes que fosse queimada viva pelo lança-chamas do outro comandante. O Defendrone não perdeu tempo, e acertou esse pau-mandado com a sua arma de choque, desmaiando ele. Infelizmente, um subordinado bateu o seu bastão elétrico no robô voador, que sobrecarregou e explodiu. — Não! O Defendrone! Eu ia usar ele para salvar a cidade! — Preocupe-se mais consigo mesmo, patife! — O comandante que destruiu o meu robô pegou o bastão daquele que foi derrotado pela Elenia, e me atacou com dois bastões elétricos. Eu me defendi com a espada, e a Elenia veio me ajudar, entrando na briga com uma rasteira. Aquele que tentava roubar o lança-chamas do seu aliado, foi buscar a arma do outro que foi vencido pelo drone, permitindo que o seu colega atirasse fogo em nós. Escapamos das chamas dos dois comandantes, que incendiaram aquela sala pomposa, ao mesmo tempo em que nos defendíamos dos golpes daquele com os dois bastões, nos acertando algumas vezes, em uma intensa batalha pelas nossas vidas, e pelas vidas dos prisioneiros. Tão intensa que, pela primeira vez, o contador eletrônico na minha espada passou do número 999. Ela ficou leve como uma pena, e isso melhorou a velocidade dos meus ataques, mas a fumaça, e o calor, me atrapalhavam muito. Durante o combate, um aquário glamoroso foi quebrado pelo comandante, quando eu me desviei de um dos seus golpes. Sua água apagou quase todo o incêndio, enchendo a sala de vapor. — Aproveitem a sauna, seus pivetes. Porque eu vou mandar vocês dois pro inferno! —

gritou o comandante, enquanto nos desviávamos das labaredas de fogo dos lança-chamas. Ele partiu pra cima de mim, e eu bloqueei o seu ataque com a espada. Como os bastões dele estavam molhados, a minha espada cobriu eles com gelo, tirando o seu poder elétrico. — Não! Meus bastões! — choramingou como uma criança, e depois, foi roubar um dos lança-chamas, mantendo ele ocupado. O outro não conseguiu dar conta de nós dois juntos, e a Elenia passou os punhais nele, fazendo ele cair como um fantoche solto. — E os dois que sobraram? — perguntei apontando para os comandantes trocando socos por um lança-chamas. — Deixa eles aí, se divertindo, e vamos salvar os nossos pais. — ironizou Elenia, entrando na Sala de Comunicação com o pé na porta. Era uma sala cheia de televisões holográficas, câmeras, microfones, caixas de som, e luzes. De costas para nós dois, assistindo às gravações das câmeras de segurança de toda a cidade, que nos filmaram, estava aquele homem do manto que cuidava de mim. — Quem é ele? — Elenia, guarde os punhais. É o homem misterioso do qual eu te falei. — Ela fez o que eu pedi, meio receosa. — Senhor! Por favor, não fuja de mim! Eu tenho muitas perguntas para te fazer! E, eu também quero te agradecer pelo o que fez por mim, todos esses anos. Qual é o seu nome? Senhor?! — He. Hehe. Hahaha. Hahahahaha! — Ele soltou várias risadas macabras, e a porta de entrada foi bloqueada por barras de ferro. Quando ele se virou tirando o manto, nós descobrimos quem ele era. — Não. Não pode ser! Era você o tempo todo?! NÃO!!! — O homem do manto, era, na verdade, Apolônio Quoaraci, o "dono de Teknalia"! — Por que vocês dois demoraram tanto? Eu não gosto de esperar! — Não consigo entender! Isso não faz sentido! — Quer saber o

sentido? É tudo culpa sua, Kaoni! E agora, você vai pagar o preço! — Ele abriu os braços, e duas serpentes robóticas se enrolaram no seu corpo, parecendo o caduceu de Hermes, o deus mensageiro. Uma das cobras abriu a sua boca, mostrando um cristal vermelho reluzente dentro dela. Esse cristal atirou um raio laser que nos acertou em cheio, e nós dois caímos em cima de uma pilha de roteiros. Quando eu me levantei, percebi que ele fez os projetores holográficos da sala criarem vários hologramas dele mesmo, com as serpentes passeando pelo seu corpo. — Agora, vocês terão o que merecem! — Sua voz foi reproduzida pelas caixas de som, para nos confundir ainda mais. Um dos hologramas avançou na minha direção, e a Elenia tentou me ajudar, mas o verdadeiro a levantou pelos cabelos, e aquela serpente abriu a boca nas costas dela. — É o seu fim, sabotadora de Teknalia! — Ela se salvou no último segundo, acertando o pulso dele com o punhal. Apolônio soltou a Elenia, e desapareceu em um clarão, produzido pelo cristal dourado da outra serpente, aproveitando a nossa cegueira para se misturar aos seus hologramas, enquanto o corte que a Elenia fez nele se regenerava totalmente. — O quê?! Impossível! — reclamou Elenia, e continuou: — Muita luz aqui! Isso me atrapalha! — Elenia mostrou uma habilidade nova: ela prendeu um punhal na ponta do seu cinto, e o chicoteou nas lâmpadas do teto, apagando uma, por uma. Isso irritou o Apolônio, que fez mais um dos seus disparos, e só não acertou a Elenia porque eu a derrubei com um salto. Ajudei ela a se levantar, e nos deparamos com um monte de serpentes robóticas no chão – uma delas, era real. Apolônio estava em pé, de braços cruzados, nos provocando: — Venham! Me ataquem! Já falei que eu não gosto de esperar! — Entendi o seu plano! Elenia, vamos nos

separar! — Certo! — Pff, coitados... — Partimos para cima dele, e as nossas armas o atravessaram, como um fantasma. Era só um holograma, e a cobra verdadeira estava bem ali. Ela nos acertou de novo com o seu laser. — Argh... desse jeito, nunca vamos vencer esse cara. Tenho que quebrar esses projetores! Me cubra, Kaoni! — Nem pensem em fazer isso! — Se abaixa! — Deitamos no chão, e o laser passou por cima. Nos levantamos, e lá estava aquele bando de apolônios nos cercando. — Vocês acham mesmo que poderiam tramar contra mim, e a minha cidade, sem que eu ficasse sabendo?! Eu sei tudo o que acontece em cada canto de Teknalia, seus moleques desgraçados! — A Elenia repetiu a técnica do chicote, e eu fiquei atrás dela, para defendê-la. Ela quebrou um projetor, e alguns apolônios falsos desapareceram. O verdadeiro se enfureceu, segurando a cobra pela ponta da cauda, e nos acertou um laser em movimento, me distanciando da minha aliada. — Argh... ele fez um sabre de luz, sacudindo a cobra dele com a mão! Epa. Isso não soou muito bem. Aaaah! — comentou Elenia, ao ficar de pé, no meio de várias cópias minhas. Ela tomou um susto, e o Apolônio caiu na risada. — Eu tô aqui, Elenia! Aqui! Cadê você?! — Ela rosnou, irritada, e confusa. — Vocês chamaram os mercenários para distrair a guarda e me enganar, mas eu não sou idiota! — Eu procurava pela minha amiga, quando o Apolônio me atingiu pelas costas com um laser. O dono de Teknalia se aproximou de mim, enquanto eu ainda me recuperava, e me chutou na barriga, rindo de prazer logo em seguida. — CHEGA! EU NÃO AGUENTO MAIS!!! — Elenia juntou os seus punhais, e os lançou para o alto, girando. — Cuidado, Kaoni! Eu não sei controlar isso! — O punhal duplo voou desgovernado por toda

a sala, destruindo tudo por onde ele passava, e até a moça de preto teve que se desviar da sua própria arma. Ao ver aquela bagunça, o Apolônio perdeu a cabeça, e tentou acertar os punhais da Elenia várias vezes com o seu laser, errando em todas elas. Aproveitei a sua distração, e o ataquei com a espada. Ele se defendeu, enrolando a serpente dos clarões no seu braço, mesmo assim, eu congelei essa parte do corpo dele, antes de ser ofuscado por outra explosão de luz. Vi ele se aproximando da Elenia por trás, enquanto os punhais dela escureciam a sala aos poucos, reduzindo as suas cópias holográficas. Tentei avisar, mas não deu tempo, e a serpente do seu braço deu um pulo e se enrolou no pescoço dela. O caos e a tensão fizeram tudo parecer uma cena em câmera lenta, mas era apenas o efeito da adrenalina inundando o meu corpo, quando eu vi a serpente robótica que enforcava a minha amiga abrindo a sua boca bem na cara dela. — Não quero te perder! Não quero te perder! — Essa frase repetia na minha cabeça de maneira incessante, pois eu sabia que não chegaria à tempo de salvá-la.

E então, quando tudo parecia terminar em uma tragédia, a esperança renasceu do caos. A serpente caiu no chão, desativada por um corte de inversão. Os punhais giratórios atingiram uma das armas do Apolônio no pescoço da Elenia, e a salvaram no último instante. Elenia desfaleceu no chão, tossindo muito, e com dificuldade para respirar. Apolônio, indignado mas disposto a nos vencer mesmo que seja de maneira imoral, fez o seu outro robô-serpente se transformar em uma estaca perfurante, e aproveitou o momento de fraqueza da Elenia para tentar atravessar essa estaca em suas costas. Corri com todas as minhas forças, e me joguei em cima dele para o derrubar, impedindo o seu golpe covarde. Caímos no

chão, e a serpente dele me ofuscou com a sua luz intensa. Todos os projetores e lâmpadas foram destruídos pelos punhais, mergulhando a sala em uma escuridão quase absoluta. Ouvimos as barras de ferro da saída sendo recolhidas, e os passos do Apolônio na direção dela. — Elenia! Ele está fugindo! — Eu sei, Kaoni! Cuidado! Pula! — Fiz o que ela me falou, e o punhal duplo bateu no chão, bem onde eu estava. Elenia ficou indecisa, entre ir atrás do Apolônio, ou, me salvar da sua arma doida. Mesmo sendo o seu maior objetivo, ela deixou o "dono de Teknalia" escapar, para me ajudar. Pegou o seu cinto-chicote, e acertou as suas lâminas desenfreadas, faltando alguns centímetros para elas me ferirem na cabeça. Os dois punhais se separaram, e caíram no chão, imóveis. Duas coisas sobre essa garota me deixaram impressionado: a sua agilidade, e os seus sentidos. Parecia até que ela podia ver no escuro. — Você tá legal, Kaoni? — Argh... os seus punhais acertaram o meu ombro, e eu não consigo levantar o meu braço. — Merda! Me desculpa, Kaoni. Vai demorar um pouco, mas vai passar. Eu juro! É por isso que eu não gosto de juntar eles! — Tudo bem, Elenia. Vamos descobrir onde estão os prisioneiros, e sair logo daqui. Argh… — Um pedaço da barragem se soltou, e caiu, aumentando o barulho do vazamento de água, e o nosso desespero. Procuramos por qualquer coisa que pudesse iluminar pelo menos um pouco aquela sala escura, do jeito que a Elenia gosta. E com o seu tato, ela encontrou uma fonte de luz alternativa: um relógio de pulso. Ao apertar um botão, ele acendia a sua luz de fundo, cujo alcance era de apenas meio metro, e por apenas 5 segundos. — Melhor do que nada — contentou-se Elenia, e buscamos a porta da Sala do Míssil, algum mapa, ou talvez

uma fonte melhor de luz, e só encontramos um estranho leitor biométrico na parede. Colocamos todos os nossos dedos nele, e nada acontecia. Então, vasculhei o manto do Apolônio que tinha no verso uma camuflagem florestal, onde eu encontrei um retângulo metálico cheio de símbolos, e um bilhete que dizia: — Kaoni Iviturui, eu não tive coragem de te entregar a mensagem pessoalmente. Espero que me perdoe por isso. Use este dispositivo individual de fuga para emergências, e salve-se. Você encontrará as respostas que procura, eu te prometo. Bons ventos frios te guiem. Adeus. — Esse bilhete deu um nó em meu cérebro: — Nada disso faz sentido! Não consigo entender o Apolônio! — Calma! O que foi, Kaoni? Encontrou alguma coisa? — Ele tem dupla personalidade, só pode ser isso... — Enquanto conversávamos, a minha espada flutuou, e reluziu, se transformando em uma mulher idosa. — Ai, minha nossa, o que aconteceu? Porque está tudo escuro? E tem alguma coisa vazando... eu pensei que tinha morrido! Quem são vocês dois? — Kaoni Iviturui, e Elenia Setan. A senhora morreu, e voltou através da minha espada. — Espada? Não posso compreender... estou confusa! — Eu também estou, e muito. Quem é a senhora? — Bem. Meu nome é Salete. Eu era uma prisioneira deste lugar, e morri no meu quarto, depois de ter escrito uma carta, pedindo socorro. — Então, foi você, quem escreveu aquela carta! — Sim, Elenia, fui eu mesma! — Nós precisamos da sua ajuda, Salete. Onde está a porta para a Sala do Míssil? — Vamos libertar as pessoas que foram aprisionadas por Apolônio, antes que a barragem se rompa! — Apolônio e sua ambição doentia... com todo o prazer, eu abro a porta para vocês libertarem os prisioneiros dele! — A Salete colocou o seu dedão no leitor biométrico, e abriu uma porta

oculta na parede. — Obrigada por me permitirem esta vingança! Agora, eu posso descansar em paz! — Ela brilhou, e a minha espada reapareceu em seu lugar. Entramos cheios de esperança no arsenal, iluminado apenas pelo brilho do cristal corrompido, e procuramos os nossos pais no meio daquelas pessoas todas, emprestando as suas energias para o mal em um transe profundo, até percebermos que eles não estavam lá. Elenia chorou, frustrada, e eu tentei amenizar a sua dor. O barulho súbito de um vidro se quebrando nos assustou, e o aumento do som de vazamento de água nos relembrou que não podíamos perder tempo. — Se proteja. — Kaoni, o que você vai fazer? Não! Cuidado! — Lancei a espada no cristal do míssil várias vezes, com o braço que ainda funcionava, até acertá-lo. A sua energia se desestabilizou, e ele explodiu, cessando o transe coletivo ao redor. O nível da água subia, enquanto a Elenia debandava a multidão de prisioneiros: — Fujam, depressa! A barragem vai se romper! Anda! Anda! Vão embora, agora! — Nunca vou me esquecer do som tenebroso da água fria que nos ameaçava sendo pisoteada pelos prisioneiros que, em poucos minutos, saíram todos da sua prisão. O chão tremia mais, e mais, na medida em que a rachadura da barragem crescia. Sem mais nenhuma esperança, eu olhei através de uma vidraça toda a cidade arruinada, se acabando nas explosões, e a Elenia ficou do meu lado. — É o nosso fim. Nenhum de nós vai se salvar. Eu falhei. Foi tudo em vão. — Não, Kaoni. Você foi um herói. Arriscou a sua vida para salvar essas pessoas, que não se importavam com você. Existe algo muito especial aí dentro. — Ela apontou para o meu coração, que bateu mais forte quando ela me deu um último beijo. O cenário não era dos mais bonitos. Mesmo

assim, aquela emoção fez eu me esquecer dos problemas, e me deixou mais calmo. Tirei do meu bolso o dispositivo do Apolônio, e perguntei se ela sabia usar. — Bem... é um portal de emergência, deve ser algo fácil, e rápido. Hum... tenta jogar no chão pra ver o que acontece — chutou Elenia. — Ah, não deve ser só isso. Algo assim, deve ter algum jeito mais complicado de se usar, com palavras mágicas e... — Deixa eu ver. — Ela tirou o artefato de mim, e o jogou no chão, contra a minha vontade. E, não é que ele funcionou mesmo? Os seus símbolos se desprenderam do metal, e formaram uma nuvem de poeira luminosa que virou uma porta aberta. — Agora vá, Kaoni. Eu vou procurar o Kaienan. — Vai você Elenia, eu fico. — Eu não podia deixar ela lá, para morrer. — Não faz isso! Entra logo, vai! — ela gritou, me empurrando para dentro do portal, mas eu resisti: — Não quero ir. Preciso salvar você! Liberte os meus pais, Elenia! — Segurei ela pelos braços, e a joguei dentro do portal, no meu lugar. — Kaoni! Não! — O portal se fechou com ela tentando sair de dentro dele. Tudo desmoronava sobre mim, enquanto eu corria para fora da Prismall, em uma tentativa descrente de sobrevivência, lutando contra uma das maiores forças da natureza. A vida tumultuada, e as lembranças que eu tinha de vocês, passaram na minha mente tão rápido quanto a correnteza que me arrastou implacavelmente. Eu ouvi o som das águas revoltas engolindo tudo, e os gemidos daqueles edifícios que foram reduzidos ao entulho. E a megalópole dos desaparecimentos, enfim, desapareceu, para sempre. Acordei na orla desta praia, ao amanhecer. Perdi tudo. Restaram apenas as roupas do corpo, a caneta da Prismall presa no bolso e o retrato encharcado. Ah, sim, e uma lembrança da nossa amizade caótica em meu

ombro, que ainda está aqui, me obrigando à escrever com a mão oposta. Quando ergui a minha cabeça, eu vi a silhueta de uma mulher em pé, com o sol atrás dela, transformando o seu corpo em uma sombra. Quando eu me levantei, ela mergulhou. Eu fui até lá, mas não a encontrei. Olhei para o horizonte ao meu redor, e só encontrei uma vastidão aquática. De repente, eu ouvi uma voz feminina de origem desconhecida: — Essa foi por pouco, hem, meu sócio? — Procurei ao meu redor pela pessoa que me chamou de "sócio", mas eu não vi ninguém. — Hahaha! É tão divertido quando isso acontece! Olha a cara de besta dele, me procurando! — Esse aí, não dura nem uma semana! — Vocês me irritam. Calem a boca. — Lá vem o quinto mestre, a simpatia em pessoa. — Não concordo com você, segunda. Ele é muito jovem ainda, e pode evoluir bastante. — Percebi que essas vozes vinham da espada. Ela vibrava para emitir os sons e eu parei na frente dela, ouvindo a conversa. — Terceiro, olha! Ele parou pra nos ouvir. — Ei, paspalho intrometido! Sua mãe não te ensinou que é falta de educação ficar ouvindo a conversa dos outros?! — Deixem o sexto mestre em paz. Ele já passou por muitos problemas, e a jornada dele está só começando. — Tem razão, primeiro. Ele quase virou janta daquele tubarão monstro no fundo do mar, o arkalodon. — Tu-tubarão... Monstro?! — Mal posso esperar para voltar ao mundo dos vivos, e ficar ainda mais rica! Tenho um monte de coisas aqui que podem te interessar, sexto mestre! — Não entendo essa sua ganância, segunda. Somos todos pó de estrela. Não somos nada no Universo. — Muito poético, quarto, mas eu tenho contas para pagar! — Que contas! Você está morta! — Eu não aguentava mais aquela discussão dentro de uma espada, até tampei os meus ouvidos com as mãos.

Quando eles fizeram um pouco de silêncio, eu pude me situar melhor. Eu estava no que parecia uma grande, e redonda, ilha inóspita, sem montanhas, nem edifícios, ao meu redor. Nem uma casa sequer. Achei várias garrafas, e pedaços de papéis na areia, que eu usei para escrever essa carta. Eu não sei pra onde ir, o que fazer, nem como sobreviver aqui. Bem, eu desejei tanto sair daquela cidade que acabei saindo mesmo, só não foi do jeito que eu planejava. Espero que a minha nova amiga esteja bem, e que ela consiga fazer o que eu pedi.

Capítulo 2: Mentiras arrepiantes

Tundra de Tirfal

Aqui é a Elenia Setan falando, no dia 21 de março de 1997. Espero que este gravador esteja funcionando bem. A cidade onde eu morava, Teknalia, foi devastada, em um ataque feito por um navio gigante, e eu fui salva pelo Kaoni, o meu novo amigo. Devo a minha vida para aquele gatinho. Quero muito ver ele vivo. Mas depois dele fazer a besteira de me jogar dentro de um dispositivo de fuga hiperdimensional, eu vim parar num lugar bem no meio do nada. E quando eu digo nada, é nada mesmo. Eu estava sozinha, e com frio, dentro de uma casa igual à do Kaoni, só que bem menor, e mais antiga ainda, numa escuridão silenciosa tão densa que eu me sentia uma astronauta caminhando num buraco negro. Procurei a porta, e só consegui derrubar as coisas. — Pela primeira vez na minha vida, eu não gosto de ficar no escuro — falei para mim mesma, e fui tateando as paredes, até eu encontrar uma janela, mas não achei o botão de abertura. Tentei abrir na marra, e ela caiu em cima de mim, pois estava solta. Um vento congelante invadiu a casa. Olhei para o lado de fora, e vi um céu tão grande e estrelado que me fez esquecer o frio. Não tinha nenhum prédio, ou luzes, só um vazio gelado, e sereno. Pulei da janela, e afundei as pernas em alguma coisa fofa e bem gelada, como a neve do freezer lá do meu apartamento. Caminhei sem rumo, com passos delicados e difíceis, sob a luz do luar e das estrelas. Zonza de tão cansada, eu encontrei uma estrutura sólida que me parecia uma câmara de sono, mas eu não consegui ver direito o que era. Usando a luz daquele relógio de pulso, eu encontrei a entrada, e tentei dormir lá dentro. Mas ainda era muito frio, e eu só tirei alguns cochilos, até o dia clarear. —

Ah, isso é muito bom. Com a luz do Sol eu vou ver que lugar é este, e para onde estou indo... espera um pouco. Isso aqui não é uma... AAAAAH!!! — cantei vitória cedo demais... eu dormi dentro do esqueleto congelado de um animal enorme! E quando eu vi o crânio dele bem perto da minha cara, saí apavorada do seu esqueleto, para entrar numa névoa que cobriu tudo ao meu redor, e me impedia de ver um palmo na frente do meu nariz! — AAAAAAAAAHHHH!!! NÃÃÃÃÃÃÃÃÃO!!! Não a-acredito que isso fo-foi acontecer comigoooooo! KAONIIIIIIIII!!! VO-VOCÊ ME JOGOU NO PO-POLO SUL!!! SOOCOOOOOORROOOOOOO!!! EU QUERO SA-AIR DAQUIIIII!!! — Depois da revolta, veio a tristeza: — Kaienan, Ró, cadê v-vocês? Estou com fri-io, estou sozinha, e nã-não sei pra onde ir... — As minhas lágrimas congelavam antes mesmo de tocar o chão. Chorei até me cansar, e decidi andar para qualquer direção. O meu corpo gastava muita energia para manter a minha temperatura, e depois de 2 horas andando, eu já estava tonta de fome, e com dor de cabeça. Eu era um ponto preto perdido no meio do deserto branco. Chamei o Ró, e ele não veio me ajudar. E logo caiu a minha ficha: — Ah, a-acho que sei o que a-aconteceu... o atalho es-pacial que eu atravessei de-descalibrou a capacidade do R-Ró de me en-encontrar... agora, eu se-sei como o Kaoni se sentia an-antes de me conhecer... — Continuei o caminho, e me dei conta de que eu andava em círculos. Me ajoelhei no chão, e desisti. — É isso. Passei por tudo aquilo, para terminar assim, congelada, igual uma coxinha de supermercado. — Deitei na neve, e esperei o meu destino, até perder a consciência. Acordei ouvindo os estalidos de uma chama acesa no meio de uns paus secos empilhados. Dois rapazes estavam do meu lado. Um, era

aquele ex-marinheiro que nos ajudou a escapar do detetive Eyneon, em Teknalia. O outro, eu ainda não conhecia e era mais velho. Ele tinha os cabelos longos amarrados para trás e uma barba mal feita. Eu me levantei assustada, puxando os meus punhais, e o ex-marinheiro se assustou: — Palma! Vovós viriam te afundar! — Hã? O que ele disse? Ei! Estou falando com você! — Não posso te ouvir, estou surdo! — Vocês estão tirando uma com a minha cara, é?! — Ei, ei, ei! Abaixa essas lâminas! Nós encontramos você morrendo congelada, e o Baquara te reconheceu. Só queremos te ajudar, sua mal-agradecida! Sente-se, e coma com a gente. — Ele me deu uma sopa bem quentinha, e o amigo dele foi buscar um cobertor pra mim, dentro de uma coisa que eu pensei ser um tipo de cápsula de relaxamento, com uma lâmpada acesa dentro dela, e o nome "**Teiasat**" estampado em uma das suas paredes. — Esses dois não me enganam. Não vieram só para me ajudar, vão querer algo em troca... — O que você está pensando tanto? Pode escrever pra mim, neste caderno de orações? — É só uma dúvida... — Mudando o assunto, eu perguntei quem eles eram, e ele me respondeu: — O Baquara é um operador de radares, e a sua equipe invadiu um navio gigante chamado Bombardia. Misteriosamente, uma das bolas de canhão, atiradas pelo navio, voltou para o mesmo lugar de onde saiu, e quebrou as paredes da prisão, libertando dois homens. Eles conheciam o Baquara, e um deles abriu o portal, que o trouxe para esse fim de mundo aqui. Eu ajudei ele, da mesma forma que eu estou ajudando você. — E, por que você está aqui? Como você se chama? — Ah, é mesmo, nós ainda não nos apresentamos. Meu nome é **Divano Sunmeri**, da escola de artes marciais de Cansai. Eu estou aqui porque infelizmente fui escolhido pelo abatan

Victor Ibiasemi, o líder da região de Aramesari. — E isso é ruim? — O quê?! Isso é péssimo! Ele me escolheu para encontrar um bracelete raro, e perdido. Tentei recusar, mas ele me obrigou, pois, eu era a pessoa ideal! Então eu tive que perguntar aos quatro ventos, e dois pinguços, que andavam trocando as pernas, me falaram de um mapa na capela esquecida, que mostrava onde esse bracelete foi enterrado. Na pressa de encontrar logo esse bracelete e voltar para o meu sofá, eu fui até a capela, e eles devem ter dado risada de mim pelas costas. Dentro dela, eu abri um livro-armadilha que me deixou surdo. Pedi ajuda por escrito quando eu voltei à cidade, e me recomendaram o hospital de Pacifika, mas ele era muito longe! Então me recomendaram a segunda opção: a velhinha do chá. Fui até ela, e bebi o seu chá que me fez correr para o banheiro. Fiquei cagando lá o dia inteiro, e saí para discutir com aquela velha pilantra: — Seu chá quase me fez borrar as calças! — O seu problema é espiritual, você precisa botar pra fora. — Só se for pelo rabo! — Tá bom, não fique nervoso! Beba isso para cortar o efeito. — Eu não confiava mais naquela senhora, e recusei o segundo chá, mas considerei a possibilidade de ser um encosto, e fui até o sacerdote da catedral. Contei para ele toda a situação, e ele me deu uma bronca, escrevendo que precisava do livro-armadilha, mas que se eu tocasse nele outra vez, ficaria surdo para sempre. Após isso, ele me chamou para uma porta bem maciça, e abriu as suas 3 fechaduras. Era a porta de sua biblioteca, onde ele puxou um livro da prateleira, e me entregou, dizendo: — Este livro conta a história dos artefatos mais importantes de Orande, e deve ter informações sobre o bracelete que você procura. — Em qual página está as informações do bracelete? — Agora,

você já está pedindo demais. Eu não lembro o número da página. Leia o livro para descobrir. — Ler tudo isso? É muita coisa! — Ele me encarou, por alguns segundos, e disse: — Estou tentando te ajudar, mas eu sou só um sacerdote, não sou Jesus. Não faço milagres. Ou você lê esse livro, ou, fica sem o bracelete. Agora, eu preciso voltar para o meu trabalho. — Já saí da catedral cansado, só de pensar em ler todo aquele livro. Fiz isso deitado no sofá, e adormeci, acordando com a sensação de ter tomado um soco na cara, quando o livro caiu das minhas mãos. Quase tirando o livro do chão para jogar ele pela janela, eu percebi que estava aberto bem na página do bracelete! E assim, eu descobri que ele está aqui, na Tundra de Tirfal. No dia seguinte, eu arrumei a bagagem, e comecei essa longa jornada. Por favor, nos ajude a encontrar o Bracelete do Ego. Depois que ele for encontrado, eu mostro o caminho para sair deste deserto de neve. — Ah, então é isso o que eles querem de mim — pensei em silêncio, e aceitei a proposta: — Eu ajudo. Só que é muito difícil enxergar alguma coisa no meio de tanta névoa. — O Baquara escreveu o que eu falei para o Divano, e ele sorriu para mim, dizendo: — É só procurar com o seu coração. E você deveria vestir roupas com outras cores. A cor preta dá azar. — Era o que me faltava. Agora ele vai palpitar sobre o meu jeito de me vestir. — Pegue. Beba isso quando estiver com muito frio. Vai te manter aquecida. — O surdo me deu uma garrafinha de metal, com um líquido meio suspeito dentro. Peguei por educação, mas não bebi, por desconfiança mesmo. Algumas horas depois, o Divano desarmou aquela cápsula da Teiasat, tirando de dentro dela um dispositivo bem pequeno, que parecia um radiocomunicador com uma lâmpada embutida, e a guardou em uma bolsa com menos de dois

palmos de comprimento, para começarmos a busca pelo bracelete perdido, levando pedaços de pau com a ponta pegando fogo. Procuramos por ele até o anoitecer, e não o encontramos. A névoa se dissolvia à medida que a luz solar se apagava, e a neve caía do céu. Enquanto o Divano fazia um chá naquele microondas primitivo chamado fogueira, várias presenças surgiram na minha percepção extrassensorial. Esperei eles dormirem, e parti na direção das presenças. Duas horas depois, eu tropecei em alguma coisa enterrada na neve. Cavei a neve chão para ver o que era, e achei um bracelete metálico alaranjado, com um pequeno escudo que me lembrava o pôr do sol na Praia de Teknalia. — É o bracelete do Divano! E agora? Continuo na direção das presenças? Volto para Divano, e entrego o bracelete? Ai, que difícil! — Pensei, pensei, e pensei, até tomar a minha decisão. Amarrei o bracelete nas minhas costas com o meu cinto-chicote, e continuei no sentido das presenças por mais 3 horas. A luz do amanhecer passava através dos grandes prismas de gelo ao meu redor. Todo aquele brilho dificultava muito a minha visão, mesmo assim, eu avistei uma torre distante, e acenei para ela, pedindo socorro. Mas o idiota na torre me respondeu com um tiro de rifle, que passou do meu lado, esparramando a neve. Ele tentava me acertar, enquanto eu fugia até uma pedra, para me esconder atrás dela. Aquele inimigo desceu da torre, e chamou reforços. Vários deles correram na minha direção, todos camuflados pelos mantos brancos parecidos com aquele do Apolônio. Então, mudei de esconderijo, e pedi para o Ró aparecer, falando bem baixinho. Ele apareceu já cansado, e meio revoltado comigo. — Caramba, Ró! Você dorme demais. — RÓÓÓ?! — ele ficou indignado, apontando para si mesmo.

— Me ajude a despistar as pessoas que estão vindo atrás de mim. — Ró. — Ele apagou as minhas pegadas na neve usando uma vassoura, e se escondeu. Os guardas ficaram sem saber para onde eu fui. — **Cristina**, a intrusa estava aqui, eu juro! — Não se preocupe, **Ivan**. Tem que ser muito burra para invadir **Imeri de Ca-an** vestida de preto. Dá pra ver de longe! — debochou uma mulher de cabelo azul bem curto, ao lado de três rapazes. Ivan, o cara do rifle, era o mais velho. Seu colega tinha os mesmos olhos do Kaoni, levava um tubo nas costas e usava uma boina preta. Ele sugeriu: — Vamos nos separar. — O outro, de pele escura e cabelos curtos, topou, com euforia: — Boa ideia, **Sarta**! Assim, eu posso andar na minha velocidade normal! Vou achar ela rapidinho! — **Anzo**, espera! — A mulher tentou o impedir, mas ele correu numa velocidade impressionante, como se estivesse calçando tênis antigravitacional, com um desenho luminoso. O Sarta escolheu vir justamente na minha direção, segurando o seu tubo com as mãos, perto da sua boca. Quando ele estava bem perto de mim, o Ró deu um espirro tão alto, mas tão alto, que até eu me assustei. — Mas que diabos foi isso?! Nunca vi ninguém espirrar desse jeito! Melhor eu verificar — falou o Sarta, para si mesmo, e se distanciou, me deixando aliviada. Saí do esconderijo, andando agachada, para encontrar o caminho de volta ao acampamento do Divano, e do Baquara, sem ser vista. Nesse momento, a voz do Divano veio na minha cabeça, falando que a cor da minha roupa dava azar. Alguns minutos depois, eu percebi algo vindo em minha direção, parecendo um trem fora dos trilhos. Me desviei em cima da hora. Era o Anzo, tentando me dar um soco na cara. — Vou pegar você, "urubu das neves"! — ele zombou de mim, correndo em círculos,

levantando a neve com os pés, e chamando a atenção dos outros. Me concentrei, para não deixar ele me acertar, mas as presenças que eu sinto são muito sutis, e foram ofuscadas pela luz daquele dia. Ele fechou o círculo, e conseguiu me agarrar por trás de surpresa. — Ivan! Atira nela, vai! Anda logo com isso! — O cara do rifle apareceu, mirando na minha cabeça, mas ele viu algo em mim que fez ele hesitar. — Hum... de onde você saiu, mocinha?! — Atira primeiro, e pergunta depois, Ivan! Vai logo! — apressava o velocista. — Ele fez o que seu amigo pediu, e atirou em mim. Só que eu mexi a cabeça, e o tiro pegou no Anzo, congelando metade da cara dele. O velocista me soltou, e eu saí correndo, enquanto ele xingava o seu colega. A minha fuga foi interrompida pela Cristina. Ela me encarava com um olhar frio, e acendeu tatuagens na cor azul-clara em seus antebraços, que congelaram o suor da sua pele. — Você vai pagar pelos seus erros agora, espiã de **Akubar**! — Eu não sou uma espiã! Isso tudo é um mal-entendido! — Ela tentava me tocar, com vários movimentos elaborados. Desviar de todos eles me deu muito trabalho, e ela encostou a sua mão no lado direito do meu tórax, congelando essa parte do meu corpo mais rápido que um jato de nitrogênio líquido! Sem que ela percebesse, eu abri aquela bebida que o Divano me deu, e taquei na cara dela. — Aaai, ordináriaaa! — Fugi sem olhar para trás, e quando eu me dei conta, estava em um cemitério. Sentada atrás de uma lápide, eu pensei: — Se eu morrer aqui, já estarei no lugar certo. Ai, o Divano tinha razão, que onda de azar! — Elenia! O que você está fazendo aqui?! — Ai, não... shhh!— O Divano interrompeu a minha reflexão, berrando o meu nome no meio do cemitério, e chamando a atenção dos inimigos. Corri na direção dele, pedindo para ele ficar quieto, e

um ancião, que deve ter visto a criação do mundo, saiu de um mausoléu, gritando: — Ivituruí tama! — Uma tatuagem azulada brilhou na sua perna, e ele bateu o pé no chão, criando uma névoa rasteira ao seu redor que congelava tudo por onde passava, e o gelo subiu até o meu pescoço. O Divano, e o Baquara, também foram congelados por ela. O velho andava bem lentamente, beeem leeentameeente, arrastando os pés na neve, e demorou um século e meio pra nos interrogar: — Quem são vocês? Como vieram parar aqui? — Sou Elenia Setan, de Teknalia. A minha cidade foi atacada por um navio gigante, que estava atrás do meu amigo, e ele me jogou aqui para me salvar. — Você é de Teknalia, mesmo? — Sim. — E, como se chama o seu amigo? — Kaoni Ivituruí. — KAONI IVITURUI??!! Ai... — O velho despencou feito um ciborgue descarregado. E então, chegaram aqueles inimigos que me perseguiam. Eles socorreram o ancião, chamando ele de **Mestre Obiru**, e o Anzo nos interrogava, faiscando pelos olhos: — Eu só falei o nome do meu amigo, Kaoni Ivituruí, e ele caiu duro aí. — O que você sabe sobre o neto do Mestre Obiru?! — Aquele velho é o avô dele?! — Responda! — Eles me cercaram, cobrando uma resposta satisfatória com olhares ameaçadores, e eu nunca senti tanto medo em minha vida antes. Engoli seco, e tentei me explicar: — Eu... eu não sou espiã de lugar ne-nenhum! Sou amiga do Kaoni, e ele... — NÃO TENTE NOS ENGANAR, **INEMA** DE AKUBAR!!! — Anzo quase me deu um soco na cara, mas foi contido pelo Ivan: — Ela não se parece nem um pouco com uma inema de Akubar. — Anzo se afastou, e o atirador tentou me acalmar, para extrair mais informações: — Se acalme, mocinha, e conte para nós tudo o que sabe. — Respirei fundo, e declarei: — Está bem, vou contar a minha

história com todos os que eu me lembrar, para vocês verem que eu não estou mentindo. — É bom mesmo. — Relatei tudo o que me aconteceu lá em Teknalia, deixando eles impressionados. Só não contei certas coisas, saca? Coisas entre eu e o Kaoni que ninguém precisa saber. — E agora, Ivan? O que vamos dizer ao Mestre Obiru? — Não sei, Cristina. Preciso pensar. Ela deu muitos detalhes, e parece mesmo conhecer o Kaoni. Mas uma notícia dessas pode matar ele do coração. — Com licença. Precisamos ter a certeza de que ela não está nos enganando. Alguém precisa ir até Teknalia para conferir a história dela — sugeriu Sarta. — Boa ideia, Nossema. Eu mesma vou até lá com o Ivan. Vocês cuidam desses três, e também do Mestre Obiru, na nossa ausência. Esperem o nosso retorno para contarem essa história ao Mestre Obiru. Entenderam? — Todos disseram que sim. — Então, é isso. Vamos, Ivan! Até logo, rapazes! — Bons ventos frios guiem vocês! — Cristina e Ivan começaram a longa jornada até a cidade de Teknalia que não existia mais. E o Sarta quebrou um pequeno cristal com as mãos, que virou um pó esquisito, meio transparente. Com o pó dentro do punho fechado, ele o assoprou, dentro do tubo, na cara do Lhurne Baquara, que gritou de um jeito bem horrível e desmaiou. Depois, foi a vez do Divano, que já estava a rezar. Eu fiquei desesperada, tentando me livrar do gelo de qualquer jeito, enquanto o Sarta caminhava todo tranquilo, para soprar aquilo em mim também. — Nã-não! Peraí! Não fa-faz isso comigo não! Por favor! Deixa eu explicar! Sarta, não... aaaaah! — Eu consegui sentir a minha alma saindo do corpo, quando ele assoprou o pó dele em mim. Não doeu, mas era como se eu caísse num abismo. Apaguei, claro.

Cidade congelada no passado

Ouvi um assobio, que parecia uma música, e abri os meus olhos. Eu estava deitada em uma cama, dentro de um quarto muito antiquado. — Bom dia, senhorita Elenia — cumprimentou Sarta, sentado em uma cadeira. — Que lugar é esse? — É a casa do Mestre Obiru. Fique tranquila, nós não vamos fazer nenhum mal a vocês. Apenas, não tente fugir de nós. — E o avô do Kaoni? Ele tá vivo? — Sim, sim. Ele já recobrou a consciência, e nós contamos a sua história para ele, omitindo alguns detalhes. Peço que a senhorita colabore com isso. — Eu não gosto de mentiras, elas crescem como bolas de neve. — Pelo bem do Mestre Obiru. Se ele souber de tudo, assim, pode ter um infarto. Ele já teve muitas perdas, entende? — Hum... tá bom. Vou me esforçar. Mesmo não gostando disso. — Perfeito. Está com fome? — Meu estômago respondeu a pergunta dele. — Venha comigo, vou te levar até a mesa. — Ele estendeu a sua mão para me ajudar a sair da cama. Que cavalheiro! Peguei as minhas coisas, sem me esquecer do bracelete, e desci as escadas com ele. Era uma casa grande, e cheia de retratos nas paredes que não eram holográficos. Peguei um deles, com o Kaoni pequeno no meio dos pais dele. Achei isso muito interessante, poder tocar no retrato, nos rostos. Era como se eu tocasse nas pessoas que estavam nele. — ELENIAAA!!! VOCÊ ACHOU O BRACELETEEE!!! — O Divano cuspiu o café na cara do Anzo, e se esgoelou, ao ver o bracelete nas minhas costas. — Seeeu... seeeeu... SEU FILHO DUMA... — Pronto, já voltamos! — disse uma moça ao entrar na casa com o Mestre Obiru, interrompendo o Anzo. Ela se vestia como uma gótica, e os seus cabelos eram iguais ao do Kaoni, só que mais

compridos. Ela olhou pro velocista todo sujo, e disse: — É um porcalhão mesmo, não sabe nem comer. — Anzo rangeu os dentes, e eu achei bem feito. — Então, a amiga do meu neto acordou. Seja bem-vinda a Imeri de Ca-an. Perdoe a nossa falta de hospitalidade. Você precisa comer, para recuperar as suas forças. Sinta-se em casa. O meu nome é Obiru Iviturui, mas todos me chamam de Mestre Obiru. — Ele é quase um abatan aqui — comentou a moça que o acompanhava, deixando uma cesta cheia de mantimentos em cima da mesa. — Não é para tanto. Sou só um professor. — Elenia, o meu nome é Niar Iviturui, e o Kaoni é o meu primo. Os outros, eu acho que você já conhece. — Sim. — E, aqueles dois vieram com você, lá de Teknalia? — ela me perguntou, olhando para o Divano e o Baquara. — Não. Eles me salvaram quando eu estava quase morrendo congelada. Ah, eu já estava me esquecendo. Isso aqui é dele. — Entreguei o bracelete para o Divano, que estava ansioso por isso. Ele o vestiu em seu antebraço esquerdo, e me abraçou, feliz da vida: — Muito obrigado, Elenia! Nunca esquecerei a sua ajuda! E vou cumprir a minha promessa, só me dizer quando! — Esse bracelete... hum... — O Mestre Obiru ficou meio cismado, observando o equipamento que entreguei ao Divano. — Que promessa? — questionou Sarta, e eu engoli seco. De novo. — Elenia, diga-me a promessa que ele te fez. — Na minha cabeça, eu repetia a mesma palavra, aquela que começa com a letra "m". Que saia justa! Eu não gosto de mentir, porque eu também odeio quando mentem para mim, e as mentiras só aumentam, até ficarem bem óbvias. Mas aquela era uma situação de vida, ou morte. Não tive escolha. — E... ele prometeu... prometeu me ensinar uns golpes de luta que ele aprendeu na cidade dele. — Hum... então ele sabe lutar.

Que tipo de luta? — perguntou Niar. — Todas. Ele é da escola de artes marciais. — Caramba. É um gênio do combate. Também quero treinar com ele. — O Baquara até suspirou. Essa foi por pouco. Sabe, eu gostei da Niar. Acho que nós duas podemos nos dar muito bem. Isso se eles não me jogarem na prisão, ou algo pior. Ela tem um jeito único de demonstrar as suas emoções. Parece sincera, um pouco fria, mas ao mesmo tempo é amigável, e me lembra bastante o Kaoni. Acho que ela deve ter uns 20 anos. Após o café, eu apontei para o retrato que me chamou a atenção, e perguntei se eram os pais do Kaoni. O Mestre Obiru confirmou, e revelou o destino trágico deles: — Infelizmente, eles estão presos em um lugar bem longe, chamado Iztar. — Kaoni me pediu para eu libertar os pais dele, e eu quero muito fazer isso. — Hahaha! Ela acha que consegue! — Anzo riu com menosprezo. — Você pode tentar, jovem Setan, mas tenha em mente que muitos já fizeram essa mesma tentativa, e falharam miseravelmente. — Preciso ir agora, Mestre Obiru. — Ah, sim. Pode ir, Niar. Bons ventos frios te guiem. — Se precisarem da minha ajuda, sabem onde me encontrar. Como eu queria mudar de posto... — Ela foi embora, suspirando por alguma mudança em seu trabalho, e o Mestre Obiru deu uma missão aos seus dois discípulos: — Estou cansado de andar. Anzo, e Sarta, mostrem a cidade para eles. — Os dois aceitaram a missão, e nos chamaram. Antes de sairmos, o avô do Kaoni se lembrou de mais uma coisa: — Ah, se alguém perguntar, respondam que eu já os nomeei **anamas** de Imeri. — Anamas de Imeri? Mas eles são... — Sarta tampou a boca do Anzo, falando por cima dele: — Meus parabéns. Agora, vocês fazem parte da nossa família. — A casa do Mestre Obiru estava suspensa por colunas de madeira, em um

chão congelado que cobria toda a cidade. Anzo e Sarta desceram a escada normalmente. Quando eu fui descer, escorreguei, e caí toda torta, deslizando pela rua até enfiar a minha cabeça em um monte de neve. Sarta veio me ajudar, enquanto o Anzo ria da minha cara. Lhurne, e Divano, desceram a escada devagar, segurando no corrimão. O primeiro é sempre o que mais sofre. — Por que vocês dois não me avisaram, cacete?! — Calma, Elenia! Isso é tão comum para nós, que nos esquecemos de avisar. Te peço desculpas. Imeri de Ca-an foi construída sobre um lago congelado, então, tomem cuidado. — Lutamos para nos mantermos de pé, enquanto seguíamos os dois alunos do Mestre Obiru, que andavam tranquilamente sobre o gelo. No caminho todo, eu via postes e grades ricos em desenhos entalhados. Parecia que eu tinha voltado no tempo: todos os carros eram da época da minha avó, e uma fina camada de gelo cobria os seus vidros. Dava para escrever neles com o dedo, e eu escrevi "E+K" dentro de um coração. — Nunca vi uma cidade tão fria — comentou Divano. — E ultrapassada. Parece que foi congelada no tempo — adicionei. — Logo, vocês se acostumam. Aqui, é comum vestirmos uma blusa dentro da outra. E, de vez em quando, precisamos bater nas torneiras para a água sair. Mas já foi mais fria no passado! — contou Sarta, e o Baquara escreveu para o Divano. — E, o que tem lá no **Monte Iviturui**? Eu sempre quis saber. — Eu já fui lá. Tem um labirinto de cavernas. Não é um lugar que você queira passar as suas férias, Divano, isso eu te garanto! — respondeu Anzo. Conversando e andando, nós chegamos no movimentado centro de Imeri, onde tinha uma estátua de um homem com cabeça de bode, dois chifres em espiral, e um pontiagudo na testa, no meio de um grande aro

feito de cristal no chão. — Este é o monumento do **Ao-Ao**, o **aroana** da neutralização que nós podemos invocar, escrevendo os símbolos corretos com o nosso pó de itanakuar, e usando a energia de várias pessoas. Infelizmente, alguns dos símbolos foram perdidos nas cavernas do Monte Iviturui, e sem eles, não podemos fazer esse aroana aparecer. A boa notícia é que daqui podemos ir para qualquer lugar. Ao leste está a trilha para Iztar. Ao sul, o Monte Iviturui. Ao oeste, o cemitério, e a trilha para o litoral. Nós vamos para a **Floresta de Ca-an**, ao norte. — explicou o rapaz da boina. — O que é um aroana? — É um espírito protetor, Elenia — Divano tinha a resposta na ponta da língua. — É mais ou menos isso. Na verdade, aroanas são manifestações da natureza, personificadas pelo conhecimento. Entendeu? — complementou Sarta. — Eu não entendi muuuito não... mas tá bom. — Esperar o que de alguém que tentou invadir Imeri vestida de preto. — Nesse momento, o Anzo começou a me irritar, de verdade. Aquele cabeça de vento. Bem. Continuamos o passeio. De tanto eu andar, acabei pegando o jeito, e não escorregava mais. — Enelia! Dono sovê atendeu vão rádipo? — O que você disse, Baquara? Ah, sim, acho que você quer saber como eu aprendi tão rápido, né? Para dizer a verdade, nem eu mesma sei direito. — Não se preocupem. Com o tempo, todos vocês vão caminhar sobre o gelo, como caminham na terra — encorajou Sarta. E, quando chegamos numa muralha, com o portão fechado, um dos guardas nos cumprimentou: — Nae, alunos do Mestre Obiru. O que vieram fazer aqui, no portão mais perigoso de todos? — Estamos apresentando a cidade aos novos aprendizes. — Ah, sim, já estamos informados sobre isso. Hum... — O guarda viu o Divano com o bracelete, e ficou impressionado: — Ah, você

deve ser o gênio lutador, de quem a Niar nos falou! — Ai, Niar... — suspirei decepcionada. — O que ele quer de mim? — O Baquara ficou sem saber o que dizer, ou melhor, escrever. — Quero lutar com você, para melhorar as minhas habilidades! Pode ser hoje mesmo, ao entardecer! — Com licença. Precisamos que abram o portão, e, de uma escolta. Depois, vocês resolvem isso — pediu Sarta. — Escolta? Pra quê? Vocês estão com o gênio lutador! Podem ir sem escolta mesmo! — Não tenho certeza disso. E, ele é surdo. — Ah, ele deve ter treinado tanto que o barulho tirou a audição dele. Tudo bem, eu vou com vocês.

A guerra entre o vulcão e a montanha

Entramos na floresta densa acompanhados pelo guarda. No meio das árvores congeladas, havia um espaço sem nenhuma vegetação, onde o guarda nos deu um aviso: — Os galhos e as folhas dessas árvores cortam como navalhas. Mas esse é o menor dos perigos, pois aqui é a zona de guerra mais antiga de todas, onde Imeri, e Akubar, se enfrentam há muitas décadas! — Imeri não quer guerra. Nós somos pacíficos — comentou Sarta. — Comigo, vocês não foram nada pacíficos — contestei. — Como assim? — Eu pedi ajuda, e vocês tentaram me matar de tudo que era jeito! — Não agimos dessa forma. Isso não procede — rebateu o guarda. — Essa aí, não sabe de nada mesmo! — caçoou Anzo. — Vou tirar as suas dúvidas, senhorita Elenia. Anzo, pode fazer a gentileza? — Deixa comigo! — O velocista derramou um pó laranja sobre um amontoado de pedaços de pau, que pegou fogo num piscar de olhos! Todos sentaram-se ao redor das chamas para se aquecerem, e o rapaz da boina nos contou uma história: — Tudo começou na década de 50, quando a família dos

Moacubas, em Akubar, perdeu o seu livro mais importante. Com o passar dos dias, uma mentira recontada se transformou em um boato generalizado, fazendo quase todos os Moacubas acreditarem que o livro foi roubado pelos Ivituruis de Imeri. Desde então, uma guerra nos separou dentro desta floresta. Agora, você entende, Elenia, o motivo de ter sido confundida com uma espiã? — Sim. Vocês só estavam defendendo a cidade. — Isso mesmo. — Tudo por causa dessa guerra. Não tem como saber onde esse livro está? — Se tivesse, essa guerra já teria acabado, né, Elenia? — falou o cabeça de vento do Anzo. — O seu amigo Kaoni talvez possa nos ajudar a solucionar esse mistério, encontrar o livro, e colocar um ponto final nessa guerra interminável, usando a sua espada, a Iukaeta Sirai. — Eu não apostaria as minhas fichas nele, Sarta. — Conversamos até o Sol se pôr atrás das árvores cristalizadas, fazendo um *show* de luzes e cores como na festa de Teknalia. Até o som da multidão eu ouvia. Pensei que era só uma coisa da minha cabeça, mas não: — Lá vem os Moacubas! Entrem na cidade agora! — berrou o guarda, apagando a fogueira com o pé. — Quase caímos para trás, com o susto, e corremos de volta para a muralha. Demos de cara com o portão fechado, e vimos dezenas de lutadores de Imeri – sim, isso mesmo, nada de Moacubas – chegando pelos lados. Batemos no portão, pedindo para os guardas abrirem ele com todo o ar dos nossos pulmões. Quando os lutadores nos cercaram, o portão se abriu, e nós conseguimos fugir deles. O Baquara jogou um pequeno cubo para trás, que acendeu um *estrobo* muito potente, desorientando a multidão. No meio do caminho, uma garota, com dois bastões de cristal, apontou para o Divano, e gritou: — Achei você! Lute comigo, gênio lutador! Iááá! — Ela o atacou,

e ele fugiu desesperado, esbarrando em um grandalhão: — Gênio lutador! O que eu preciso fazer para ficar mais forte?! — Divano correu, sem sair do lugar, ficou patinando no gelo, com os olhos fechados. — O que você... ah, entendi! Exercício aeróbico! — O lutador enorme imitou o Divano, e outros lutadores se juntaram, fazendo o mesmo. A rua ficou cheia de gente, repetindo tudo o que o Divano fazia. — Chega de aeróbico! Eu quero lutar... — Niar esbravejou, com uma tatuagem brilhante e azulada em seu antebraço direito, que foi coberto por lâminas de gelo parecidas com cacos de vidro. Ela o atacou e eu tentei impedir, mas não cheguei a tempo. Ainda bem que o Divano conseguiu bloquear o ataque dela com o bracelete, num movimento quase instantâneo. E, com um contragolpe supersônico, ele bateu o bracelete na arma da Niar, jogando ela para trás. — Muito interessante! Mas eu não desisto fácil! — Niar golpeava ele sem parar, e a sua espada sempre era bloqueada, e repelida pelo bracelete, minando a confiança da Niar em suas próprias capacidades. Quando o Divano percebeu que o bracelete era um dispositivo de defesa automática e instantânea, ele sentou pra descansar de olhos fechados! Aquilo foi surreal! — Como você consegue fazer isso?! É impossível! Estou me sentindo uma inútil! — reclamou Niar, com o seu ego ferido, enquanto os lutadores de Imeri aplaudiram o Divano, bradando o apelido de "Gênio Lutador" e se dispersaram. Só a Niar ficou, desfazendo a sua arma de gelo, indignada com a defesa automática do Divano. Fiquei aliviada por ele ter sobrevivido, e eu não carregar para sempre uma culpa dentro de mim, porém, ver a prima do Kaoni pra baixo daquele jeito me deixou preocupada: — Niar, você tá legal? — Tô bem, Elenia. Nada na minha vida dá certo mesmo.

Já estou acostumada. — Voltamos todos juntos para a casa do Mestre Obiru. Ele estava na sala de estar, lendo uma pilha de livros velhos. — Missão cumprida, mestre! — declarou Anzo. — Ah, muito bom! Muito bom! Amanhã, a Elenia vai com vocês para a escola, e também para o treinamento. Eu mesmo vou arrumar uma função para o Divano, e o Baquara. Agora, comam, e descansem. Vocês estão muito cansados. Ah, mais uma coisa: entregue para os novos anamas esses **cristais de caa**, Niar. — A moça gótica pegou uns cristais bem pequenos, verdes e foscos, da mão do mestre e os distribuiu. — Esse é o nosso dinheiro aqui. Os cristais de caa percebem o nosso esforço solidário e o memorizam na forma de caas. Contudo, eles só funcionam se estiverem com vocês. Podem deduzir o valor deles pela intensidade do brilho, ou ativando-os com um "kodan". — Após recebermos essas instruções, nós comemos, e conversamos, até o sono fechar os nossos olhos.

Treinos de Imeri

Um pouco antes do Sol nascer, quando flocos de neve caíam do céu, eu acordei, sentindo um desconforto na minha mente. E percebi que o Divano tinha saído escondido. Fui até ele, usando a minha percepção noturna, e o encontrei atrás de uma colina, iluminado por uma tocha enfiada no chão, fora da cidade, em profunda reflexão, analisando o bracelete. Ao ver que eu estava lá, ele me falou, com um semblante bem sério: — Por que você fez isso, Elenia? Dizer que sei lutar todas as lutas. Tem noção do problema que você me arrumou? — Ele me deu o caderno de orações, e a caneta, para eu poder me comunicar com ele durante toda a conversa, e mostrei a resposta que eu escrevi: — Ai, desculpa, Divano, mas eu não tive escolha. Eu não podia falar a verdade, eles nos prenderiam! Então, eu pensei: o

Divano falou que era da escola de artes marciais de Cansai, então, vou dizer que ele ia me ensinar alguns golpes. — Ah, brilhante ideia. Só tem um probleminha: NÃO SEI LUTAR! — Fala baixo! Shh! — Eu não sei lutar, Elenia! Eu era sim da escola de artes marciais de Cansai, mas eu era o Repositor de Armas! O mais perto que eu cheguei de uma luta, foi olhar os outros lutarem! — Puta merda! Mas isso é culpa sua também! — O quê?! — Por que você não me falou isso antes? Devia ter sido mais específico! — Mais específico?! Grrr! Por que você não falou que eu era o faxineiro? O cozinheiro? Você tinha que dizer que eu era um lutador?! — Ai... tá certo, eu errei, desculpa. O que eu posso fazer para te ajudar a resolver esse problema? — Ah... já pensei muito nisso, e eu te pergunto: o que vale mais? Uma mentira que salva a sua vida, ou uma verdade que pode destruí-la? — Como assim? — Se eu não entregar o bracelete ao abatan, ele pode vir atrás de mim, mas eu consigo me manter longe dele, e esse bracelete pode me proteger. Se eu o entregar, todo mundo vai querer lutar comigo, eu não terei a proteção do bracelete, o meu nome vai ficar na história como uma piada, e a minha reputação vai pro buraco. Prefiro a primeira opção. Vou ter que ficar com esse bracelete, e aprender a lutar. — Eu posso te ajudar com isso. Eu aprendi a lutar sozinha, e vou te ensinar. Só preciso descobrir um jeito rápido de me comunicar com você sem usar a voz. — Tente falar comigo através de gestos. Não precisa ser mímicas, só gestos. Pode ser com os olhos, com a cabeça... — Entendi. Vou bolar uma linguagem de sinais aqui para você memorizar. — Durante o nascer do Sol, nós dois criamos uma linguagem só nossa, voltada para o combate. Ele leu a lista várias vezes, e fizemos alguns testes. Quando a comunicação ficou eficiente,

pedi pra ele tirar o bracelete, e treinamos várias técnicas básicas de combate. As suas lembranças da escola de artes marciais de Cansai o ajudavam bastante. Algumas horas se passaram, e nos sentamos para descansar. Ele me perguntou como eu conseguia ser tão ágil, e eu o respondi escrevendo: — Foi o medo. Ele me fez treinar o controle dos meus movimentos, o que me deu essa agilidade. Uma das coisas que eu mais gosto de fazer é ficar em pé na areia da praia, onde as ondas batem nos meus pés, levando embora a areia que estava embaixo deles. É uma sensação muito boa. Mas teve um dia em que os meus pés desceram pela areia, e eu senti duas agulhadas bem no meio deles. Doeu muito, e quando eu cavei a areia com as mãos, para ver o que era, acabei desenterrando a Brilhante e a Prateada. — Apertei os punhais enquanto eu recordava aquela dor aguda que eu senti ao pisar neles. — Então, você é ágil porque levou o provérbio sobre “olhar onde pisa” ao extremo. Isso é bom porque você nunca vai pisar em cocô de cachorro na calçada. — Ele soltou essa pérola vestindo o bracelete, e o meu estômago roncou de fome. — Elenia, é melhor a gente voltar pra você comer alguma coisa. E eles podem pensar que nós dois fugimos. — Sim, tem razão. Ei! Pera aí! Você ouviu o meu estômago roncar?! Foi tudo mentira sua, você não é surdo coisa nenhuma, seu... — Por que você ficou fula desse jeito?! Eu não fiz nada! — Você mentiu pra todo mundo! — Escreve pra mim o que deixou você furiosa desse jeito! — Seu mentiroso de uma figa! — Quando chegamos na casa do ancião, Sarta nos cumprimentou, de cara amarrada: — Bom dia. Onde vocês estavam? Anzo está vasculhando a cidade toda atrás de vocês. — Eu quase falei da mentira do Divano, mas eu não sou uma dedo-duro: — O

Divano saiu para treinar, e eu fui com ele. — Não façam isso de novo. — Tomamos o nosso café da manhã com o Baquara, e depois o mentiroso, quero dizer, o Divano, entregou o seu caderno de orações e a sua caneta para o Mestre Obiru, pedindo uma informação: — O senhor deve ser muito sábio. Eu fiquei surdo desde o momento em que eu abri um livro esquisito. Como se cura isso? — Você precisa das **guardiãs do código** de Koigutama. Essa moça pode te ajudar com isso. Ela é capaz encontrar pessoas facilmente — disse Obiru, enquanto escrevia. — Só durante a noite. A luz solar me atrapalha. — Ah, entendi. Você só é atrapalhada durante o dia! — ironizou o cabeça de vento do Anzo, que tinha acabado de chegar. — Ah, é, né? E você é atrapalhado dia e noite, de domingo a domingo! — Parem com isso. Nós somos uma família! — Acho que não, Sarta. Porque só ela que nasceu dum ovo. — O QUÊ?! Aaanzooo... EU VOU TE MOSTRAR QUEM É QUE NASCEU DO OVO! VOU FAZER VOCÊ ENGOLIR TODOS OS OVOS DESSA CIDADE! — COMPORTEM-SE, VOCÊS DOIS!!! — O Mestre Obiru nos deu um basta. — Oras. Já temos inimigos demais lá fora, querem ter inimigos aqui dentro também? Vocês vão pra escola agora, e eu quero que vocês se tornem amigos, ou, eu vou pensar em um castigo severo para vocês... — Todo mundo ficou em silêncio. — Assim, está bem melhor. O Lhurne e o Divano vão fazer uma tarefa bem fácil: analisar toda a muralha, uma vez por semana, procurando alguma brecha. De acordo? — O Baquara escreveu para o Divano, e ele não gostou nem um pouco: — Aquela muralha enorme, em volta da cidade inteira?! Ah, não... eu não sou um camelo do Egito pra andar tanto assim. — É isso, ou, ajudar a limpar a neve das ruas. O que você prefere? — Enquanto o

Divano se decidia, eu fui pra escola com o Sarta, e o cabeça de vento. Ela era muito diferente da escola de Teknalia. O professor da aula de treino básico se chamava **Erasmo Nossema**, e ele me encheu de perguntas. Uma delas foi sobre a profissão que eu gostaria de aprender ao terminar o último ano de escola. Eu respondi que eu queria ser agente de resgate, me especializar em libertar as pessoas, e tirar elas de perto do perigo. O professor elogiou a minha escolha, e a registrou em uma ficha. — Tomara que ninguém fique preso de dia, se não, tá lascado! — Ah, vá se danar, Anzo! — O que eu achei estranho, é que naquela escola, todos estudam juntos. Em Teknalia eram cabines individuais de estudo, com professores virtuais. Quando saímos da escola, Anzo, e Sarta, me levaram para o treino prático do Mestre Obiru, no ginásio de esportes. E ele era diferente para cada aluno. O meu, parecia uma pegadinha: separar duas argolas de chumbo áspero que estavam cruzadas. O Sarta tinha que apagar uma lâmpada acesa atrás de uma placa de chumbo, assoprando o seu pó naquele tubo dele. E o Anzo precisava se desviar dos golpes de um lutador, sem tirar os pés do chão. Tudo supervisionado por uma treinadora parecida com o Sarta, só que loira, e o seu nome era **Ubaka Nossema**. Passei o meu punhal na argola, para fazer aquele corte de átomos invertidos e separar uma da outra. Porém o chumbo era muito denso, e o corte quase prateado sempre ficava pequeno demais. Então, eu tentei de outros jeitos, e todos eles deram errado. Acho que até ganhei umas veias novas, de tanta força que eu fiz, tentando separar as argolas. Esse avô do Kaoni deve ser doido! Enquanto isso, o Divano analisava a muralha com o Baquara, e eles viram a Niar no portão do sul, muito entediada, olhando para a montanha. Os

três iniciaram uma conversa: — Nae Divano. Nae Lhurne. O que vieram fazer no lugar mais monótono de Imeri? — Estomas bratalhando. — Entendi, eu acho. Para falar com o Divano, é só por escrito? — Dim. — Ele pode se dar mal com isso. — Sobre o que ela está falando, Lhurne? — O Baquara escreveu para ele o que a Niar acabava de dizer. — Por que eu posso me dar mal? — Em um conflito, ou emergência, não tem como ficar escrevendo bilhetinho, Divano. Você precisa aprender outra forma de se comunicar. — O Baquara transcreveu para o "gênio lutador", que propôs outra solução, bem a cara dele: — É só eu ficar longe de conflitos e emergências! — O quê? Hahaha... ai Divano... os inimigos vão atrás de você onde quer que você esteja. E as emergências podem te pegar de surpresa. Hum... Acho que eu sei como te ajudar. Me encontrem daqui a uma hora no monumento do Ao-Ao. — Uma hora se passou, e eu voltei para a casa do Mestre Obiru, com o Sarta, e o Anzo, morta de cansaço. Refleti sobre os meus punhais, deitada no sofá da sala: — Eu sempre acreditei que eles nunca me deixariam na mão. Mas, parece que eu estava enganada. Apolônio se regenerou com facilidade do corte de inversão, que não é capaz de separar aquele simples par de argolas... — Ao mesmo tempo, o Divano foi com o Baquara para o centro de Imeri, onde a Niar os esperava. Ela convidou os dois para o cinema, e escolheu um filme com legenda no mesmo idioma. — Preste atenção nos lábios dos atores, Divano. Vamos ver se você aprende leitura labial assim — escreveu Niar, antes da sessão começar. Eles assistiram ao filme todo, e na saída do cinema, a Niar pediu um favor em troca: — Também preciso da ajuda de você dois. Quero descobrir o conhecimento completo do aroana Ao-Ao que deve

estar lá no Monte Iviturui. O último que tentou fazer isso foi o Anzo, e ele quase se perdeu. Voltou dizendo que era impossível, mas ele é muito apressado e desatento. Acho que nós três juntos podemos conseguir. Vocês topam me ajudar? — O Lhurne respondeu que sim, e entregou ao Divano esse pedido da Niar. Ele o leu e ficou indeciso. Observou as pessoas que conversavam felizes sobre o filme que assistiam, e deixou a Niar decepcionada: — Já entendi, Gênio Lutador. Você não quer me ajudar. E eu aqui, perdendo o meu tempo com você, seu ingrato! — Ela deu as costas, e correu na direção da sua casa, para esconder a tristeza atrás da revolta. Divano seguiu ela, com medo de perder a sua amizade: — Não! Espera, Niar! Eu vou ajudar você! Ouviu?! Espera! — A moça gótica parou de correr ao ouvir isso. — Eu vou com você para o Monte Iviturui. Só não pare de me ensinar a ler lábios. Fechado? — Ela secou o seu rosto com a mão, e ele estendeu a sua. A Niar se virou, acenando com a cabeça, e um sorriso contido no rosto. Ela apertou a mão dele, fechando o acordo. Os três chegaram na casa do ancião quase duas horas depois de mim. O Divano se jogou no sofá, exausto, e a Niar me contou tudo o que aconteceu. Eu também queria ajudá-la, mas ela me disse que eu não poderia faltar nas minhas aulas e treinos. Foi uma segunda-feira daquelas bem cheias, e eu dormi tanto que acordei atrasada.

O labirinto do aroana

Terminei o café da manhã correndo feito louca, e dei de cara com a escola fechada. Não tinha nenhum *intercom holográfico,* e as minhas batidas no portão não foram escutadas. Quase destranquei ele com a Brilhante e a Prateada, mas desisti, porque ninguém seria capaz de trancá-lo, e todos saberiam que

fui eu. Pelo menos nisso ela se parece com a de Teknalia. Olhei para o Monte Ivituruí, e pensei: — Já perdi a aula mesmo... vou compensar essa falta ajudando a Niar. — Fui direto ao portão do sul, onde um rapaz de cabelo azul jogado pro lado me parou soltando um "nae", perguntando meu nome. — Eu nunca te vi antes, Elenia. Meu nome é Naidan Ivituruí. Estou substituindo a Niar, e preciso saber quem entra e quem sai. Vai escalar a montanha? — Não. Eu vou ajudar a Niar em sua busca. — Mas, a Niar já deve estar bem longe nas cavernas. Vai mesmo atrás dela? — Sim. — Então... — O rapaz tirou do seu bolso um par de luvas com aqueles desenhos que lembram um circuito eletrônico, só que de símbolos, e me entregou: — ... leve isto com você, para manter a sua temperatura. — Obrigada! — Não fique nas cavernas se uma delas se rasgar, é muito arriscado. Bons ventos frios te guiem. — Me despedi do rapaz, e comecei a minha subida no gigante de gelo adormecido. Quando eu vesti as luvas, a minha energia interna acendeu os seus desenhos na cor laranja, e elas ficaram bem quentes. Meia hora depois, mais ou menos, eu achei a entrada da caverna derramando névoa rasteira, e descobri o motivo daquele rapaz ter me emprestado as suas luvas térmicas: quase fui congelada por uma corrente de ar que saía dela. Eu tremia como uma turbina descompensada, e soltava aquela fumacinha pela boca, enquanto andava dentro da caverna, iluminada pelos mesmos cristais do túnel que o Kaoni descobriu em Teknalia. Eu toquei em um deles, e o seu brilho ficou muito mais forte. A luz desses cristais me guiavam pela caverna, que se dividia em várias direções e mudava de tamanho. Enquanto isso, Lhurne Baquara usava um radar holográfico portátil que ele trouxe de Teknalia, para ajudar a exploração. Em uma passagem estreita,

que eles atravessavam de lado com as mochilas nas mãos, a Niar encontrou uma luva térmica rasgada, com o nome Anzo escrito na sua etiqueta. — Chegamos no lugar mais distante o-onde um guardião já chegou nessas c-cavernas, depois da **Mil Nossema**. Com esse radar, mo-mostrando o caminho de volta, podemos ir bem mais lo-longe sem o medo de se pe-erder. — A voz da Niar reverberou na caverna. Ela deixou a luva onde estava, para servir de aviso aos próximos aventureiros, e quando saiu daquela passagem estreita com o seu time, se deparou com uma enorme bola de gelo cheia de pontas, formada no centro de um espaço todo perfurado por jatos congelantes. Ela estava presa no teto por uma fina barra de gelo. Niar fez sinal de silêncio para os dois rapazes, e os três avançaram cuidadosamente. Do outro lado, haviam três caminhos, e o grupo escolheu o do meio. Eu também fazia as minhas escolhas, que na maioria das vezes me levavam para becos sem saída e poços perfurantes, até uma dessas cavernas ficar tão pequena, que eu tive que rastejar naquele chão frio. Isso fez o meu corpo gastar ainda mais energia, e assim que eu pude ficar de pé, aqueci a minha barriga, tórax e coxas, que já estavam dormentes. Logo depois, eu encontrei muitas luvas térmicas rasgadas perto de um paredão de gelo, com cristais afiados que ajudavam na escalada, mas também poderiam rasgar essas luvas. Pensei bem antes de encarar isso, e tive uma ideia: desenrolei o meu cinto, encaixei a Prateada em sua ponta, e chicoteei ele no topo do paredão, até cravar o punhal lá no alto. Tomei coragem, e usei ele como uma corda para subir a barreira. Pequenos cristais na sua borda cortavam o meu cinto como uma faca. Eu não vi isso antes, e no meio da escalada, o meu cinto arrebentou. Me segurei em um dos cristais, para não

me *estabacar* no chão, e rasguei a luva da mão direita, que me protegeu de um corte profundo. Fiquei bem nervosa, e depois de muito esforço para superar esse obstáculo, eu vi que a luva rasgada não funcionava mais. Perdi toda a paciência: — Mas, que me-erda! — Ouvindo os ecos da minha indignação, eu me lembrei do que o Naidan me falou, mas só de pensar em ter que superar todos aqueles obstáculos novamente, eu mudei de ideia e arrisquei a minha vida seguindo em frente. Ao mesmo tempo, o grupo da Niar saiu pela caverna do lado direito, no mesmo lugar da bola de espinhos. — Argh... não podemos perder tempo desse jeito. Essas luvas usam a nossa energia, e se ficarmos fracos demais, elas podem parar de funcionar — reclamou a guardiã gótica. Eles desceram a caverna da esquerda. — Andem com cuidado, pois não sabemos o que nos espera lá embaixo. — O Divano não ouviu o conselho da Niar, se desequilibrou, e caiu. Seu bracelete o protegeu da queda, mas fez um som metálico muito alto quando bateu no chão. — O QUÊ FOI ISSO?! DIVANO! — Ela o ajudou a se levantar, e eles ouviram o barulho do gelo se quebrando, seguido por um tremor que quase os derrubou. — CORRAM! — berrou Niar, ao ver aquela esfera mortal sem as pontas de baixo, escorregando pelo gelo na direção deles. Ao mesmo tempo, o meu estômago já roncava de fome, quando eu encontrei uma ave grande e branca, com um bico tão duro que triturava o gelo. Tentei passar por ela sem chamar a sua atenção, e acabei tropeçando em alguma coisa: — Caramba. Isso daria um belo omelete. — O pássaro comedor de gelo não gostou nada disso, e o seu grito quase me deixou igual ao Divano. Ele me atacou, e eu tentei correr para longe, mas o pássaro me perseguia voando bem rápido, enquanto a bola de espinhos pegava mais

velocidade atrás do grupo da Niar, que patinava desesperado pelo declive congelado, se desviando dos buracos, e das formações de gelo que reduziam a velocidade da esfera mortal, ao serem quebradas por ela. Lhurne não evitou uma rampa que o lançou para o alto. Ele caiu no chão e perdeu o seu radar, que foi esmagado pela tonelada fria e sanguinária. Simultaneamente, o pássaro furioso tentava me morder, e me agarrar, durante a minha fuga. — Tá bom! Desculpa! Eu estava com fome! E não posso mastigar gelo que nem você! — Ela não aceitou o meu pedido de desculpas e gritou, desprendendo as estacas pontiagudas de gelo no teto. Elas despencaram bem na minha frente, me dando mais um motivo para me arrepender de ter entrado naquele labirinto, o mesmo que aterrorizou o grupo da Niar entre a bola de espinhos, e uma camada de gelo que bloqueava totalmente a descida. Niar ficou puta da vida e acendeu a tatuagem de luz do seu braço, que foi coberto por aqueles cacos de gelo, para golpear freneticamente aquela barreira, tentando quebrá-la. Apavorados, o Divano e o Lhurne ajudaram a Iviturui. E a esfera deslizava cada vez mais rápido atrás deles. — ANDA! QUEBRA LOGO! — EU FALEI PRA GENTE NÃO VIR AQUI, PORQUE EU ACORDEI COM O PÉ ESQUERDO HOJE! — PARA DE FALAR BESTEIRA! — Niar viu a bola de espinhos à poucos metros de distância, e desistiu da vida: — Droga. — Divano teve uma reação diferente, entrando em pânico, e berrando enquanto tentava se proteger com o bracelete. Niar me contou que viu um *flash* de luz turquesa nas costas dele, e logo em seguida, vários pontos luminosos se acenderam na barreira de gelo, que se despedaçou. Isso restaurou as esperanças dela: — IVITURUI DEN! — A tatuagem da sua perna se acendeu e, com aquela

pisada do Mestre Obiru, ela criou uma parede feita de gelo para atrasar a bola de espinhos, e puxou os rapazes pelo braço para continuarem a descida com ela. Eu também sobrevivi, me desviando das estacas de gelo em queda livre, subindo a caverna ao invés de descer, com aquele pássaro branco dando rasantes na minha cabeça. Chamei o Ró, e pedi para ele tirar aquela ave da minha cola, mas ele se negou a me ajudar. Isso nunca aconteceu antes. — O QUÊ?! Você sempre me obedeceu! Porque tá fazendo isso, agora? Aaaaah! SOCORROOOOO! — O pássaro branco aproveitou a minha distração para me levar embora nas suas garras. Se eu usasse os meus punhais para me livrar dele, eu despencaria lá de cima, e me quebraria toda, na melhor das hipóteses. Então, ignorada pelo meu melhor amigo, só me restava pedir socorro mesmo. E se você pensou que não podia ficar pior, se enganou. A caverna onde o grupo da Niar estava fez uma curva, e as pontas da esfera de gelo rasparam na parede, fazendo ela girar como um moedor de carne, enquanto aquela ave me levou para um abismo, que gelou a minha espinha, para me largar nele na maior frieza. Me senti impotente e aceitei meu destino, mas as paredes do abismo se afunilaram e eu entrei pelo cano, escorregando nele até ser cuspida em outra caverna bem mais larga, que descia. Me levantei atordoada e ouvi a voz da Niar, que passou por mim como um raio laser: — CORRE, ELENIA!!! — Olhei para trás, e me assustei com a morte pontiaguda que vinha me dilacerar. Saí correndo sem tempo nem pra respirar, tentando me juntar ao grupo da guardiã gótica. Essa caverna terminava no meio de outra que descia em um sentido diferente. Niar pediu para todos subirem essa caverna, e eu fui a última. A esfera de gelo com pontas quase

me picotou, e fez a caverna tremer quando bateu em sua parede, e se quebrou em várias partes que desceram, mostrando que nós tomamos a decisão certa. — O que você veio fazer aqui, Elenia? N-não era para você estar na escola? — Eu acordei atra-trasada, e quando eu cheguei nela o portão estava f-fechado. Então, eu vim ajudar vocês. — Elenia... era só ter pu-uxado a corda que toca o sino da secretaria. — Sino? O que é isso? — Você não sabe o que é um si-sino? — Não. — Ela me olhou como se eu fosse de um outro planeta. — Bem... você teve so-orte de nos encontrar. Pois nós temos o Baquara c-com o seu radar para nos mostrar o caminho de vo-volta. — Prendi ao redor. — O Baquara sentiu-se culpado. — Você fez o quê? — E-eu acho que ele está dizendo que perdeu o radar — chutei. — Não deve ser isso... — Lhurne acenou com a cabeça, confirmando para a Niar que eu acertei o meu chute. — Ah, que bom. O Mo-monte Ivituruí vai nos dar a honra de ser o nosso caixã-ão — ironizou a guardiã. — Sobre o que vocês e-estão conversando? — É melhor você nem saber, Di-ivano. — Subimos juntos aquela caverna cheia de pedras e buracos, mais e mais íngreme a cada passo. E, passado um tempão, nós encontramos um espaço limpo e plano. — Esse pa-parece um bom lugar para de-descansar... — sugeriu Divano, ofegante e com frio, deitando no chão. Niar olhou para a luz fraca e instável das suas luvas térmicas. Depois, para a sua equipe que estava com fome, sede, e no limite da exaustão. Ela concordou com o moço do bracelete, e nós fizemos uma rodinha. — Que friiio! Tá congelando a minha bunda. — Já já a sua bu-unda se acostuma — me garantiu Niar. Eles tiraram vários equipamentos, água e comida das suas mochilas, e a guardiã montou um treco maluco que acendeu uma chama para nos

aquecer, e cozinhar. Ninguém se importou de eu ter trazido apenas o meu estômago vazio como contribuição, e dividiram comigo. Tudo era muito simples e ultrapassado, mesmo assim, eu me sentia muito bem naquele momento, como se tudo o que eu precisasse para a vida fazer sentido estivesse ali mesmo. Um sentimento de união, que confortava o meu espírito e acalmava a minha mente. Após aquele lanche delicioso, todos descansaram ouvindo a Niar contando a história de um filme de terror que ela assistiu em casa. Eu gostei muito disso, e quando a história terminou, ela pediu para guardarmos tudo na mochila, inclusive o lixo, antes de continuarmos a nossa missão de busca. No meio do caminho, eu pisei em uma pedra solta e a Niar me segurou pelo braço, salvando a minha vida. No mesmo instante, nós ouvimos um mecanismo se distanciando de nós como um drone voador, seguido pelos gritos dos rapazes. — Achamos uma tirolesa! Ela levou o Baquara lá pra cima! — berrou Divano, segurando o quepe do ex-marinheiro, e apontando para um fio dourado e luminoso, fixado no teto da caverna. Seguimos esse fio, e um breve zumbido elétrico cortou o ar. A tirolesa desceu por ele, sem o Lhurne, e se apagou, e nós voltamos para ver ela mais de perto. — Hum... isso pa-arece coisa da Mil Nossema — suspeitou Niar. Ela deu um salto para se pendurar nas duas manoplas da tirolesa, que acendeu novamente e levou a guardiã para longe. Na minha vez, eu me segurei firme nela, que deu um tranco e fez eu me sentir como um míssil supersônico. Tive que me desviar de alguns obstáculos, encolhendo as minhas pernas, e percebi que uma das manoplas controlava a velocidade da tirolesa, igual à da moto. Isso foi bastante útil para evitar as rajadas de gás congelante que apareciam na minha frente, com

intervalos cronometrados. O fio dela fazia curvas sem precisar de suportes. Deve ter sido solidificado após completar o trajeto. E ele subiu verticalmente por um abismo cercado de criaturas gigantescas e pré-históricas, eternamente congeladas. Tive que usar a velocidade máxima para escapar dos jatos criogênicos bem atrás de mim. A diferença de pressão me deixou com um tinido nos ouvidos, e fui pega de surpresa por um *loop* que me virou de ponta cabeça, ao sair da montanha em uma altura que fazia qualquer arranha-céu de Teknalia parecer uma miniatura de maquete, para entrar novamente pelo cano, de costas, e subir dentro dele até uma caverna horizontal. Eu tentei trocar as mãos para me virar, mas eu logo desisti, ao perceber que a tirolesa ficou desbalanceada, fazendo a outra mão escorregar da manopla. Então, eu tive que torcer o pescoço para ver as pedras de gelo, e rajadas de gás que se aproximavam por trás. Quando essa loucura acabou, eu desci da tirolesa com o meu coração à milhão, em um salão imenso construído pela natureza, e o Baquara me esperava, enquanto a Niar golpeava uma parede invisível com a sua espada de cacos. Me concentrei nos meus batimentos cardíacos, e na minha respiração, para voltar ao normal, e perguntei o que a Iviturui estava fazendo. — Precisamos atravessar essa parede feita de **num!** O conhecimento do aroana está do outro lado! — Entendi. Deixa comigo. — Puxei os meus punhais e tentei cortar a parede invisível, mas ela não sofreu nenhum arranhão. Repeti com mais força, várias vezes, e nada. Era pior que as argolas do Mestre Obiru. — Que material é esse?! — É massa quântica pura, Elenia. Tão perto, mas tão longe... — explicou a guardiã, frustrada por causa de uma parede, olhando para um pilar transparente com espirais cônicas de gelo, do outro lado dela.

Pouco tempo depois, o Divano chegou de olhos fechados, e ficou lá, pendurado. — Nae, meus clientes! — Todo mundo se assustou quando ouviu a voz de uma mulher misteriosa, soando de um nanocomputador jogado no chão pelo espanto do Baquara. — Parabéns por chegarem até aqui! Eu sei exatamente o que vocês precisam! — Peguei o nanocomputador do chão enquanto ele falava. — Posso desativar o conhecimento dessa parede de num por apenas 500 caas! O que me dizem? — Essa gananciosa da Mil Nossema! Morreu, mas deixou um mo-monte de gravações para arrancar o nosso dinheiro! — revoltou-se Niar. — Não sou uma gravação. Sou uma parte do conhecimento da Mil, programado neste nanocomputador. — Argh... 500 caas... é muita grana... — refletia a nossa líder. — Alguém pode me escrever o que está acontecendo? — pediu Divano, com uma interrogação estampada na cara, e o Lhurne foi para perto dele, com papel e caneta nas mãos. — Esse valor não é escolhido por mim, você sabe disso. É o trabalho que eu tive para fazer este nanocomputador ser capaz de desativar um conhecimento meu sem a minha presença. — Mas, se você morreu, pra quê você quer dinheiro?! — questionei. — Não encontrei essa informação em meu banco de dados. — Ah, sim, quando você programou isso, ainda estava viva... — Demorei um pouquinho para me dar conta disso. — Quem é essa mercenária, Niar? — Eu não sou mercenária. Meu nome é Mil Nossema, a segunda mestre da Espada da Vingança! Eu escondi o conhecimento do aroana Ao-Ao à pedido do abatan de Itatama, quando as inscrições do memorial foram danificadas por Moacubas invasores. — Ela usava a espada para recuperar o co-onhecimento perdido dos inventores esquecidos, e adaptava as

suas ide-deias para funcionarem com a poeira de itanakuar — Niar deu mais detalhes sobre aquela aproveitadora. — Eu pago! — Divano ofereceu os seus caas, ansioso para sair da caverna. — Não, Divano! Isso não é justo! Ela mesma fez essa parede para depois cobrar pela desativação! — Não se meta nos meus negócios! — Ai! — O nanocomputador me deu um choque e eu o soltei no chão. — Aponte o seu cristal de caa para mim, e eu irei produzir uma chave de infusão para desintegrar essa parede. — Tomei a caneta do Lhurne, e a quebrei, antes que ele terminasse de escrever a fala dela para o Divano. — Oi! Quer por sorvetes osso, Elania! — Tirei o nanocomputador do chão, e discuti com ele: — Você não pode cobrar a solução de um problema que você mesma criou! Isso é safadeza! — Eu não criei problema nenhum! Essa parede serve para proteger ainda mais o conhecimento do Ao-Ao! — Que proteção é essa?! Qualquer um com dinheiro pode chegar aqui, e acessar o conhecimento dele, sua mercenária desonesta! — Por que você se importa? O dinheiro é seu, por acaso?! — Por que nós somos um time, e ele salvou a minha vida! — Mesmo assim, você não pode mandar nas outras pessoas. Elas tem o direito de escolha! — E você não pode enganar os outros! Pra quê fazer isso? Ninguém precisa de tanto dinheiro assim! — Quanta ingenuidade... é o dinheiro que move o mundo! Sem ele, você não é ninguém! Dinheiro é a coisa mais importante que existe! — Mentira! — Mentira? Então, me diga o que é mais importante e fundamental do que o dinheiro. Vamos! — Pensei um pouco, para dar uma boa resposta: — O tempo! — O quê?! O tempo?! Hahaha! — Sim! Sem tempo, não tem como ganhar dinheiro, e nem como usar ele ao seu favor! Do que adianta passar o tempo todo acumulando uma coisa, para

depois não ter tempo suficiente para usar isso tudo?! Que vantagem você terá em morrer sem aproveitar o seu tempo com as coisas boas da vida, e ser esquecida para sempre?! — O nanocomputador começou a *bugar* nas minhas mãos, e eu continuei: — Os seus bens se quebrarão, e os seus caas serão consumidos, mas as suas experiências, e o que você fez pelos outros são coisas que duram mais do que uma vida, e não há dinheiro que pague! — ELENIA! SOLTA ISSO! VAI EXPLODIR!!! — alertou Divano, e eu joguei o nanocomputador *bugado* na parede invisível. Ele detonou como uma granada, transformando a barreira de num em um clarão, que se dissipou, desintegrando a parede por completo. Todos me olharam, impressionados. Em seguida, a Niar percebeu que a parede não existia mais. Isso a deixou contente, e ela nos chamou, correndo na direção do pilar de gelo. No chão, restaram algumas peças do nanocomputador, e eu guardei o cristal de caa dele, e uma bateria. A Iviturui analisou o pilar, e tirou a luva da sua mão esquerda. Quando ela o tocou, duas placas redondas de cristal se acenderam na sua base, e no seu topo, revelando circuitos brilhantes conectados à ele no chão, e no teto daquele salão, com vários símbolos, como se fossem os seus componentes. Esses circuitos produziram um painel holográfico na nossa frente, exibindo um código extenso com os mesmos símbolos que eu não conhecia, no meio de vários traços e pontos que pareciam um circuito. Niar tirou uma caneta do bolso externo de sua mochila, e copiou aquele holograma nas costas da sua mão que tocava o pilar. — Háăá! Isso! Conseguimos! — A guardiã jogou para cima o seu punho esquerdo fechado, comemorando pra valer, ostentando a cópia escrita nele como um prêmio! Foi uma sensação muito boa, de

missão cumprida, porém, ainda precisávamos fazer todo o caminho de volta. E sem o radar. O holograma, os circuitos, e os cristais do pilar se apagaram, enquanto a guardiã declarava: — Agora, temos uma grande responsa-abilidade. Esse conhecimento não pode ca-cair em mãos erradas, porém, eu não posso usar ele so-sozinha. — Ela tirou uma folha de papel da sua mochila, e a rasgou duas vezes, para fazer mais 4 cópias daquele conhecimento, guardando uma delas e distribuindo as outras, com muita satisfação, e confiança em sua equipe. — Acabou? Era isso que viemos bu-buscar? — perguntou Divano, e a Niar confirmou com a cabeça. — Então, vamos embora! Não aguento mais essa "geladeira do infe-erno"! — Dessa vez, ele foi o primeiro a se pendurar na tirolesa, sem pensar duas vezes! Na minha vez, eu já percebi um problema que se tornaria constante em nosso retorno: tudo parecia diferente, ao refazer o mesmo percurso, de trás para frente. E com todo o nosso grupo reunido na outra ponta da tirolesa, nós descemos aquela caverna que nos salvou da bola de gelo com espinhos, e subimos a outra por onde ela deslizou. Quando chegamos no espaço onde aquela esfera mortífera estava presa no teto, vimos um "filhote" dela crescendo no mesmo lugar. A guardiã se prostrou no chão, tremendo sem parar, com a pele pálida, e os lábios roxos. Socorremos ela, preocupados, e percebemos que as suas luvas térmicas estavam quase desativadas. — E-estou sem ener... energia. Nã-nã-não vou co-conseguir... po-podem ir se-se-sem mim... — De jeito nenhum! — Abri a mochila dela, e peguei as peças daquele treco que usamos no acampamento, para esquentar nossa comida. — Co-como monta isso, Niar?! — E-e-elenia... esse foga-areiro ga-gasta mu... muito **endir** pa-ara acender... — Endir? O que é isso? — É a no-nossa energia

i-i-interna... ai... — Niar! Niar! — Suas luvas desligaram e ela desmaiou. O desespero tomou conta de nós. Pedi a ajuda dos rapazes para montar aquilo o mais rápido possível, mas eles também não sabiam conectar as peças do fogareiro, que se recusava a ficar de pé. A nossa falta de conhecimento se transformou em uma sentença de morte, e eu chorei, com medo de perder a prima do Kaoni. Como última tentativa, eu falei para eles tirarem a Niar do chão, e a abracei, doando o calor do meu corpo. Divano, e Lhurne, sacaram a minha ideia, e fizeram o mesmo, mas não foi o bastante para salvar a sua vida. — Hã? Ele-lenia! Tá saindo fu-umaça da sua mochila! — percebeu Divano. — Soltei a Niar, para ver o que estava acontecendo. Era a bateria do nanocomputador da Mil Nossema, liberando energia nos outros objetos da mochila! Peguei a bateria, e tive uma ideia: pedi para eles manterem a Niar de pé, coloquei a bateria em uma das suas mãos, e a fechei. Na mesma hora, a luva se acendeu, e esquentou, renovando as minhas esperanças. Lentamente, a sua pele, e os seus lábios perderam as cores da hipotermia, até ela recuperar a consciência, nos deixando aliviados. Ela soltou a bateria, e eu pedi para ela a segurar de volta, explicando o que aconteceu. — O-obrigada, Ele-elenia. V-você é muito e-esperta. Po-podem me so-so-soltar, eu também ti-tive uma ideia. — Divano, e Lhurne, deixaram a Niar ficar de pé sozinha, e ela montou o seu fogareiro rapidamente, colocando a bateria do nanocomputador dentro dele, para manter o grupo todo aquecido usando o endir guardado nela. Passado esse momento crítico, nós continuamos o retorno pelo labirinto de cavernas, e logo percebemos que no sentido inverso tudo parecia diferente. A falta que o radar do Lhurne fazia pra gente ficou escancarada, e nos perdemos

dentro do labirinto, depois de muitas escolhas erradas. Divano quis saber o motivo do Lhurne não usar o seu radar portátil, e a resposta o deixou em estado de choque. — Nã-nã... eu não quero morrer aqui! E agora, Niar, o que nós va-amos fazer?! — Eu não sei, tá legal?! Só sei que n-não podemos perder o controle, então se acalme, Di-divano! Vamos... vamos parar aqui um pouco. — Fizemos a pausa que a Niar pediu para encher as garrafas de água derretendo o gelo da caverna. Enquanto o gelo derretia, eles tiraram tudo das suas mochilas, para verificar os nossos recursos, e os alimentos eram tão poucos que mal davam para matar a fome de uma pessoa. Eles foram guardados para o caso de alguém passar mal. Na minha mochila só havia o kit escolar retrógrado de Imeri. — Eu não tenho nada útil... — Ele-lenia. Fique com o caderno e o lápis na mão. Eu te-enho um plano. — Retomamos a nossa missão de busca, mas pela saída do labirinto, e quando várias passagens surgiam, eu desenhava uma seta na folha do meu caderno, e deixava ela presa por uma pedra no chão, indicando a direção que escolhemos. — E-eu pedi para o meu substituto iniciar o nosso re-resgate, se não voltássemos antes do a-anoitecer. — Niar nos deu mais um motivo para não desistirmos. E durante esse anoitecer que não podíamos ver, outro guardião assumia o lugar do Naidan que ficou preocupado com a nossa demora. Ele chamou mais dois guardiões, e duas guardiãs, para iniciarem o nosso resgate. Dentro das cavernas, as presenças de Imeri surgiram no meu sexto sentido, e eu notei a presença do Naidan, entrando no labirinto com mais 4 guardiões: — N-niar! Ele já entrou na montanha! E t-tem mais 4 pessoas com e-ele! — Fiz a esperança brilhar novamente nos olhos cansados da minha equipe. — Finalmente, u-uma boa notícia! Onde eles

estão? — Pra lá, Niar! — apontei. — Vamos chegar m-mais perto deles! — E foi assim que a liderança do nosso grupo foi transferida para mim. Eu senti o peso da responsabilidade sobre as suas vidas, enquanto os guiava, iluminados e aquecidos pela energia de uma ancestral. Ao mesmo tempo, Naidan acendia uma tatuagem de luz em sua orelha, que se estendia até a sua mão, e tocou o chão congelado com ela. Essa tatuagem permitia a detecção dos movimentos sobre o gelo a longas distâncias. Outra guardiã desenrolava pelo caminho um pequeno rolo de fio, amarrado na entrada do labirinto, para não se perderem como nós. Passagem por passagem, eles nos procuraram por duas horas, até a habilidade do Naidan detectar o nosso movimento. Ele direcionou a equipe de resgate, repetindo essa técnica, até o fio guia se acabar. — Vou voltar e pegar mais um rolo de fio — disse um guardião, correndo para a saída. — Eles não estão longe daqui. Vocês dois podem me esperar, batendo o pé no chão, enquanto eu continuo sozinho. — Tome cuidado, Naidan — pediu o guardião, e o substituto da Niar avançou pela caverna, até encontrar uma das setas desenhadas por mim. Em outra parte do labirinto, a energia da Mil Nossema naquela bateria se esgotou, e a nossa fonte de luz e calor se apagou. Niar guardou o equipamento, chamado por ela de fogareiro, e o Divano fez uma sugestão, sentando no chão, com as costas apoiadas na parede da caverna: — É melhor a g-gente parar de andar, e poupar a no-nossa energia. — Ele tem razão — a guardiã concordou, sem saber que isso dificultava a nossa detecção pela habilidade do Naidan. Mesmo assim, ele seguiu as minhas setas por meia hora, e nos encontrou debilitados, e caídos no chão. Quando eu ouvi a voz dele nos chamando, eu pensei que era só um sonho.

Rapidamente, ele acendeu o seu fogareiro, e preparou um chá nele, enquanto nos oferecia comida, e checava os nossos sinais vitais. Graças ao Naidan, recuperamos as nossas forças, e o seguimos até o local onde a sua equipe de resgate o esperava. — Vocês são fortes, e inteligentes. Só encontrei vocês por causa das setas que deixaram no chão — elogiou Naidan, a nossa frente. Ele usou a sua tatuagem de poder, para escutar a equipe de resgate batendo o pé no chão. Isso me ensinou a importância de se ter habilidades que não sejam relacionadas ao combate. Após um tempo, nos juntamos com a equipe de resgate, e seguimos o fio guia até a saída do labirinto de cavernas do Monte Iviturui, já de noite. Essa foi uma aventura, e tanto! De volta ao portão do sul, Naidan nos perguntou sobre o resultado da nossa busca, e a Niar respondeu: — Vimos a face da morte v-várias vezes, mas conseguimos recuperar o conhecimento do n-nosso aroana. — Impressionante. Vocês têm noção da importância desse conhecimento, certo? — Sim. Eu já expliquei para eles. Vou fa-azer mais cópias e entregá-las para vocês também. — Agradecemos mais uma vez ao Naidan e sua equipe, antes de nos despedirmos. A Niar foi ter o seu merecido descanso, e eu voltei para a casa do Mestre Obiru com o Divano, e o Baquara.

Quebrando a rotina

No dia seguinte, eu acordei no horário certo, e na hora da saída, o professor me perguntou o motivo da falta, e não acreditou no que eu contei: — Que imaginação fértil... inventou uma história dessas, só para não me dizer o que te fez faltar a escola. — Mas, é verdade! Pode perguntar pra Niar! — Está tudo bem, Elenia. Só tome cuidado para não faltar demais e ficar burra. — O quê?! — Pode ir, está dispensada. — Fui para

a aula prática resmungando de ódio desse professor que me tratou como uma mentirosa, e não consegui separar as argolas. No final daquela tarde, o Divano não voltou para a casa do Mestre Obiru, só o Baquara que me deu um bilhete: — Estou te esperando para treinar no mesmo lugar onde treinamos antes. Divano Sunmeri. — Para manter o nosso segredo, eu fui para o meu quarto, tranquei a porta, e pulei a janela, com cuidado para ninguém me ver, ou me ouvir. Lá na colina, eu cumprimentei o Divano. Ele olhou para a minha boca, e respondeu a minha saudação. — Olha aí! Você não é surdo coisa nenhuma! — Não entendi, Elenia. Pode escrever pra mim? — Ai... vamos treinar logo. — Divano aprendeu bastante naquele treino. Ele percebia os menores movimentos que eu fazia. Treinamos por meia hora, e voltamos para os nossos quartos. Eu tive que dar um jeito de entrar pela janela. A partir daquela noite, uma rotina se estabeleceu. Os dias pareciam iguais, e isso enchia o meu saco. Quando chegou o sábado, eu não aguentava mais, e me sentia uma prensa gravitacional fazendo sempre a mesma coisa. Depois do café, quando todos conversavam sobre o que fariam naquele fim de semana, eu expressei a minha vontade: — Quero emoção! Quero adrenalina! Quero sentir o sangue correndo em minhas veias! — Quero dormir! — Divano também expressou a sua. — Sei bem como você se sente, Elenia. Aqui não tem muita coisa para se fazer — disse Niar, amolecida pelo tédio, com a cabeça apoiada nas mãos. — Eu tenho um videogame em casa. Vamos lá, jogar — convidou a moça gótica. Com exceção do Divano, todos concordaram em ir para a casa da Niar. O Divano foi também, por insistência do Lhurne. A Niar morava com os seus pais, de frente para o Monte Iviturui, em uma casa menor. Todos se juntaram na sala,

para jogar videogame, parecia uma pequena festa, onde se revezavam as duplas. O videogame, e a televisão dela, tinham uma tecnologia parecida com a de Teknalia, mas a televisão era do arco da velha. Parecia mais um retrato de vidro curvo, dentro de uma caixa. No começo, eu até gostei, mas após o almoço, eu queria fazer outra coisa. — Não tem mais nada para fazer aqui, Elenia. — Vamos explorar a floresta, Niar! — Não estou muito a fim de bater as botas hoje. — Vamos acampar na Floresta de Ca-an! — Pela primeira vez, eu concordei com o Anzo. — Vocês estão falando sério? — É uma experiência importante — observou Sarta. — Vou ficar aqui, orando por vocês — falou Divano. — Ah, não. Você tem que ir! Precisamos de você lá, gênio lutador! — indignou-se Niar. — Você vai é dormir aí, seu preguiçoso! — esculachou Anzo. — Então, eu vou preparar a bagagem. — A Niar subiu as escadas, e voltou com os equipamentos e várias mochilas, que nós enchemos com garrafas de água, comidas, e itens médicos. O Divano, bem, ele tirava um cochilo no sofá. Ele não queria mesmo ir com a gente. E, sem ele, a Niar não deixaria ninguém pôr os pés naquela floresta. Então, eu usei a minha arma secreta, e escrevi uma coisinha para ele: — Se você não for acampar, eu conto o seu segredo pra todo mundo. — Argh... tá bom, vamos acampar. — Atravessamos a cidade, de leste, a oeste, e passamos pelo portão da floresta. Seguimos a Niar entre as árvores petrificadas, amassando a neve, por duas horas. E quando chegamos em uma região mais quente, onde as árvores eram verdes e o chão de terra, eu ajudei a Niar com a montagem daquilo que eu pensei ser uma cápsula de relaxamento. Na verdade era uma barraca de acampamento ultracompacta. Tipo um apartamento minúsculo, feito com um

tecido impermeável, e hastes de titânio. A lâmpada do comunicador da barraca acendia automaticamente quando alguém entrava nela. Um riacho estava perto de nós, mas não muito. Niar explicou: — Nunca acampem perto demais da água. Os animais aparecem muito nesses lugares, podem transbordar, e pessoas ruins podem te achar. — Exploramos os arredores do acampamento, a tarde toda. O Divano ficou encostado em uma das árvores, coçando a barba, e olhando para o nada. Quando voltamos, a Niar tinha cavado uma vala, em forma de círculo, ao redor do acampamento, e a encheu de galhos e madeiras. — Anzo, é com você. — É pra já, Niar! — Anzo acendeu um círculo de fogo, derramando aquele pó laranja inflamável na vala. — Porque é sempre o Anzo quem acende o fogo? — perguntei. — Ele tem mais experiência com o koden do fogo — respondeu, Niar. — Não podemos dormir todos ao mesmo tempo — alertou Sarta. — Sim. Vou dormir agora, porque eu me cansei bastante fazendo esse círculo. Alguém vai ter que me acordar quando se passarem 6 horas, para eu ficar de vigia o resto da noite. — Quem? — Vocês decidem. Boa noite. — Niar entrou em uma barraca, para se deitar. E nos sentamos no chão, fazendo uma rodinha, para decidir quem ficaria acordado. No final das contas, resolvemos ficar todos despertos, conversando para o tempo passar mais rápido. Eu contei para eles uma das histórias que eu gostava de ouvir à noite, em Teknalia. — ... E assim, o único sobrevivente, que não tinha nenhuma dessas máquinas infectadas pelo *malware*, derrotou o *cracker* sociopata, acabando com as máquinas que assassinavam os seus donos. Fim. — Eles ficaram confusos de tanto medo. Só o Divano que caiu no sono. — Divano! Você dormiu no meio da minha história

aterrorizante?! — Hã? O que aconteceu? Tá na hora de ir embora? — Naquele exato momento, trinta presenças energéticas surgiram em minha mente. — Silêncio. Não estamos sozinhos aqui. — Devem ser os Moacubas! — Anzo se apressou, para acordar a Niar. — Vamos confirmar visualmente, sem que nos percebam — sugeriu Sarta. Ele soprou o seu pó de cristal na barreira de fogo, abrindo uma brecha, por onde nós passamos. Eu fui na frente, e eles me seguiram. Agachei atrás de um tronco caído, para ver quem eram as presenças. O resto do grupo se juntou a mim, e o Sarta reconheceu os inimigos: — São Moacubas mesmo. Mas são poucos. O que estão fazendo aqui? — Notei uma presença escondida na copa de uma árvore, e fiquei completamente abalada, porque era o Kaienan, fraco e machucado, copiando a imagem de um dos galhos. A maioria dos Moacubas eram ruivos, alguns deles carregavam bastões com ramificações na ponta, que lembravam uma árvore sem as folhas e estavam acesos como tochas. Eu pensei, desesperada, em alguma forma de salvar o meu amigo, e fiz uma péssima escolha: — Gente, não se assustem com que vão ver agora. Ele sempre me obedece, e não vai machucar vocês — preparei eles, com a certeza de que o Divano me escutou, e chamei o Ró. — Todos se assustaram, mas o Divano... ele se levantou, aterrorizado, e berrando, bem alto: — Maldições encadeadas! Satanás saiu do inferno! — Cala a boca, Divano! — Quem está aí?! — gritou um dos Moacubas. — Eu fui uma boa pessoa! Você não pode me levar, Belzebú! — O Ró não entendia nada. — Senta aí! — Puxei o Divano, e ele achou que caiu no inferno. Com todo esse barulho, cinco Moacubas correram na nossa direção. — Ró! Espalhe as suas armadilhas! — Ró! — Meu amigo

sombrio deixou de teimosia e colocou um monte de armadilhas no chão da floresta, até se cansar, e sumir. Aqueles cinco Moacubas foram pegos por algumas delas. Foi quando a Niar, e o Anzo, nos encontraram. Ela cobriu o seu antebraço com os cacos de gelo, e mandou o Anzo avisar os guardas da cidade. Ele voltou para Imeri em uma velocidade sobre-humana. — Vamos nos esconder em outro lugar! — Seguimos a Niar, em busca de um lugar seguro, enquanto os inimigos nos procuravam, caindo nas armadilhas do Ró. Porém o nosso plano foi quebrado como o galho reluzente que eu pisei sem querer. Aquele galho estourou bem no meu pé, como uma bomba pirotécnica, nos separando uns dos outros, cegando, e ferindo. Isso chamou a atenção dos outros adversários. — Agora, tá bom de adrenalina para você, Elenia? Tá sentindo o seu sangue correr?! — ironizou Niar. — Hahaha! Achei vocês! — denunciou um rapaz ruivo da minha idade, levantando uma máscara de pedra peta... preda preta... ai... uma pedra escura, com pintura pré-histórica. Sarta avançou contra o Moacuba, que abaixou a máscara e fez uma rocha estourar, atingindo o Nossema. O mascarado demorou para perceber a Niar se aproximando dele, pelo outro lado, e teve que fugir. — Eu pego ele! Voltem para a cidade! — Não posso, Niar! Um amigo meu está no meio deles! — Ela não me deu atenção, correndo no encalço do Moacuba que se afastou dando risada. Assim que os dois desapareceram na floresta, vários Moacubas nos encontraram, iniciando uma calorenta batalha pela vida do meu amigo. Os galhos atiravam projéteis que pareciam folhas de árvores em chamas, e as tatuagens místicas em suas mãos produziam fogo de maçarico. Outros usavam tochas e leques gigantes como armas, ou acenderam bolas de fogo dentro de

estruturas sólidas que explodiam tudo o que tocavam, presas em um bastão por uma corrente incandescente. O Baquara sacou a sua arma, e disparou contra eles, só que os seus tiros foram todos derretidos pelas labaredas. Percebendo que era inútil, ele largou a sua pistola de alta tecnologia no chão, e lutou com as próprias mãos. O Divano bloqueava os projéteis de fogo com o seu bracelete, e o Sarta os apagava assoprando o seu pó naquele tubo, usado também como bastão de luta. Eu passei os meus punhais nos braços dos inimigos com mãos de maçarico, e a chama se apagava no mesmo instante. Um Moacuba tentou me queimar com a sua tocha, mas o Divano me protegeu com o seu bracelete, desarmando o inimigo, que logo eu derrotei com os meus cortes de inversão atômica. Olhei para aquele exército incandescente, e temi pela minha própria vida. Depois, olhei para o Baquara, todo machucado, cheio de queimaduras, resistindo aos ataques dos Moacubas. E, por fim, eu vi o Kaienan perdendo a consciência, e caindo de cima da árvore. Ver tudo isso acontecer com os meus amigos, fez algo borbulhar dentro de mim, me enchendo de coragem, e foco. Soltei um berro, e avancei contra aquele exército, superando os meus medos. O Sarta me seguiu, preocupado. Fui atingida pelas folhas incandescentes, mas eu convertia a minha dor em força, e incapacitei vários deles com a Brilhante e a Prateada. Sarta apagava as chamas e enfraquecia os adversários com a sua habilidade, mas os seus cristais acabaram, e os inimigos nos cercaram, deixando a nossa situação bem complicada, porque o Nossema não era muito ágil, e eu tive que protegê-lo enquanto lutava. Mas os Moacubas me machucaram bastante, e eu caí, esgotada, ao lado do meu melhor amigo. — Kai... Kaienan... pode me ouvir? Não morra... responde... — A

presença do meu amigo estava sumindo da minha percepção extra, e isso significava que a sua vida se acabava, pouco a pouco. — Rápido, Divano, Sarta, Baquara, conto... com... vocês... — E apaguei. A partir de agora, vou repetir aquilo que me disseram. Sem o meu apoio, o Nossema foi espancado pelos inimigos, enquanto um Moacuba se preparava para me incinerar ao lado do Kaienan. Divano viu tudo isso acontecer, e foi tomado pela ira. Uma tatuagem de luz turquesa se acendeu nas suas costas, e ele bradou: — NÃO! DEIXEM ELES EM PAAAAAZ!!! — A terra se estremeceu, e um jato de água irrompeu nos pés do Divano, amedrontando os seus adversários e criando uma chuva artificial. O escolhido do abatan saiu da água transformado por uma segunda pele aquática e luminosa que regenerava as suas feridas. Ele deslizou sobre o chão molhado numa velocidade impressionante, atropelando com o bracelete quem estivesse pela frente, e me salvou. Outro Moacuba atacou o Divano com um bastão, mas foi desarmado pelo rebatimento supersônico do bracelete, e tomou um socão que fez uma explosão aquática bem na sua fuça. Esse golpe usou o líquido que cobria os braços do Divano, e ele olhou para si mesmo, tentando entender a água brilhante que o envolvia. O homem do bracelete também livrou o Sarta dos inimigos que o espancavam, e viu o Lhurne em perigo: — RENDA-SE, SUNMERI!!! OU EU MATO ESSE MARINHEIRO!!! — ameaçou um Moacuba, apontando o seu maçarico para a garganta dele. Eram inimigos demais para o Divano conter sozinho, e quando ele pensou em se render, um aliado apareceu, furioso, correndo e distribuindo porrada. — VOCÊS VÃO PAGAR CARO PELO O QUE FIZERAM COM O SARTA!!! — Enquanto o Anzo vingava o seu amigo de

infância, correndo tão rápido que a velocidade distorcia o seu rosto, um Moacuba caiu no chão, com a sua cabeça totalmente congelada, após o estrondo de um rifle. O reforço chegou para nos salvar! Outro estrondo, e outra cabeça ruiva transformada em gelo. Mais um estrondo, e menos um Moacuba. Os outros dois que seguravam o Divano foram tocados nas costas, e congelados dos pés, aos últimos fios de cabelo, virando estátuas. Quem fez isso foi a Cristina e o Ivan que voltaram de Teknalia! A líder Iviturui lutou ao lado do Divano, congelando quem tivesse o seu ataque frustrado pelo bracelete, com o apoio do franco-atirador Ivan, escondido em algum lugar da floresta, brincando de tiro ao alvo. E, assim, Anzo, Divano, Ivan e Cristina, derrotaram os Moacubas que restavam, salvando as nossas vidas! Um batalhão da guarda de Imeri, avisada pelo Anzo, chegou no local da batalha apenas para levar os Moacubas até o hospital, de onde iriam todos para a prisão.

Ferramentas da Discórdia

Senti alguma coisa queimando o meu rosto, e me levantei, apavorada. Era apenas a luz do Sol entrando pela janela para me acordar. Eu estava em um leito, no Hospital de Imeri, e o Anzo estava em pé, do meu lado, cheio de ansiedade na cabeça. — Nae! Até que enfim, você acordou! — Esse Anzo... nem pra perguntar se eu estava bem! Me sentei na cama, com dificuldade, e ele parecia uma fita no FF: — A Cristina e o Ivan nos disseram que você disse a verdade! Se você conhece o Kaoni, deve saber do meu pai também! Onde ele está?! Ele foi para Teknalia já faz vários anos e ainda não voltou! Elenia! — CALA ESSA BOCA PO... — Elenia! Nae! Você quase bateu as botas! Como você está?! — Estou fraca, e toda dolorida...

parece que uma demolidora supermassiva caiu em cima de mim. — Elenia, fala o que aconteceu com o meu pai! — Eu não sei quem é o seu pai, Anzo! — É o mensageiro que foi para Teknalia cuidar do Kaoni, e entregar uma carta! — Me lembrei daquela conversa entre o Kaoni, e o Apolônio. E da carta que estava no manto dele. Isso quase me deu um troço. — SEU PAI ERA O APOLÔNIO?! — QUEM?! — O DONO DE TEKNALIA QUE TENTOU MATAR EU E O KAONI?! — Mas, que brisa é essa... — Niar me olhou com cara de espanto. — CÊ TÁ VIAJANDO NA MAIONESE, ELENIA?! Aí, pronto! Levou tanta porrada que ficou mais doida do que já é! — Doido é o seu pai, que aprisionava pessoas inocentes para roubar a energia delas! E se mandou quando viu que ia perder, aquele covarde! — O MEU PAI NÃO SE CHAMA APOLÔNIO! O NOME DELE É MAJUI APUANA, SUA IDIOTA! — O QUÊ?! — Isso quase me deixou doida mesmo! Foi um barraco tão grande que o meu quarto virou um auditório. Até o Sarta apareceu. — Acho que aconteceu um desencontro de informações, aqui. — Amigos, acalmem-se. De cabeça quente, o papo não desenrola — disseram a Ivituruí e o Nossema. — Estou muito confusa... — Me sentei na cama, tentando processar toda aquela informação. E foi só a poeira abaixar para o auditório caçar outra fofoca. Também, num lugar congelado como esse, qualquer coisa vira assunto. — Depois, a gente resolve esse rolo, porque o Mestre Obiru me pediu para te levar até a casa dele. É muito importante. — Mas, Niar, eu preciso ver se o Kaienan está bem! — Não sei de quem você está falando. Só sei que encontraram um rapaz desconhecido em estado crítico lá na floresta. Ele está na UTI desse hospital. — Deve ser ele! Me leve até onde ele está! —

Isso pode esperar, Elenia. Vem. — Ela me ajudou a caminhar, mas não para onde eu queria. — Se eu souber de alguma coisa sobre o seu amigo Kaienan, eu te aviso. Prometo. — Confiei no Sarta, e perguntei se ela venceu o Moacuba que nos atacou. — Ele era mais forte do que eu pensava, e eu o perdi de vista. Pelo menos, eu descobri algumas coisas sobre ele: seu nome é **Mayon Moacuba**, o filho do **Santorini Moacuba**, o abatan de Akubar que foi morto pelo Cavaleiro Misterioso. — Cavaleiro misterioso? — É um cavaleiro obsessivo que perambula dentro da floresta de Ca-an com o seu exército. Os cemitérios estão cheios das suas vítimas. — O jeito que a Niar falou dele me deu arrepios. — O sonho, ou melhor, a utopia do Anzo, é derrotar esse cavaleiro, para tomar a sua espada, e o seu cavalo. — Ele é doido, Niar?! — Quando entramos na casa do Mestre Obiru, vimos o Divano dormindo no sofá, e o ancião não estava com ele. Tentamos acordar o Divano, e ele reclamou: — Para de me sacudir! Deixa eu dormir, Elenia! — Insisti, até ele se sentar, com a bunda na cara, encarando nós duas. Esse barulho fez o Baquara descer as escadas, todo enfaixado, e com curativos por todo o corpo, para ver o que acontecia. — Nae, jovens guardiões. As minhas suspeitas sobre vocês se confirmaram. Vocês terão que passar mais um tempo aqui, conosco — disse o Mestre Obiru, ao sair de uma porta no canto da sala, trazendo um pote e uma haste flexível de madeira clara. — Ah, essa não. De volta a estaca zero — resmunguei. — Prestem atenção. O Bracelete que o Divano está vestindo, é o **Bracelete do Ego**, uma das Ferramentas da Discórdia, assim como a **Espada da Vingança**, que o meu neto possui. Não se sinta mal, Niar, por não conseguir superar o bracelete. Ele foi criado para alimentar o ego do seu usuário, cobrindo-o com

uma espécie de benção, ao mesmo tempo em que fere o ego dos adversários, e induz o usuário a cometer atos egoístas. Divano terá que lidar com isso. Já as suas lâminas, Elenia, são os **Punhais da Confusão**. Também são uma ferramenta da discórdia, capazes de trocar uma coisa pela outra, e podem sair do controle com muita facilidade. — Sim, vovô. Quando isso acontecia eu usava o meu cinto para separá-los, mas ele foi rasgado. — Por isso mesmo eu quero que você se sente e fique parada. Vou te dar um presente que será bem melhor do que um cinto. — Fiz o que ele me pediu. — Graças ao conhecimento de proteção escrito por seus pais nas suas mãos, eles também transformam qualquer coisa em energia invertida, que nós chamamos de "**ina**" — revelou o ancião, misturando um pouco de água na poeira de itanakuar dentro do pote. Ele desenhou uma tatuagem na minha testa com aquela haste, usando essa mistura como se fosse uma tinta. E depois, ele fez mais duas pequenas tatuagens nos meus dedos indicador e anelar. — Na sua testa, jovem Setan, eu escrevi o conhecimento "sirariset nirin", para você imobilizar os punhais quando eles saírem do seu controle. Para usar esse conhecimento, basta se concentrar nele. Dizer o seu código em voz alta ajuda na concentração. E nos seus dedos eu deixei os conhecimentos fundamentais de sobrevivência: "tata taina" e "igu taina". — É tipo as tatuagens que vocês usam? — Sim. São as **tatuagens de sinal**. — Obrigada, vovô! — Aquele rapaz que escapou da Niar, o Mayon Moacuba, carrega a quarta ferramenta da discórdia, conhecida como a **Máscara da Fúria**. Ela transfere energia para o objeto sob o foco do olhar. No caso dele, os objetos podem explodir. Precisamos convencê-lo a vir para o nosso lado. Esta missão também será sua, Elenia. — Mas se nem a

Niar conseguiu, como é que eu vou fazer isso?! — A Niar estava sozinha. Você terá o apoio dos seus amigos. Acredito que esta missão será ótima para o desenvolvimento de vocês. Mas só poderão sair de Imeri quando finalizarem o meu treinamento. — Aquelas argolas?! Vou ficar aqui pra sempre então! Ai, não! — Eu te entendo. Sinto muito, Elenia. — lamentou a Niar. E aqui estou, presa nessa cidade antiquada, sem poder ir embora. Odeio isso, odeio! São as duas coisas que eu mais odeio: mentiras, e ficar presa em algum lugar! O que eu queria mesmo era ver o Kaienan, e cumprir a promessa que eu fiz ao Kaoni. Ele vai ficar tão feliz quando eu o levar para ver os seus pais, e o seu avô! Será que o Mestre Obiru deixa eu visitar o meu amigo no hospital, agora? Vou perguntar para ele. Desligando.

Capítulo 3: A ilha da injustiça

Refúgio dos náufragos

Nae mãe, nae pai. Sou eu, Kaoni. Estou em um pequeno barco, navegando para um lugar desconhecido, depois de ser engolido pela inundação de Teknalia. Naquele dia, quando a minha espada se calou, e desapareceu, eu saí daquela praia deserta e tranquila, para desbravar uma enorme floresta bem na minha frente. Andando pelo mato, eu encontrei uma trilha, e caminhei por ela, até que eu avistei uma estrutura quadrada, de madeira entalhada, com algumas escritas ilegíveis, e um símbolo familiar. Era parecido com o emblema no manto do Apolônio, mas com o desenho de duas ondas dentro, uma inversa à outra, horizontal, e verticalmente. O símbolo do manto dele parecia uma estrela, ou o Sol. Eu olhava para o símbolo, quando eu ouvi duas mulheres conversando, e se aproximando de mim. Me escondi no mato, e fiquei olhando elas passarem, com as suas roupas bem leves e soltas, feitas à mão, cintos com cristais, e um medalhão, com o mesmo símbolo daquele portal. Com muito medo de ser descoberto, fui me embrenhando na floresta, fazendo o mínimo ruído, até avistar um casarão de madeira. Parecia até que eu tinha voltado no tempo. Todas as construções eram simples, de uma madeira escura, e não havia nenhum prédio, ou automóvel. Fui até o casarão, com cuidado, para não ser notado, e espiei pela janela. Era uma lavanderia, e estava desocupada. Resolvi entrar, e me disfarcei, para investigar por algum jeito de sair daqui. Quando eu estava a alguns passos da saída, outra mulher apareceu, grávida, com um cesto de roupa suja. Ela tinha os cabelos longos, ruivos e encaracolados nas pontas, olhos de cor vermelha, e vestida de vermelho e preto. Ela me perguntou, suspeitante: — Quem é

você? — Kaina. — Foi o primeiro nome que me veio à cabeça. — Veio lavar a sua roupa? — Já lavei. — Então, toma. Eu pego mais tarde. — Oras, que folgada... — Ela me deu o cesto de roupa suja dela para eu lavar. Esperei ela ir para bem longe, e larguei o cesto dela no chão. Caminhei pelas ruas de terra, procurando por alguma informação que me levasse para a saída daquela ilha. No meio do caminho, eu vi duas mulheres sentadas na grama, em profunda concentração. A mais jovem, de cabelos loiros e olhos azuis, segurava uma antena de rádio, com um gato dorminhoco em seu colo. — Igu taina! — gritou a menina, acendendo uma tatuagem luminosa na sua mão, e a umidade do ar se condensou em uma esfera de água, na ponta da sua antena. — Argh... tá muito quente... tá me queimando! Ah! Ai, ui, ai, ui, ui! — Ela soltou a antena, abanando as mãos, e dando pulinhos. A bolha de água se desfez. A mais velha tinha cabelos pretos, lisos e volumosos, presos por uma presilha grande de metal. Usava um vestido longo, preto, com flores brancas, azuis e cor de vinho. Ela não estava muito satisfeita: — Superaqueceu, de novo. Concentre o seu endir na tatuagem de sinal que te dei. — É muito difícil, **Mayari**! Prefiro treinar o anitaina! — A menina fez uma bola de luz intensa na palma da sua mão, com outra tatuagem cintilante, e quase me cegou. — Chega, **Anaí Quoaraci**! Apague este anitaina! — Kodaf! — Ela o apagou com esta palavra misteriosa. — Não vivemos só de luz, Anaí. Vamos tentar novamente. — Ver aquilo, me lembrou do Cyano. Ele também fazia algo parecido. Eu prestava atenção nelas, quando o gato preto saiu do colo da Anaí para farejar os meus pés. Ele tinha um pingente de sistro prateado em sua coleira, que lembrava a chave ankh, e foi para a maior construção daquela pequena

cidade. Segui aquele gato, e, ao entrar, dei de cara com dezenas de portas nomeadas, todas abertas, em um longo corredor. Nas paredes, muitos retratos de lugares desconhecidos, e de viagens no oceano. — Perto daqui, deve haver algum porto — pensei. — Olha, amiga, aquela garota parada ali, bem na nossa porta! Como é feia! — Coitada. — Parece um leão marinho neste uniforme. — Ai, amiga! Não ofenda os leões marinhos, são tão bonitinhos, e fofinhos... — Saí de perto delas, injuriado com aqueles comentários cretinos. Mas até que elas tinham razão, aquele disfarce estava horrível mesmo, porém funcionava, e é isso o que importa em um disfarce. A minha pressa foi tanta, que eu não percebi uma porta que se abriu, e bati a cara nela. — Ai! Desculpa! Você está bem?! — Quando a minha visão se desborrou, eu vi uma moça de olhos azuis, de cor tão profunda que me lembrava um oceano, cabelos escuros e cacheados se movimentando com a brisa marítima que vinha de todos os lados. Os cachos eram abertos. Ela usava um vestido leve e branco, com rendas e babados azuis e verdes, mais um cinto cujas fivelas eram conchas do mar. No seu pescoço, uma gargantilha com um pingente de estrela-do-mar. — Por favor! Diga alguma coisa! Não fique me olhando com essa cara de peixe morto! Como é o seu nome, novata? — Kao... ai, Kaina. — Quase revelei a minha verdadeira identidade para ela. — Vem comigo, Kaina, não podemos demorar! Estou aqui faz algum tempo, e vou te ajudar. — Ela agarrou o meu braço, e me arrastou até uma porta no final do corredor, que dava acesso à uma cascata, e as garotas estavam tomando banho ali! — Nã... nã... não preciso tomar banho agora. — Praticamente sem voz, eu dei qualquer desculpa, e fugi, sem olhar para trás. Ainda deu para ouvir o que uma das meninas no banheiro me

disse: — Deus me livre! Além de feia, é porca! — E a moça do colar de estrela-do-mar correu atrás de mim: — Kaina, me espera! Eu preciso cuidar do seu ferimento! — Parei do lado de fora daquele hotel, para retomar o meu fôlego, e a moça que bateu a porta na minha cara me alcançou: — Calma! Ninguém vai te obrigar a tomar banho. Você nem deixou eu me apresentar! Meu nome é **Mariena Vitae**, e eu sou aprendiz de enfermagem. Vou te curar, só não conta pra ninguém! — Uma tatuagem de luz verde, com traços e pontos ao redor de um código, no mesmo estilo da mesa do porão, brilhou na sua mão esquerda e soltou um raio na minha testa. — Ai! Você me deu um choque! — Desculpa! Desculpa! Eu sei que eu preciso aprimorar esta técnica, mas ela tirou o galo da sua cabeça. — Passei a mão na minha testa, e, realmente, o ferimento sumiu. — Quer conhecer a nossa cidade? Vou te apresentar para a minha treinadora, a melhor de todas! — Quero. Obrigada. — Então, venha comigo, e seja bem-vinda à Koigutama! — Mariena me guiou pelas ruas da cidade, explicando sobre cada canto dela. No centro da cidade, havia um monumento de quartzo, de uma mulher muito bonita, carregando um bracelete com o desenho de um sol entalhado nele, e com uma tatuagem tribal em seu rosto. O seu nome era **Syreni Sunmeri**. — Essa é a fundadora de **Koigutama**, Kaina. Foi ela quem começou essa cidade, para salvar os afogados, porque as correntes do mar se encontram aqui. — Tem algum porto nessa cidade? — Tem sim! Mas aprendizes, como nós duas, não podem navegar sem a companhia de uma treinadora. — E onde ela está? — Hum... só faltou eu te mostrar o Salão das Artesãs. Ela deve estar lá. Vem! — Entrei com a Mariena em um salão bem amplo, com muitas mesas, e um bilhar, onde as mulheres comiam, bebiam,

e fabricavam artefatos. Elas produziam frascos de tinta luminosa com a poeira dos itanakuares que elas quebravam em suas mãos. Outras utilizavam essa tinta para escrever aqueles circuitos com símbolos nos equipamentos, ou em folhas de papel. Usando a palavra "asrai", a tinha luminosa se desprendia do papel para ser despejada em ampolas. Segui a Mariena até a mesa de uma mulher com os olhos dourados, e um arco em suas costas, sem carregar nenhuma flecha. Ela vestia roupas leves e soltas, com babados, num estilo antigo, como todas por aqui, nas cores branca, dourada e preta. Ela contava as suas histórias para as outras duas mulheres, e falava aceleradamente, quase sem pausas. As três estavam bem humoradas. Mariena interrompeu aquele bate-papo: — Nae, treinadora **Elise**! Finalmente, achei você! — Mariena Vitae? Nae! Veio atrás de algum remédio? — Não, eu... — Quem é a sua amiga? — É isso que eu vim fazer! Vim te apresentar a Kaina. Ela acabou de chegar e ainda não tem uma treinadora! — E você quer que eu ensine ela a ser uma guardiã do código como nós? Hum... você tem cara de Iviturui. Acertei? — Sim. — E quem trouxe você para Koigutama? — Er... foi... foi o Cyano. — Cyano? Que Cyano? — Cyano Araukarya, o melhor de todos os abasais. — Elas se olharam, e riram, descontroladamente. — O melhor de todos os abasais! Ai... essa é boa! — Vai ser a treinadora dela, Elise? — Tá bom. Aceito ser a sua treinadora. Vamos lá fora, eu preciso testar você. — Me testar? — Para ver em que nível você está. — Seguimos Elise para uma zona aberta, em frente ao salão. Ela apontou o arco para mim, e puxou a corda, sem usar flecha, dizendo: — Tente me bater! Pode vir sem medo, Kaina! — Quando ela soltou a corda do arco, a pintura dele se acendeu, e uma ventania me jogou para

trás. Ela repetia o feitiço, sem parar, e me incentivava: — Vamos, Kaina, vamos! Você consegue! Venha logo, pois eu não tenho o dia todo! — Eu lutava contra o vento, porém ele era mais forte do que eu, e me mantinha longe da arqueira sem flechas. — Se você não se esforçar, ninguém vai ser a sua treinadora! E você vai ficar aqui para sempre! — Não! Iukaeta Sirai! — Eita! De onde você tirou isso?! — Com o peso da espada que cortava a ventania, eu andei para frente e tentei golpear o arco dela. Elise recuou e a ventania cessou. — Muito bom! Você pode conjurar espadas! Nunca vi nada parecido. Você passou no teste! — Nesse momento, aquela mulher grávida se aproximou da treinadora, trazendo umas roupas, e cochichando em seu ouvido. Eram as minhas roupas! — Então, temos um intruso do sexo masculino, **Angra Moacuba**? — Sim. Precisamos encontrar este intruso, e colocar ele na prisão. — Angra me viu, e apontou o dedo para mim, exclamando: — Essa novata aí! — Suei frio. Achei que era o meu fim. — Ela estava na lavanderia hoje de manhã, e não lavou as minhas roupas! — Você viu alguém estranho na lavanderia, Kaina? — Nã-não, Elise. — Angra chamou a Elise de sentinela, e se retirou para ver se achava mais alguma coisa sobre o intruso, que era eu. — Por hoje é só Mariena e Kaina. Reúnam-se com mais 4 amigas para formar a tripulação do barco que eu vou comandar. Nos veremos amanhã! — Ouviu isso, Kaina! Nós vamos navegar com a Elise! Isso é incrível! Já sei quem vou chamar. — Mariena ficou empolgada, e voltou comigo para o Salão das Artesãs. Ela procurou por sua amiga, chamada **Alina Itabera**, que não estava lá. Então, a enfermeira pediu para o balconista nos servir o almoço, e eu avisei para ela que eu não tinha como pagar. — Lembra que eu te falei que esta cidade foi

criada para salvar os afogados? Não usamos dinheiro aqui, porque essas pessoas chegavam sem nada. — Foi o meu caso. — Ué? Mas você não disse que o Cyano trouxe você? — Ela me pegou na mentira, e fez eu me afogar num copo de água. — Ele... ele não aguentou o meu peso, e me soltou no meio do mar. — Nossa! Esse Cyano deve ser um insensível! — Ela fez um sinal com a mão, me chamando para cochichar no meu ouvido: — Se quiser, eu te dou uma poção que é tiro e queda para emagrecer. — Olhei bem para a cara dela, e respondi: — Está dizendo que eu sou gorda? — Ai, não. Você entendeu errado... eu... ah! Nossa comida tá vindo! Olha! Come devagar, viu? — Nos alimentamos bem, e ela me levou para a biblioteca do hospital, repleta de livros, e cartas engarrafadas. Alguns desses livros tinham a mesma aparência do livro daquela biblioteca vazia. Só mudava o desenho na capa, e alguns símbolos. — Nunca toque nesses livros, Kaina. Eles podem te amaldiçoar, e vou ter muito trabalho para remover a maldição. Eles protegem os **conhecimentos de guardião**. — Ela mesma abriu um dos livros, e nada aconteceu. Na capa desse livro tinha o emblema de dois braços em forma de cruz, um de punho aberto, e o outro, de punho fechado. — Deixa eu ver... hum… encontrei! — Ela copiou o desenho cheio de símbolos do livro em uma folha de papel, usando um pincel e uma tinta espessa, feita com pó de cristais e água. Colocou a página em uma bandeja e gritou a palavra mágica "asrai". A tinta se desprendeu do papel, na forma de um pó brilhante, despejado pela aspirante à enfermeira em uma ampola. — O que foi tudo isso? — Eu fiz a cura para o enjoo do mar. Agora, você poderia me ajudar com a outra receita, amiga? — Fui o auxiliar da Mariena até o final daquele dia, e ela voltou comigo para o

Hotel de Koigutama. Entramos em um quarto sem dono, no andar de cima, e olhamos a paisagem pela janela, admirando o pôr do sol. — O que achou desse quarto, Kaina? Tem uma vista linda. Pode ficar aqui. Era de uma mulher que já foi embora. Mas se quiser, a gente procura outro. — Obrigada. Vou ficar nesse quarto mesmo. — De onde você veio, Kaina? — Err... Arvorópole. — Mais uma mentira, faz parte do disfarce. — Arvorópole? Nunca nem ouvi falar. Deve ser bem bonito, com muitos parques, lagos... — Prédios... — Prédios também? Então, é bem parecido com Pacifika, onde eu morava! — Contemplamos o anoitecer, enquanto as mulheres acendiam as tochas da cidade com os seus feitiços. A floresta ao nosso redor formou uma sombra charmosa, a qual subia na direção de um céu cheio de estrelas. Mariena bocejou, e disse: — Melhor dormir mais cedo hoje. Temos que nos preparar para a viagem. Amanhã, eu vou fazer o seu cabelo, sua maquiagem, você vai ficar muito linda! — Ah, mas que mer... — O quê? — Mas que ótimo, eu vou adorar, querida. — Eu ia dizer outra coisa, e pensei, enquanto ela sorria para mim: — Que porcaria, era só o que me faltava.

Tripulação da Elise

No dia seguinte, eu acordei com a Mariena, e a Anaí, aquela aprendiz da Mayari, me sacudindo na cama. Aquele gato que cheirou os meus pés miava em cima da cadeira, enquanto elas me chamavam: — Ei! Kaina! Acorda! Nossa, menina, como você dorme! — Hum... hã... bom dia... — Nae, dorminhoca, bom dia! Essa aqui é a Anaí, minha amiga, e assistente. Ela já é abamirim, não é incrível?! — Oi Anaí. Eu já te vi antes. Meus parabéns. — Nae, bom dia Kaina! Nós vamos dar um passeiozinho no meio do mar! Hihihi... — E ele é o gato dela.

O nome dele é Saikan. Vem, levanta! Tá na hora de se arrumar para a viagem! — disse Mariena, balançando um monte de pentes, óleos e outras coisas que as mulheres usam. Tudo tirado da floresta. — Eu te disse que ia fazer isso, lembra? — Ah, amiga, não precisa, não... — Precisa sim. Você não vai viajar com a gente desse jeito. Tá parecendo até um menino, e feio! — caçoou Mariena, me deixando assustado. — Então, vamos, não quero parecer um menino, de jeito nenhum! Pode me arrumar, amiguinha! Obrigada! — Achei melhor ela me deixar igual a uma palhaça, do que pôr em risco o meu disfarce. Me sentei de frente para a janela, e percebi que a posição do nascer do Sol era um pouco diferente, enquanto elas passavam um monte de coisas no meu cabelo, e lavaram, e secaram, e pentearam... parecia uma tortura medieval. Na sequência, me pintaram toda a cara e me deram um espelho de madeira, que me assustou com o meu próprio reflexo, e se rachou. Até o Saikan saiu correndo, quando olhei pra ele. Em seguida, ouvimos uma gritaria no lado de fora. Olhamos pela janela, e vimos uma movimentação anormal. Saímos do hotel, e encontramos a Mayari discutindo com a Angra sobre alguma coisa. Perguntei o que acontecia, e elas tomaram um susto. — Ah! Que traquinagem de mal gosto! — E justo agora, que o Livro dos Araukaryas foi roubado! Tenho certeza, Mayari, que foi o intruso quem o roubou! — Intruso? — Mayari me olhou com desconfiança. Angra fez o mesmo, após ela. Mariena percebeu isso, e me defendeu: — O quê?! Claro que não foi a Kaina! Eu fiquei perto dela o tempo todo! — E se ela saiu da sua vigilância durante a madrugada, sem que tu notaste? — Ela não faria isso, Mayari! Acredite em mim, por favor! — Hum... Mariena, Mariena... espero que você esteja certa disso. Vamos

continuar investigando. — As veteranas foram embora, e nós seguimos a Mariena até a Sala das Artesãs. — Mariena, obrigada. — Amiga é pra essas coisas! Vamos comer que eu tô morrendo de fome. — No meio do nosso café matinal, duas garotas se aproximaram de nós, vestidas com regata e short. Uma era bem mais forte, e tinha o braço esquerdo amputado na altura do ombro, o cabelo preto, mais curto do que o meu, e os seus olhos eram estreitos, mas ela não era oriental. E a sua irmã, que era mais magra e usava o cabelo trançado amarrado para trás, soltou uma provocação: — Olha, **Sinana**, a chorona trouxe uma foca peluda para o café! — Vocês duas de novo?! — Quem são vocês? — perguntei. — A foca sabe falar! Hahaha! Somos a **Niquina**, e a Sinana Ikugruiu. Nós mandamos no pedaço, então é melhor nos obedecer! — E se eu não quiser? — Me levantei, afrontando elas. — Quer mesmo saber?! Então, eu vou te mostrar! — Duas bolas de metal bateram nas cabeças das garotas irritantes, interrompendo-as. — Parem de encher o saco das minhas amigas, "besta ao quadrado" e "burra ao cubo"! — disse uma garota de óculos e cabelos castanhos, segurando um taco metálico de bilhar com ponta de cristal. — Alina Itabera! Eu estava te procurando para formar a tripulação do barco da Elise! — A Alina sorriu para a Mariena, e depois, encarou a Niquina, e a Sinana, com a cara fechada, em silêncio. — Aff... chegou a estraga-prazeres. — reclamou Niquina. — Ora ora! Vejo que a tripulação já está completa! — Elise veio até nós, incluindo na nossa equipe, por engano, a Niquina, e a Sinana. Neste momento, a Alina encolheu o taco telescópico. — Terminem o café da manhã e vamos logo para a trilha do porto. Temos um longo caminho pela frente. — Durante essa refeição matinal, a Mariena me

apresentou a sua amiga Itabera, que fala pouco e pensa bastante. Ela é um ano mais velha e trabalha como aprendiz de artesã. Logo após, pegamos as nossas mochilas, e a Elise levou todos nós para uma trilha no meio da floresta. A grama úmida brilhava com a luz do Sol, que eu nunca vi resplandecer tão forte assim. — O inimigo mais perigoso de todos é o despreparo! Muitos se perdem ao comerem o que não se pode comer, beberem o que não se pode beber, e andarem por onde não se pode andar — declarou Elise, enquanto caminhava pela trilha, entre árvores gigantescas, troncos *espinhudos* atravessados pelo caminho, flores do tamanho de uma pessoa, animais e plantas dos tipos mais exóticos. A treinadora elucidava-nos sobre tudo o que estávamos descobrindo, explicando o que era, e pra que serve cada coisa. Alina não dizia uma palavra sequer, o caminho todo, mas ouvia, e observava tudo com atenção. Do outro lado, a Niquina, e a Sinana, fofocavam sem parar, e falaram mal de mim pelas costas: — Essa menina de azul é mesmo horrorosa. Deve ter fugido de um circo de horrores, e se escondeu aqui. — Pelo menos não sou uma perua fofoqueira como você, queridinha! — revidei com voz de violino desafinado, e a Mariena riu da Sinana, que fervia de raiva. A treinadora pediu silêncio. Ao meio dia, nós chegamos em uma clareira, com um grande mosaico de pedra no chão, coberto de folhas e galhos secos. Elise usou o vento do seu arco para limpar o mosaico, semelhante à uma tabela periódica, com 144 símbolos desconhecidos no lugar dos elementos, e os nomes de cada um deles. — Este é o nosso código. Também o chamamos de **tabela dos kodens**. Memorizem! E nunca deixem ele cair em mãos erradas! Para ajudar na memorização, nós vamos

acampar aqui hoje. — Armamos as nossas barracas feitas à mão pelas artesãs de Koigutama, que usam os materiais da natureza com muito capricho e delicadeza – tinha até bordados aconchegantes. A seguir, Elise pedia para nós buscarmos alguma coisa na floresta, e deixar sobre um dos kodens, enquanto observava tudo sentada em cima do símbolo "ivtu". Colocamos as cumbucas de água sobre o símbolo "igu", terra e pedras sobre o "ibi", metais sobre o "ita" e assim por diante, até cobrirmos quase toda a tabela. Após isso, nós coletamos alimentos, e preparamos uma refeição. Quando a noite chegou, ela montou uma fogueira sobre o símbolo "tata" e acendeu ela pronunciando as palavras "tata taina", que fizeram uma tatuagem no seu dedo indicador da mão esquerda brilhar na cor do fogo. Notei que o crepitar das chamas repetiam o nome do koden sobre o qual queimavam. Ela explicou sobre os símbolos não encontrados na floresta, e o que cada um deles significavam. Mas ela falava demais, e sem pausas, deixando todos nós confusos. — Não entenderam. Tudo bem eu repito tudo outra vez. — Ah, não... — Ela fala, fala, fala, e ninguém entende nada! — É uma metralhadora de letras.

A origem do conhecimento

E quando a noite chegou, nos reunimos ao redor da fogueira, para ouvir da Elise uma história muito antiga: — Injustiças são perigosas, e podem criar monstros difíceis de enfrentar. Estamos sentadas sobre um deles. Tudo começou em 1918, quando o abatan de Erekiir partiu do seu castelo, viajando à cavalo para inaugurar a Espiral da Serpente, erguida no coração de Orande para deter a infestação de cobras e morcegos. Ao anoitecer, ele, e os seus guardas de elite, desceram dos seus cavalos, e acamparam em um matagal. No dia seguinte, nem o

abatan, nem o seu cavalo, estavam no acampamento. Os guardas vasculharam toda a região, e encontraram uma casa inacabada, nas margens de um rio, onde o cavalo do abatan matava a sua sede. Dentro da casa, eles acharam a espingarda do abatan descarregada. Quando o morador da casa inacabada apareceu, um jovem médico chamado **Aníbal Vitae**, que estudava meios de usar os itanakuares como ferramentas de cura, os guardas o culparam pela morte do abatan de Erekiir, amarraram ele, e o levaram para ser julgado em Iztar. Ele dizia que era inocente, e que o abatan estava desorientado, atirando para o chão, montado em seu cavalo, até cair no rio, e desaparecer. Ninguém acreditou na sua inocência, e Aníbal foi lançado na Espiral da Serpente, para nunca mais sair. A infestação acabou, mas um novo problema surgiu. Aníbal tornou-se naquilo que os moradores de Orande mais temiam: ele virou um ser metade homem, e metade cobra, com asas de morcego e sede de vingança, chamado **Anibael**. Ele perturbou a vida dos moradores de Orande, a partir daquele dia. O seu veneno fazia a vítima falar um idioma que ninguém entendia, e controlava a sua mente sem que ninguém percebesse. Essa vítima cometia um crime, sob o domínio de Anibael, e não conseguia se explicar depois. Centenas de pessoas foram presas injustamente, e isso, causava a desunião, e guerras por toda a parte, até que **Membir Baquara**, Syreni Sunmeri, e Birtan Akitan, invadiram a Espiral da Serpente, e arriscaram as suas vidas para derrotarem o Anibael, transformando o seu corpo em uma nuvem de cristais minúsculos, que se espalhou pelo mundo inteiro, contendo o idioma que ninguém entendia, mas que o Membir Baquara decifrou. E, esse idioma, é o nosso código, no qual nós estamos sentadas agora. — Após essa

longa história, a Elise nomeou a Alina como a sua imediata, e foi dormir. Eu perguntei para a Alina o porque dela ter sido escolhida, se a Anaí está um nível acima. Ela respondeu: — A nossa hierarquia não é rígida. A Anaí tem muitas qualidades, mas ela ainda não tem a maturidade necessária. — Olhei para a Anaí, e a vi brincando com bonecas de palha. A brisa marítima perfumada balançava as folhas das árvores, que passavam na frente da luz lunar e das estrelas, enquanto a floresta parecia cantar uma música suave e relaxante. Nesse belo ambiente, todos dormiram aquecidos pela fogueira, e protegidos pela imediata Alina. Fiquei admirando a Lua entre as árvores, relembrando aquela história do Anibael, até o sono bater, e eu dormir dentro da barraca.

A noite envenenada

Acordei no meio da madrugada, para fazer xixi, escondido no mato para ninguém me ver. Uma luz alaranjada, na selva escura, me deixou curioso, e eu fui ver o que era, tomando cuidado para não ser descoberto. Eu vi a Niquina fazendo um pó de ervas secas, usando duas pedras, e uma folha verde e larga. Ela colocou o pó dentro de uma ampola. De repente, a Sinana surgiu entre as árvores, e correu na minha direção. Eu escapei por um triz do seu soco, notando que o seu punho estava petrificado. — Niquina! A Kaina descobriu tudo! — Droga! — O que vocês duas estão fazendo?! — Um "remédio" psíquico, para você fazer tudo o que não queria antes de tomar — respondeu Sinana. — A gente ia colocar na sua comida, mas já que você está aqui, nós vamos enfiar goela abaixo em você! Segura ela, Sinana! — As duas irmãs me atacaram, e eu fugi delas, no meio da floresta, até ficar perdido. Me escondi embaixo das raízes de uma grande árvore. Elas me procuravam

ao redor desta árvore, e eu pensava numa forma de escapar. Saí do esconderijo, com passos calculados, para não chamar nenhuma atenção. Sem querer, eu quebrei um galho seco, e o barulho denunciou a minha posição para a Niquina, que estava mais perto. — Te achei! Se prepare para sentir a pior dor da sua vida! — Uma tatuagem de luz roxa se acendeu por toda a pele da Niquina, conectando vários kodens entre seus traços, pontos e zigue-zagues. Várias agulhas bem finas se ergueram da sua pele, soltando puro veneno. Fugi, porém ela era mais rápida, e eu tive que me defender do golpe dela. As agulhas furaram o meu braço, e a dor lancinante me fez gritar. Ela riu de mim, e me acertou um chute no estômago. Percebi, atrás de mim, uma moita daquela planta urticante da floresta de Teknalia, e quando ela tentou me dar um murro na cara, eu me esquivei, jogando ela dentro da moita tóxica. Ela berrou, e eu escapei. Mais adiante, eu tropecei em uma corda esticada perto do solo. Era uma armadilha, feita pela Sinana, que tentou me dar um soco de pedra na cara. Rolei para o lado, e ela enterrou o seu punho no chão. Sinana tentou me golpear mais vezes, e eu tive que me esquivar do seu punho, sentindo muita dor no braço atingido pela Niquina. Ela me acertou uma vez no estômago, e eu senti tontura, como se estivesse com muito sono. — Você vai dormir como uma pedra! — Iukaeta Sirai — Não tive escolha, e chamei a espada. Ataquei a Sinana, tentando congelar o seu corpo. Ela se defendeu com a mão de pedra, que ficou coberta de gelo. Com um poderoso soco na árvore, ela quebrou o gelo da sua mão e continuou na batalha. Algum tempo depois, a Niquina veio, se coçando toda, para ajudar a sua irmã: — Você vai pagar por isso, Kaina! — Ela pegou um dardo sem ponta, pintado com uma tinta brilhante, e o encostou em uma das

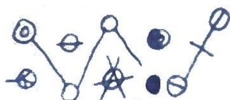
agulhas da sua pele. A agulha foi transferida para o dardo, que ela atirou na minha coxa. A dor fez eu abaixar a guarda, e a Sinana me levantou pelo pescoço. — PAREM COM ISSO AGORA! ANITAINAAA!!! — Anaí nos encontrou, e cegou nós três com uma esfera de luz bem forte. No acampamento, a Alina já tinha avisado a Elise, que avistou a luz da Anaí e voou na direção dela, usando o seu arco apontado para baixo. Quando a Elise pousou perto da Anaí, ela desfez o seu anitaina dizendo "kodaf". — Será o benedito que eu não posso mais dormir sem que vocês aprontem uma?! — Elas queriam me envenenar! — É mentira da foca feia! — Seja lá o que for que vocês estavam fazendo aqui podem parar agora! E voltem para o acampamento de onde nunca deveriam ter saído! Vamos! — Desde então, eu prestei mais atenção naquilo que eu comia, para não ingerir o veneno da Niquina, e me complicar. No acampamento, a Elise me deu um frasco pequeno com seiva de **aiurou**, uma árvore espinhenta, para anestesiar a dor do veneno da Niquina.

Perigo no mar

Ao amanhecer um novo dia no acampamento, desmontamos tudo, e cobrimos a tabela de kodens com folhas e galhos, antes de prosseguirmos pela trilha do porto. Pelo caminho, Alina nos mostrou várias armadilhas, e ensinou como desativá-las. Algumas, precisavam da magia de uma tatuagem, ou, do pó de cristal. No fim daquela tarde, nós chegamos ao porto, e uma moça chamada **Iukami Araukarya**, com uns 19 anos de idade, vestindo um colete preto aberto, sobre uma camiseta vermelha, e uma calça amarela, com faixas reflexivas nas laterais, analisava uma ampola com um pó dentro dele, iluminado pela uma tatuagem de luz branca da sua mão, e ao redor de seus

olhos. Quando nos viu, ela guardou a ampola em seu colete, e nos saudou com a mão estendida no peito, apagando as suas tatuagens: — Nae sentinela Elise Aratama. Vieram navegar? — Nae Iukami Araukarya. Preciso de um barco para fazer um treinamento. — O barco de vocês só ficará pronto amanhã de manhã. Querem um lugar para passar a noite? Ao que se diz, o balanço do mar é um ótimo sonífero. — Não. Tenho uma ideia melhor. Venham comigo! — Seguimos a Elise pela orla da praia, até um lugar aonde as ondas eram bem calmas. Fizemos outro acampamento, ao redor de uma fogueira. Quando anoiteceu, as ondas ficaram cintilantes, e deixavam um rastro luminoso na areia. Coletamos a água brilhante com as cumbucas, e colocamos elas bem perto do fogo. Enquanto a água evaporava, Elise usou o seu arco-sem-flecha como um arco musical, e tocou uma música. Sinana batia em uma tábua, fazendo o som de um tambor, enquanto a Mariena cantava: — As coisas mais simples, são as que precisamos, e somos infelizes, quando as ignoramos. Somos nossos algozes, quando tudo complicamos, quando as nossas vozes, não dizem que amamos. — A música acabou, e toda a água das cumbucas evaporou, restando um pó luminoso no fundo. Alina distribuiu pequenos pincéis para todas as mulheres. Mariena colocou o seu pincel na cumbuca, pegou a minha mão direita, e disse: — Preciso que você me mostre as suas tatuagens de sinal, Kaina. — E como se faz isso? — Vou mostrar para você. — Ela se concentrou por um momento, e pronunciou o código "sarulsen", que acendeu uma tatuagem luminosa na palma da mão esquerda dela, muito peculiar: um círculo dentro de outro conectado à outros dois, em um zigue-zague que terminava desconectado de um círculo preenchido. Entre os ângulos do

zigue-zague haviam outros quatro símbolos, o primeiro, era um círculo com traços formando a letra "K", outro círculo cortado por uma linha horizontal, mais um círculo com três riscos formando a letra "A" e dois círculos concêntricos divididos em orientações perpendiculares, com uma das suas metades pintadas. Em seguida, apareceu ao lado deste, um círculo cortado por um traço diagonal, continuando o zigue-zague com uma linha riscada no meio, até outro círculo semelhante. Vou desenhar para ficar mais fácil de entender:



Outras 2 tatuagens diferentes entre si luziram em roxo e verde nas costas das suas mãos. Ela tinha mais uma vermelha no dedo indicador, e outra azul no anelar. — Todo filho de guardiões do código tem o **conhecimento de controle** escrito na palma da mão esquerda. Concentre-se nele, Kaina. — Fiz o mesmo que ela fez, e demorei um pouco para ativar esse conhecimento tatuado, que revelou apenas a tatuagem da outra mão, e fez a cicatriz da espada brilhar em tom de sangue. Enquanto a Mariena tatuava o meu braço direito, ela me explicava os pormenores do que fazia: — As partículas de itanakuar dessa tinta entrarão nas suas células, agora, e ficarão nelas por um bom tempo. Este **circuito** vai canalizar o seu endir até o código, para emitir um sinal às partículas em suspensão no ambiente. Hum... acho que vou conectar ele no seu **conhecimento de proteção** Ivituruі... — Mariena pintou um círculo em meu antebraço, com pontos em volta de outro menor dentro dele. Escreveu três símbolos no meio dos círculos, fez mais alguns traços retos, e um zigue-zague no meu pulso. E copiou as tatuagens dos seus dedos nos meus. Esses

desenhos brilhavam na minha pele, conduzindo a minha energia interna, como um circuito eletrônico. Niquina e Sinana também receberam tatuagens da Alina, e da Anaí. — Espero que ela funcione. Eu descobri esse conhecimento em uma carta do Membir Baquara para a Syreni Sumneri, dentro de uma garrafa tampada, presa na areia da praia. O código dele é "igurashin" e deve ter alguma relação com a névoa. Nos seus dedos eu fiz o "tata taina" e o "igu taina" de sobrevivência que... — Acabou a festa, minhas alunas! Podem dormir em paz, que esta noite eu ficarei atenta. Bons sonhos! — Todas foram descansar em suas barracas, e eu analisei a minha mão direita até pegar no sono. Quando eu acordei, a tatuagem feita pela Mariena desapareceu. Niquina enfiou a cara na minha barraca, e deu um grito: — Tá hibernando aí dentro, merda?! Sai logo daí! — Do lado de fora, as moças já tinham desmontado o acampamento, e conversavam na areia. Sinana até fazia flexões para se aquecer. Desmontei a minha barraca, e voltamos para o porto. Novamente, o Sol tinha nascido em outra direção, e isso me deixou confuso. Iukami nos levou para um veleiro médio de madeira, com uma vela, no qual embarcamos. Ela desatou os nós que seguravam o veleiro no píer, com a ajuda de outras mulheres, e a Elise usou o seu arco na vela do barco, para o impulsionar, mar adentro. Eu e a Sinana controlávamos a vela, puxando os cabos. Alina pegou uma bússola e um mapa, guardados na cabine. Mariena e Anaí ficaram na popa, observando o horizonte com os binóculos, e a Niquina sentou em um banco, na meia-nau, segurando um passaguá. Ela o deixou de propósito no chão atrás de mim, perto dos meus pés, e quando eu pisei dentro do aro ela puxou o passaguá para me dar um tombo. Ela riu da minha cara, mas a Alina viu tudo e

ficou de braços cruzados, encarando ela em silêncio, até tirar a graça dela. Anaí apontou para o lado esquerdo, e berrou: — Achei uma bem ali! Anitaina! — Uma esfera de luz acompanhou o movimento da sua mão, e foi atirada quando a pequena guardiã disse "asrai". A esfera boiou na água, perto de uma carta engarrafada, e a Elise mandou soltar mais os cabos da vela, para usar o seu arco nela outra vez. O vento do arco aumentou a velocidade do barco, e ela girou o timão para bombordo. — Mais um conhecimento para a nossa coleção! — Niquina ficou na borda, e recolheu a carta com o passaguá. Mariena comemorou, e a Niquina guardou a carta na cabine. Isso se repetiu mais três vezes durante aquele dia, até chegar uma noite muito mais estrelada, iluminada pela Lua bem grande no horizonte, deixando um rastro prateado nas águas escuras, como se fosse uma ponte, que levava o meu espírito ao encontro da Elenia. Dormi no balanço do veleiro, como se eu estivesse no colo da minha mãe. E acordei na primeira réstia de sol que desafiava uma névoa densa e fria. Mariena e Anaí tiraram os olhos dos binóculos, e nos avisaram que não podiam ver mais nada. Elise mandou recolher a vela e o barco perdeu velocidade. A tatuagem que a Mariena fez no meu antebraço direito reacendeu, juntamente com aquela na palma da mão do mesmo lado. Me lembrei do anitaina da Anaí, e levantei a minha mão, chamando o poder dessa nova tatuagem: — Igurashin! — Ao fazer isso, eu provoquei uma ventania, concentrando toda a névoa sobre a minha mão direita, em uma nuvem de gás criogênico. Atirei essa nuvem no mar dizendo asrai, e ela fez um *iceberg*. — Kaina tem um conhecimento muito conveniente para quem navega — comentou Elise. — Olhem! Tem outro barco naquela direção! — apontou Anaí. —

É uma escuna! Vamos ver se precisam de ajuda! Içar velas! — Com os ventos da Elise, o nosso veleiro avançava rapidamente. Á primeira vista, eu pensava que era a escuna Sopro do Monte. Infelizmente, eu me enganei: — É uma escuna de Akubar! E está cheia daquelas máquinas horríveis que poluem tudo! Vamos desativar todas elas! Emparelhar! — A tripulação daquele barco tinha equipamentos exóticos. Os circuitos das suas armas se conectavam com as suas tatuagens de sinal. Outros, possuíam armaduras inerentes à pele, em algumas partes dos seus corpos. E na sua bandeira tinha um emblema representando um vulcão. Quando perceberam a nossa aproximação, eles dispararam os seus canhões de plasma superaquecido. — Anitaina! Asu! Asu! Aaasraaai! — Anaí jogou uma estrela bem grande na escuna, provocando um clarão que cegou os nossos inimigos, acendendo as duas tatuagens anteriores, e uma terceira que piscou duas vezes. Com o impulso dos ventos da Elise, nós saltamos para dentro da escuna. — Vou dar cem por cento de mim mesma! — bradou Alina, avançando na direção dos canhões. Mariena segurou na mão da treinadora e voou com ela, que usava os dentes para puxar a corda do seu arco. Eu chamei a minha espada, e a Niquina quase foi atingida por um tiro de plasma, enquanto acendia a sua tatuagem, cujo código era "iasemisen". Mesmo depois de tudo o que ela fez contra mim, eu a salvei com um empurrão e me defendi da rajada com a Iukaeta Sirai. Ela me olhou estatelada por alguns segundos, enquanto as agulhas venenosas se levantavam da sua pele, e o inimigo do plasma regulava a arma dele, transformando-a em um lança-chamas. Os outros atacavam com ondas de calor provocadas por granadas, e espadas flamejantes de madeira que não se

queimavam. Anaí fazia uma técnica diferente, refletindo os ataques dos inimigos com uma parede luminosa, chamada de "ani oniden", que se erguia do chão pisado pela tatuagem no seu pé esquerdo. Sinana pronunciou o código "shoibi niendir" para transformar a mão dela em uma rocha, cujas pancadas deixavam os adversários com muito sono e vertigem. Niquina avançou com agulhas levantadas em sua pele para espetar os oponentes, que caíam enfraquecidos e gemiam de dor. Outro bandido nos acertou com uma granada de calor. Ele iria nos atingir de novo, mas a Elise soltou a Mariena, e ela caiu bem na frente do bandido das granadas, colocando a sua mão direita brilhando na cor roxa sobre o peito dele. O adversário conseguiu se livrar, empurrando a Mariena para longe, mas ele não durou muito, pois teve um infarto. E a sentinela desceu chutando a cabeça da outra oponente, que foi nocauteada sem saber como. Durante a nossa batalha, a Alina jogava a poeira de itanakuar nas máquinas daquela escuna. E quando todas as máquinas foram cobertas pela poeira, ela usou a tatuagem da sua mão direita, chamada de "itataina", apontando o seu taco para o céu, e o metal delas foi contorcido até se transformarem em bolas de metal. Depois, ela acendeu uma tatuagem de sinal na sua testa, gritando: — KUARIN!!! — ABAIXEM-SE! — berrou a treinadora. As bolas levitaram, girando ao redor da Alina, e foram disparadas em todas as direções, rebatendo nelas mesmas, nas estruturas do barco, e nos inimigos restantes, derrotando todos eles. Esse conhecimento queimou a mão da Alina ao superaquecer o taco metálico, que funcionou como uma antena amplificadora. E vendo que não havia mais perigo, nós comemoramos a vitória, amarrando os bandidos na sua própria escuna. Mariena fez um curativo na mão da Alina,

que ficou encarregada de seguir o barco da Elise com a escuna de Akubar, enquanto o sol mergulhava no horizonte oceânico. Isso despertou a minha curiosidade: porque ela não usou o seu poder de cura? Passamos uma noite em alto-mar, e fizemos o caminho de volta para o porto no dia seguinte. Iukami se encarregou de levar os inimigos para a prisão, e nos acompanhou por aquela mesma trilha de antes. No acampamento, treinamos os **conhecimentos de sobrevivência** escritos em nossos dedos, usando as antenas telescópicas de rádio para nos ajudarem. A minha esquentava bastante, como uma brasa. Eu a soltava antes de concluir a técnica. E durante o crepúsculo, a Elise nos ensinava mais algumas coisas: — Agora vocês já sabem o que acontece quando o nosso código cai nas mãos erradas. Nós chamamos esses inimigos de inemas. Eles conhecem o nosso código e o utilizam da forma errada causando muitos problemas. — Antes da Mariena entrar em sua barraca, eu perguntei para ela o motivo de não ter usado o seu poder de cura na Alina. Ela fez sinal de silêncio, e veio cochichar em meu ouvido: — Eu preciso treinar mais essa técnica para não dar choque nas pessoas, antes de poder usá-la nos outros. Se a Elise me ver fazendo isso, vai me dar uma bronca. — Ah, entendi. Não vou contar pra ninguém. — Obrigada, amiga. Boa noite! — E mais tarde, quando todas dormiam, eu acordei novamente para escolher um lugar bem escondido, e urinar sem ninguém me ver.

Papéis queimados sobre as águas

O Sol nasceu em outra posição, e a Elise agia de um jeito esquisito. Quando me viu, fez um discurso: — Vamos voltar para Koigutama e ver se já encontraram o livro roubado, porque nada aqui fica oculto para sempre! — Parecia que

aquelas palavras foram ditas para mim. Quando chegamos em Koigutama, num chuvoso entardecer, eu, e a Mariena nos apressamos, para guardar as 4 cartas na biblioteca. Ela me explicou que aquelas cartas poderiam ser do Membir Baquara, que criava os códigos, e os lançava no mar, para fortalecer todos os guardiões ao redor do mundo. Logo depois, Mayari nos viu de longe, e veio apressada, trazendo uma acusação: — Investigamos o roubo do livro com afinco, e concluímos que a Kaina é a principal suspeita. Você será presa preventivamente. — Não fui eu! Nem sei quem foi! — Isso não é justo! Investiguem mais! Eu tenho certeza de... — Chega, Mariena! Já está decidido! Nem pense em nos impedir! — Ela me algemou num piscar de olhos, e fui jogado na mesma cela onde estavam os bandidos da escuna que eu ajudei a prender. Mariena foi barrada na entrada da prisão. — Olhem só, quem veio nos fazer companhia! — Vamos tirar no par ou ímpar quem vai ser o primeiro a amassar a cara desse verme! — Enquanto isso, a Mariena tentava entrar na biblioteca, que estava trancada e tinha uma placa que dizia: — Cena do crime, não entre. — Ela se apoiou na porta, e chorou, em silêncio, pois queria descobrir alguma pista sobre o verdadeiro ladrão do livro. Angra Moacuba desceu de uma escada, com a cabeça baixa, muito séria, e sem a barriga da gravidez, e foi até aonde ela estava. — Angra! Você já teve o bebê?! — Eu... perdi ele. — Ai, não! Sinto muito, Angra! Que tragédia! — É. Uma tragédia mesmo. O que você está fazendo aqui? — Preciso entrar na biblioteca, mas ela foi trancada, e não querem me dar a chave. — Angra pôs a sua mão na maçaneta da porta, e a esquentou, até derreter. Entrou, caminhando bem lentamente, olhando tudo em volta, com a mão esquerda por cima dos

livros proibidos. Olhou para trás, abriu um sorriso aterrorizante, e explodiu em chamas a biblioteca inteira, desaparecendo dentro do fogo. — NÃÃÃOOO!!! A BIBLIOTECA! — Ela ouviu as risadas maléficas da Angra entre os trovões daquela noite assustadora, e despencou em lágrimas. Uma labareda saiu de dentro da biblioteca, e rastejou na sua direção, como uma serpente. Mariena se levantou, e fugiu, antes que fosse tocada pela serpente de fogo. E, dentro da prisão, os malfeitores me cercaram. Tive que chamar a minha espada: — Iukaeta Sirai! — Ela apareceu, flutuando atrás de mim, brilhando como um farol, e se transformou em uma mulher, cuja cor da pele, e os olhos, lembravam o meu pai, com o mesmo bracelete da Syreni Sunmeri, os mesmos punhais da Elenia Setan, um óculos de ouro e diamantes, e uma bolsa tiracolo de tamanho exagerado. — Finalmente nos encontramos, meu sócio! Meu nome é Mil Nossema, a segunda mestre do Bracelete do Ego, da Espada da Vingança, e dos Punhais da Confusão. — Se não calar essa boca, mulher, você vai levar porrada junto com ele! — Mil tirou um crânio transparente da sua bolsa, e o jogou no chão, na frente dos inemas. — Vamos negociar? Se nos deixarem em paz, eu os liberto dessa prisão. Do contrário, essa caveira irá crescer até esmagar todos nesta cela. — Ha! Você não me engana! Esta cela tem **anti-sinal**, e as grades são feitas de **andurínio**! — Kodan! — Ao dizer isso, a caveira aumentou de tamanho, assustando os inemas. — Isso vai te esmagar também! É óbvio que você não vai fazer isso! — duvidou uma bandida. — Não faz diferença! Eu já estou morta! Voltei pela transformação da espada dele! E aí, vai pagar pra ver? Kodan! — A caveira ficou mais alta que a sua dona, quebrando o chão devido ao seu peso.

— Tá bom! Queremos a liberdade! Negócio fechado! — Os inemas pensaram melhor, e aceitaram a proposta. Mil espetou um prato de madeira com um dos punhais, e atirou o outro na fechadura da cela. O prato passou a ser de andurínio – não faço a menor ideia do que seja isso – e a fechadura, de madeira, que se quebrou no primeiro chute da segunda mestre, abrindo o portão. Os prisioneiros fugiram, dando gargalhadas, e nos agradecendo. Achei aquilo muito errado. — Acostume-se com decisões difíceis, sua vida depende delas. Vamos provar a sua inocência! Me siga! — disse Mil Nossema, correndo para a saída da prisão. Do lado de fora, nos deparamos com a cidade inteira de Koigutama mergulhada em chamas. — Está vendo, Mil! Já incendiaram tudo! — Claro que não! Eles não tiveram tempo suficiente! — Precisamos salvar as garotas que moram aqui! — Certo! Hum... onde é que tá... ahá! Não, isso não. Hum... — Ela jogou um troço fora, que estourou, deixando um buraco enorme no chão, atrás dela, e nem se deu conta. — Aqui, bolhas de vácuo. Elas apagam o fogo quando jogadas dentro dele. Só tenho seis. — Fui até a biblioteca do hospital, com as esferas de vácuo, para ver se a Mariena precisava da minha ajuda. Mil Nossema me acompanhou por todo o percurso, se cansou, reluziu, e voltou para a forma da espada, dizendo: — Conte comigo, meu sócio, sempre que precisar de um bom negócio! — Peguei a espada, e usei uma das bolhas na entrada do hospital, para poder entrar nele. Ouvi os gritos de socorro da Mariena, e um círculo de fogo se fechou ao meu redor. Joguei a segunda esfera, abrindo caminho para subir as escadas, perguntando onde a Mariena estava. — Kaina! Estou aqui! Ela quer me queimar viva! Cuidado! — HAHAHAHAHA! Vou evaporar você, Iviturui! — Uma

serpente flamejante rastejou para me incinerar. Fugi da labareda assassina, subindo mais dois andares. No final do corredor, eu entrei em uma sala, e tranquei a porta. A labareda tentava passar por baixo dela. E o chão cedeu, me derrubando na sala de baixo. — Aaai, Kaina! Socooorooo! — Mariena! — Encontrei a minha amiga presa na sala da frente, e a salvei com uma esfera de vácuo. — Vamos sair desse inferno. Vem, Mariena. — Usando as esferas restantes, levei a Mariena até a entrada do hospital, fechada por uma parede de puro fogo, que transformava a chuva que caía sobre ela em uma nuvem de vapor. — E agora, Kaina?! Como vamos sair daqui?! — Tive uma ideia. Igurashin! — A tatuagem que ela fez na minha mão puxou o vapor de água da chuva para uma esfera de névoa, que eu atirei na parede de fogo, apagando ela. — Você é muito inteligente, Kaina! — Eu não conseguiria fazer isso sem você. Vamos embora daqui! — Procuramos as nossas amigas, e a treinadora, no meio daquele incêndio criminoso, até encontrarmos a Angra Moacuba, com uma asa de fogo nas costas, lutando contra a Mayari Baquara. — TATARAAAI!!! — Nairinai! — Angra acendeu uma tatuagem de sinal no rosto e cuspiu um jato de fogo da sua boca, que foi engolido por um portal luminoso da Mayari e devolvido pelo outro. — Desista, Angra! Nós lutaremos até a exaustão! — Você vai lutar até a exaustão! Eu vou fazer a justiça que deve ser feita! Diga onde está a outra asa de fogo! — Pensei em ajudar, mas a Elise pousou na minha frente, e disse: — Não entre nessa batalha você só vai atrapalhar! Vou levar a Mariena para um lugar seguro e depois eu volto para buscar você. — Mariena abraçou a Elise, e decolou com ela. A seguir, um terremoto aconteceu, derrubando o pouco de Koigutama que ainda estava de pé.

Angra me viu, e cuspiu um jato incandescente para me queimar. Me esquivei na última hora, e a Mayari mudou de posição, para me defender. — Kaina, espero que um dia possa me perdoar! Agora, eu sei quem é a verdadeira transgressora! — declarou a treinadora, antes de reverter um dos ataques de Angra. Elise pousou do meu lado, ofegante, estendendo a sua mão: — Só falta você. Segure-se em mim. Rápido! — Eu a agarrei com força, e ela saiu voando, usando o seu arco sem flecha. A ilha afundou no mar, sem nenhuma explicação, e as águas invadiram as florestas, apagando as chamas e devastando tudo. Eu queria sair logo de lá, mas eu gostava daquele lugar. Não queria que fosse destruído, como foi o nosso lar. Angra rasgou o céu, com um rastro curvo de fogo. A treinadora Elise me deixou no pequeno barco da Iukami, e descansou um pouco. Ela deitou a sua mão sobre o meu ombro, e despediu-se de mim, dizendo: — Tenho que ir agora. Preciso deter aquela traidora. Sabe... eu gostei de treinar você. Nunca se esqueça das coisas que eu te ensinei. Adeus! — Ela mergulhou no mar, e saiu dele, voando. — Nae, Kaina. — Nae, Iukami. Para aonde você vai me levar? — Você vai saber quando nós chegarmos lá. Preciso voltar para a cabine. Vou olhar o mapa. — Ah, não preciso mais do meu disfarce. Meu nome é Kaoni, sou um homem. — Ela ficou estagnada, sem voz, me olhando de baixo para cima. — Você... é... isso é sério? — Sim. — Iukami deu uma meia-volta, e foi para a cabine, com a mão na testa, e o queixo caído. Na escuridão profunda de um oceano, só consigo ver a Lua rodeada de estrelas. O ar está úmido, e eu posso sentir a brisa gelada. Estou com frio, e me faz falta aquele cachecol. Tomara que a Mariena esteja bem. Onde será que ela está?

Nae! Esta é uma versão de demonstração. Para ler os capítulos 4 (Fazenda Lua de Sangue), 5 (Ruínas do poder), 6 (Determinação incandescente), 7 (Vão), 8 (Ir para longe no seu interior), 9 (Um caminho para o passado), 10 (Feira das máquinas), 11 (Pássaros e paradoxos), 12 (Transformador elétrico), 13 (Campanha do rio fervente), 14 (O poder dos escritos), 15 (Concurso dos guardiões), 16 (Serpente da noite), 17 (Espiral dos espíritos) e o Epílogo, procure a versão completa deste livro em uma loja física ou na internet! Muito obrigado!

Glossário

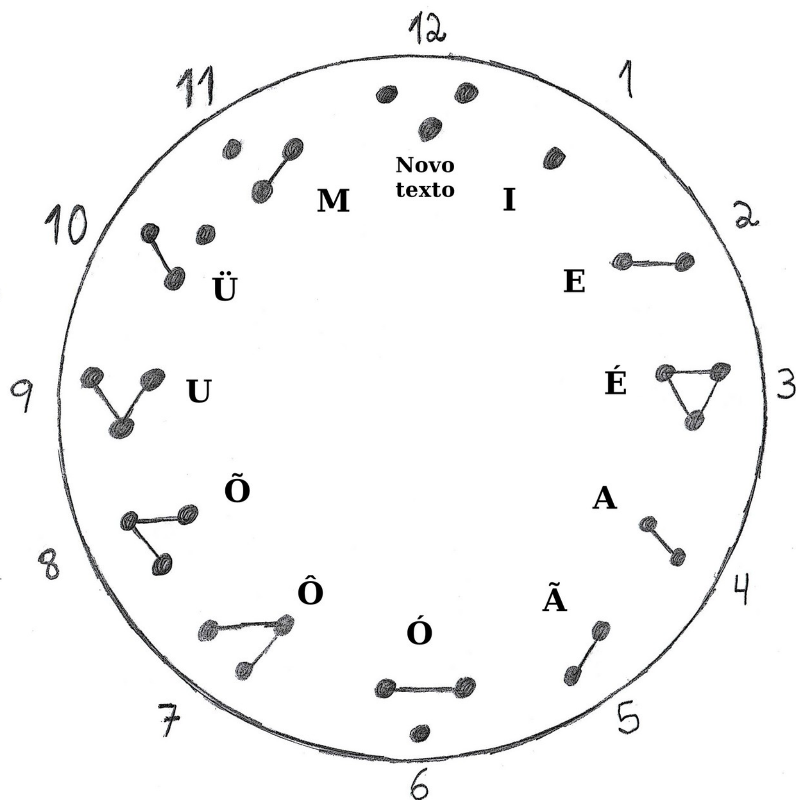


Tabela kodênica

(F. Ruiz P.)

1 Kodon						55 Sema	65 Nomma	75 Pon	85 Aim	95 Set	105 Oderon	115 Nemiv	125 Caa	135 Ekir
2 Ami		19 Cromo	28 Cremo	37 Cosmo	46 Ul	56 Korem	66 Uon	76 Zod	86 Iuka	96 Oronde	106 Nai	116 Amese	126 Aban	136 Lus
3 Ecatu	11 Ivtu	20 Id	29 Asrai	38 Aeta	47 Oni	57 Iar	67 Aga	77 Imanu	87 Koi	97 Vicra	107 Tir	117 Anmo	127 So	137 Lo
4 Poxy	12 Igu	21 Ad	30 Fal	39 Ne	48 Bir	58 Rin	68 Uma	78 An	88 Amon	98 Arka	108 Sem	118 Den	128 Tae	138 Gir
5 Num	13 Tara	22 Ud	31 Fiv	40 Quo	49 Ur	59 Rup	69 Uba	79 Iu	89 Rai	99 Kia	109 Andi	119 Ci	129 Ara	139 Don
6 Ina	14 Ibi	23 Kodam	32 Ma	41 Iku	50 No	60 Sev	70 Iga	80 Ruak	90 Amama	100 Koi	110 I	120 Ben	130 Rou	140 Lasta
7 Endir	15 Ira	24 Kodaf	33 Nou	42 Asu	51 Ni	61 Tei	71 Obi	81 Sira	91 Inema	101 Anom	111 Dur	121 Sar	131 Bae	141 Aus
8 Bios	16 Is	25 Pi	34 Hec	43 Mir	52 Ash	62 Nae	72 Con	82 Tor	92 Here	102 Onre	112 Far	122 Meri	132 Kaira	142 Po
9 Orgem	17 Akivar	26 Aka	35 Dan	44 Lib	53 Andira	63 Asemi	73 Toma	83 Kin	93 Sal	103 Son	113 Nix	123 Lela	133 Ami	143 Bo
10 Xor	18 Esari	27 Sho	36 Nad	45 Shulam	54 Akamere	64 Shugu	74 Tama	84 Urash	94 Eres	104 Tan	114 Ekese	124 Menu	134 Uika	144 Uin

Primários:

1: Koden: Elemento de código. Origem: latim. A ideia para esse idioma de kodens surgiu da ancestral travessia dos primeiros humanos pelo vasto continente da Ásia, partindo da Mesopotâmia e do Egito, os berços das civilizações. Ao longo de milênios, essa jornada moldou os idiomas, absorvendo as nuances de cada cultura até a sua chegada nas Américas. É por isso que, para ouvidos atentos, as suas sonoridades podem ecoar os antigos saberes do Tupi, mas também os ritmos da distante língua japonesa, que se encontrava no meio do caminho. **2: Ani**: Luz, radiação. Origem: suméria. **3: Ecatu:** Elétron, "bem". Origem: nativos brasileiros. **4: Poxy:** Próton, "mal". Origem: nativos brasileiros. **5: Num:** Nêutron, "neutro". Massa, e gravidade. Ausência de energia. Zero. Transparência. Origem: nativos brasileiros. **6: Ina:** O oposto de Ani, energia exótica inversora. (não é escuridão, pois a escuridão é apenas a ausência de luz, que nesse código, se chama "niani") Origem: sumérios. **7: Endir:** Alma. Energia interna. Origem: nativos brasileiros. **8: Bios:** Endir crítico, vital. Origem: latim, e tecnologia. **9: Orpem:** Restos, cinzas. Origem: suméria. **10: Xor:** Força eletromagnética. Liberdade. Origem: suméria, e tecnologia.

Elementares:

11: Ivtu: Ar (exemplo: ivturin = vento). Cor dourada. No Koden-Sho é o dedo médio. Origem: nativos brasileiros. **12: Igu:** Água (exemplo: igurash = névoa). Cor azul. No Koden-Sho é o anelar. Origem: nativos brasileiros. **13: Tata:** Fogo. Calor. Cor vermelha. No Koden-Sho é o indicador. Origem: nativos brasileiros. **14: Ibi:** Terra, e pedra. Cor verde. No Koden-Sho é o polegar. Origem: nativos brasileiros. **15: Ita:** Metal, e cristal. Cor violeta. No Koden-Sho é o dedo mínimo. Origem: nativos brasileiros.

Lógicos:

20: Id: Vogal "i" numérica (exemplos: Id Ad Ud = 12, Idadudi = 5). **21: Ad:** Vogal "a" numérica Ad. **22: Ud:** Vogal "u" numérica Ud. **23: Kodan:** Ativar, fazer. Controle básico que deve ser embutido em todas as tatuagens. Origem: latim, e tecnologia. **24: Kodaf:** Desativar, desfazer. Controle básico que deve ser embutido em todas as tatuagens. Origem: latim, e tecnologia. **29: Asrai:** Liberar, interromper. Não funciona em maldições. Controle básico que deve ser embutido em todas as tatuagens. Útil também para jogar os objetos. Ao ser liberado, a fonte perde o controle sobre o objeto, que só poderá ser desfeito pelo "kodaf" se ainda estiver no alcance. **30: Fal:** Falso, mentira, cópia. Consoante "f". **31: Fiv:** Se... (condição). **32: Ma:** Então... (ação). Consoante "m". **33: Nou:** Inversão lógica, senão (exemplo: andira = tristeza, nandira = alegria.). Negativo, subtração. Consoante "n". **38: Aeta:** Muitos. Multiplicar. (aetasu = todos) Origem: nativos brasileiros. **39: Ne:** Limite (até que...). Origem: nativos brasileiros. **40: Quo:** Existir, tempo presente, consciência, igualdade e equilíbrio. **41: Iku:** Pequeno, menor. Origem: nativos

brasileiros. **42: Asu:** Grande, maior. Origem: nativos brasileiros. **47: Oni:** Infinito, reflexo. **48: Bir:** Primeiro, início. Origem: suméria. **49: Ur:** Equipe, grupo, classe. Recipiente. Origem: suméria e nativos brasileiros (uru). **50: No:** Com algo, dentro, encher. Origem: nativos brasileiros. **51: Ni:** Sem algo, fora, tirar. Origem: nativos brasileiros. **57: Iar:** Cortar, quebrar, repartir, ponto flutuante. Origem: suméria. **58: Rin:** Movimento (flutuar e voar = rinsan). Consoante "r". **59: Rup:** Ou, como, onde, quando, por quê. **60: Sev:** E, por causa, através, conforme. **61: Tei:** Exclusivo, portanto.

Controladores:

19: Crono: Tempo, evolução. **28: Cromo:** Controle, contagem, arco. **37: Cosmo:** Espaço, ordem. **46: Ul:** Escrever, pintar, criar. Consoante "l". Origem: suméria. **55: Sema:** Consumir, trancar, boca. Origem: nativos brasileiros. **56: Kanem:** Fugir. Origem: nativos brasileiros. **65: Nemina:** Esconder. Origem: nativos brasileiros. **66: Uan:** Constelação, vaga-lumes, pontos. Origem: nativos brasileiros. **75: Pan:** Arredondar, transformar. Roda. Origem: nativos brasileiros. **76: Zod:** Caminho, linha, junção, conexão. Eixo de profundidade. Consoante "z". **85: Ain:** Vida, filho. Origem: nativos brasileiros. **86: Iuka:** Morte. Origem: nativos brasileiros. **95: Set:** Maldição, azar, caos, hiperespaço (exemplo: "nouset" não remove maldição; inverte o seu efeito). Origem: egípcia. **96: Orande:** Amanhã, futuro, depois. Origem: nativos brasileiros. **105: Oderan:** Ontem, passado, antes. Origem: nativos brasileiros. **106: Nai:** Porta, passagem, filtro, seleção. Origem: suméria. **115: Namu:** Enviar, dar. Origem: suméria.

Descritivos:

101: Anom: Horizonte. Eixo horizontal. Origem: nativos brasileiros. **117: Anmo:** Precipício. Espaço. Eixo vertical. Origem: nativos brasileiros. **67: Aga:** Vermelho, agilidade. Origem: nativos brasileiros. **68: Una:** Preto, absorção. Origem: nativos brasileiros. **69: Uba:** Amarelo, carisma. Origem: nativos brasileiros. **70: Iga:** Branco, paz, pureza, inocência. Origem: nativos brasileiros. **71: Obi:** Azul, experiência. Nobi = novo, inexperiente. Origem: nativos brasileiros. **72: Can:** Verde, promessa. Origem: nativos brasileiros. **73: Taina:** Estrela, planeta, astro. Consoante "t". Origem: nativos brasileiros. **74: Tama:** Chão, cerco, território. Origem: nativos brasileiros. **77: Imanu:** Mensagem, sinal. Origem: suméria. **78: An:** Fantasma, invisível. Origem: nativos brasileiros. **79: Iu:** Espinho, ponta. Consoante "j". Origem: nativos brasileiros. **80: Ruak:** Ferramenta, utensílio. Origem: suméria. **81: Sira:** Conceito de arma. Sozinho, é bastão. Origem: nativos brasileiros. **82: Tar:** Escudo. **83: Kin:** Corda, cauda. Consoante "k". **84: Urash:** Nuvem ou nebulosa. **87: Koi:** Nômade, errante. Origem: nativos brasileiros. **88: Aman:** Chuva. Origem: nativos brasileiros. **89: Rai:** Raio, rajada, fluxo. **90: Anama:** Aprendiz. Origem: nativos brasileiros. **91: Inema:** Traição. Origem: nativos brasileiros, e inglês. **92: Hete:** Honra. Origem: nativos brasileiros. **93: Sai:** Silêncio, furtivo, espião. **94:**

Eres: Amizade. Origem: nativos brasileiros. **97: Victa:** Sucesso, boa saúde. A saúde é a vitória do corpo sobre a doença. Consoante "v". Origem: latim. **98: Arka:** Predador. **99: Kia:** Monstro, medonho, feio. Origem: nativos brasileiros. **100: Kei:** Aqui, perto, ao redor. Origem: nativos brasileiros. **102: Onte:** Pesado, denso. Origem: nativos brasileiros. **103: San:** Em cima, superior. Consoante "s". Origem: nativos brasileiros. **104: Tan:** Forte. Origem: nativos brasileiros. **107: Tir:** Coragem ou liderança. Origem: nativos brasileiros. **108: Sen:** Eu, meu. Origem: nativos brasileiros. **109: Andi:** Você, seu. Origem: nativos brasileiros. **110: I:** Agudo, fino, afiado. Origem: nativos brasileiros. **111: Dur:** Resistente. Origem: suméria. **112: Far:** Guia. Origem: suméria. **113: Nix:** Noturno, noite, ressurreição. **114: Ekese:** Companhia, em órbita. Ibiarekesu = Lua de pedra, a lua da Terra. Origem: nativos brasileiros. **116: Amese:** Dia, solidão. Aramese = Sol. Origem: nativos brasileiros. **118: Den:** Parede, proteção. Consoante "d". **119: Ci:** Mãe. Origem: nativos brasileiros. **120: Ben:** Casa, construção, estrutura. Consoante "b". **121: Sar:** Vestir, roupa, armadura, preparo. Origem: suméria. **122: Meri:** Unção. Origem: suméria. **123: Lala:** Festa. Origem: suméria. **124: Menu:** Intimidade. Origem: suméria e nativos brasileiros.

Sensoriais:

16: Is: Intuição, percepção, sonho. Origem: egípcia. **17: Akuar:** Mente, inteligência, imaginação. Origem: nativos brasileiros. **18: Esari:** Olho, visão, sensor de luz. Origem: nativos brasileiros. **25: Pi:** Pé, perna, propriocepção e equilíbrio. Consoante "p". Origem: nativos brasileiros. **26: Aka:** Cabeça, sensor de energia. Ponto de interrogação. Origem: nativos brasileiros. **27: Sho:** Mão, braço, tato, sensor de pressão. Som consonantal "sh". **34: Hec:** Torso, sensor térmico. Consoante "h". **35: Dan:** Orelha, audição, sensor de movimento. **36: Nad:** Nariz, olfato, sensor químico. **43: Mir:** Raiva, ira. **44: Lib:** Amor, coração. Origem: suméria. **45: Shulam:** Punição, culpa, banimento. Origem: suméria. **52: Ash:** Desejo, querer, gostar. Origem: suméria. **53: Andira:** Tristeza, lágrima. Origem: nativos brasileiros. **54: Akamere:** Sangue. Origem: nativos brasileiros. **62: Nae:** Parente, irmão, saudação, fraternidade. Origem: nativos brasileiros. **63: Asemi:** Dor. Origem: nativos brasileiros. **64: Shugu:** Osso, esqueleto. Origem: suméria.

Seres:

125: Caa: Célula. Folha, mato. Unidade monetária. Origem: nativos brasileiros. **126: Aban:** Homem ou mulher, pessoa, corpo. Indivíduo. Origem: nativos brasileiros. **127: So:** Animal terrestre. **128: Tae:** Fera. Origem: nativos brasileiros. **129: Ara:** Ave, asa, sacrifício. Origem: nativos brasileiros. **130: Rou:** Madeira. **131: Bae:** Serpente, perigo. Origem: nativos brasileiros. **132: Kaira:** Inseto, furar. Origem: nativos brasileiros. **133: Ami:** Aranha, linha, ligação. (amiete: teia) Origem: nativos brasileiros. **134: Uika:** Roedor, corrosão. **135: Ekir:** Cavalo, meio de transporte, velocidade. **136: Lus:** Molusco, manter. **137: Lo:** Peixe feroz, caçar.

138: Gir: Peixe comum, nadar, explorar. Consoante "g" sem mudar o som consonantal para "j". **139: Don:** Dinossauro, dominar. **140: Lasta:** Réptil, surpreender. **141: Aus:** Caranguejo, garras. **142: Po:** Animal marinho, habilidade, organismo. **143: Bo:** Anfíbio, sapo, mutação. **144: Uin:** Macaco, estratégia.

Termos:

Poeira da transmutação atômica: partículas de cristais programáveis e radioativos chamados itanakuares, capazes de enviar informações na forma de pulsos de energia aos átomos para alterá-los. **Ferramentas da Discórdia**: artefatos criados por Anibael para destruir a paz mundial como forma de vingança. **Espada da Vingança (Iukaeta Sirai)**: é uma bizarra espada retrofuturista de dois gumes, no formato de vértebras, com a figura de Anibael entalhada na sua empunhadura, capaz de se transformar em pessoas mortas, e conduzir o sinal da tatuagem de proteção. É uma das Ferramentas da Discórdia. **Orande**: continente recente no sul do Oceano Pacífico, que surgiu da erupção de um supervulcão submarino, com 5 mil quilômetros de norte a sul, diversos biomas, e que produz os cristais itanakuares. **Bom uso do nosso conhecimento**: tema central da história. O conhecimento sobre os itanakuares e sua poeira de transmutação atômica pode ser altamente destrutivo quando mau utilizado, e os Guardiões do Código trabalham para garantir o bom uso dos "conhecimentos de guardião". **Itanakuar**: cristal radioativo e inofensivo, mas que é a fonte da poeira de transmutação atômica. Emite apenas uma luz tênue quando é tocado, que não é capaz de causar nenhum dano. Foi produzido pela erupção do vulcão submarino, que deu origem ao continente de Orande. Também é o nome de um rio. **Corpos-secos**: vítimas do veneno de Anibael, que podem retornar quando alguém toma a Iukaeta Sirai, com sede de vingança e poeira radioativa. Sua aparência, e odor, são repulsivos. **Código de guardião**: sequência de kodens que em conjunto com o circuito de endir, emite um sinal de controle para a poeira de itanakuar, resultando no efeito desejado. **Inema**: significa "traidor". É qualquer indivíduo que faz mau uso dos conhecimentos de guardião. Inimigos dos Guardiões do Código. **Anama**: significa "aprendiz". É o primeiro nível de um Guardião do Código, com pouco, ou nenhum conhecimento e habilidade sobre a poeira de itanakuar. **Aroana**: é a técnica mais avançada que um guardião pode realizar. Utiliza muita energia e poeira de itanakuar para criar uma entidade que representa uma força natural. **Bracelete do Ego (Sensen Shosutar)**: Ferramenta da Discórdia criada por Anibael, a única com poderes mentais. É capaz de ferir o ego de quem ataca, ao mesmo tempo que torna seu usuário cada vez mais egoísta. Defende automaticamente o seu usuário e contra-ataca, podendo desarmar quem o atacou, o que fere ainda mais o ego do oponente. É a mais bonita das Ferramentas da Discórdia. **Punhais da Confusão (Sirariset)**: Ferramentas da Discórdia. Um par de punhais capazes de inverterem os materiais que tocam, e quando unidos, voam girando descontroladamente destruindo tudo em seu caminho. Canalizam as

habilidades do seu mestre. **Tatuagem de sinal**: conhecimento de guardião escrito na pele, capaz de emitir o sinal para produzir um determinado efeito. **Máscara da Fúria**: uma máscara de pedra capaz de transferir a energia codificada do seu usuário para qualquer objeto que ele focar a sua visão, ao mesmo tempo que reduz drasticamente o campo de visão do seu mestre durante o uso. É a quarta Ferramenta da Discórdia. **Tabela de kodens**: tabela com os símbolos do código que, junto com o circuito de endir, formam o conhecimento de guardião. **Aiurou**: árvore espinhenta com seiva anestésica. **Conhecimento de controle**: conhecimento tatuado na pele dos filhos dos guardiões, que tem funções básicas de controle das outras tatuagens de luz. Igual para todos os guardiões. **Circuito de endir**: desenho que canaliza o endir até o código da maneira certa, para emitir o sinal. **Conhecimento de proteção**: conhecimento tatuado na pele dos filhos dos guardiões, específico de cada família, e às vezes híbrido, que tem a função de proteger o filho do guardião com algum poder. **Conhecimento de sobrevivência**: conhecimentos de guardião fundamentais que fornecem calor e água, tatuados durante o aprendizado. **Anti-sinal**: conhecimento utilizado nas celas das prisões, que emite o sinal oposto ao criado pelas tatuagens de sinal dos prisioneiros. **Andurínio**: material resistente, do qual é feito o aroana Andur, usado em celas. **Arakara**: ave branca que se alimenta dos minerais e microorganismos presentes no gelo, e por isso mesmo, tem garras e bico duros como diamantes, além de muita força. Suas penas contém uma poeira de itanakuar com propriedades purificadoras. **Mapinguari**: criatura lendária e terrível que surge quando um humano utiliza um dos pingentes que se formaram aleatoriamente pela nuvem de poeira de itanakuar, formada pela desintegração do corpo de Anibael ao ser derrotado. **Sistema monetário de caas**: um sistema tecnológico que converte esforço diretamente em dinheiro, memorizado nos **cristais de caa**. 1 caa equivale ao esforço de tirar uma folha de uma árvore para alguém fazer um chá. Nesse sistema, o dinheiro é criado pelo esforço, e não há a necessidade de alguém pagar por serviço nenhum. Os caas são intransferíveis, e só se extinguem quando o seu proprietário toma posse de alguma coisa que precisou de esforço alheio para ser produzido. **Ausa**: caranguejo gigante do pântano de Apikum, cuja garra pode amputar membros humanos. **Cavaleiros de Aninain**: religião liderada por Maorte Pytajovai, a qual acredita que o código da poeira dos itanakuares é a linguagem que a divindade criadora Aninain utilizou para criar o Universo. **Pinah**: palmeira não flexível e comestível. **Kamual**: palmeira flexível não comestível, idêntica à pinah. **Aiura**: fruta comestível cheia de espinhos da aiurou. **Baerako**: serpente extremamente venenosa, com chocalho na ponta. Esse chocalho vira um instrumento de mesmo nome, quando a cobra morre. **Quoaraci-12**: nave da Roxen. **Aralastadon e Quoaraci**: dragões extintos de Orande. **Igais**: árvore alta de caule branco, que dá frutas leitosas peludas, mas doces e comestíveis. **Aharu**: bolo típico de Orande que pode ser feito na floresta (inspirado nos indígenas). **Luvas táticas**: os canivetes suíços dos guardiões, que fornecem várias funções úteis, como estabelecer uma

comunicação com outros guardiões ao redor, mostrar o estado de saúde, ou a integridade das tatuagens de luz. São obrigatórias nos concursos dos guardiões. **Sarulsenfal**: tatuagem de controle, feita nos filhos dos guardiões, para dar habilidades fundamentais sobre as outras. **Ulsen**: nome verdadeiro das tatuagens de sinal. **Arasari**: tucano da floresta de Ca-An. **Koden-sho**: jogo típico entre os guardiões do código de Orande. Cada dedo representa um elemento, que vence o próximo e é derrotado pelo anterior. Segue a mecânica do joquempô. **Kisher**: espada longa e serrilhada, com um fiel e ponta curvada afiada semelhante à barbatana de um tubarão feita para desarmar. **Ibi Maraneyma**: catamarã da Amanara Ibiasemi, e nome antigo de Orande. **Cankia**: ratazana tóxica, territorialista e feia, que habita qualquer ruína. Não é muito difícil de espantá-la. **Mbaetata**: serpente gigantesca esculpida na Torre de Anibael. **Panzo (Pan + Zod)**: repetição. Círculo. **Onipan (Oni + Pan)**: espiral, redemoinho. **Sirai (Sira + I)**: sira + i. Espada. **Iusra (Iu + Sira)**: lança. **Siraris**: palíndromo. Machado duplo, ou dois machados unidos, que voa girando ao ser atirado. **Nirin: Ni + Rin**: parar. Tirar movimento. **Ivturin: Ivtu + Rin**: som. **Cromanipan**: arco-íris. **Iviturui**: névoa do monte. Ivtu + urash + igu + i. **Kamu-kamu**: fruta que o Kaoni gosta. Sabor muito ácido, mas é a fruta mais rica em vitamina C. **Estrelim**: planta medicinal que trata o endir. Suas folhas são cintilantes. **Cítrio**: árvore semelhante a um limoeiro, cujas folhas servem de repelente. **Kanbusi**: árvore com fruta fosforescente em forma de disco voador. **Aiurem**: cacto nutritivo, e rico em água, do deserto de Aram. Resistente à radiação. **Apira**: mel revigorante, e que cura muitas doenças, da abelha apikaira. **Apikaira**: abelhas sem ferrão da floresta de Ca-an. **Laurin**: vespas com picada muito dolorosa, e colmeia idêntica à da apikaira. **Ainbere**: lagarto neurotóxico com nadadeiras. **Arkobiukin**: Felino grande, e azulado, com garras e dentes afiados, e uma cauda bem comprida, com espinhos nas pontas. **Iauar**: lobo grande, cujos pelos produzem muita eletricidade. **Arandira**: um tipo de morcego que habita palmeiras e coqueiros de Ca-an. **Aronte**: coruja grande, resistente, pesada, e com uma visão excepcional. **Arobi**: grandes garças azuis, capazes de sobreviver em alturas que nenhum outro ser suportaria. Suas asas absorvem radiação, e expelem ozônio, restaurando a camada de ozônio da Terra. A mais famosa é a Airuan, do Nimeri. **Iapuasu**: ave que solta fogo do seu bico vermelho, com penas que produzem calor intenso, e pouco brilho. Também é o nome de um dos 4 rios de Iztar, que passa pelo vale de Akubar, e cruza os campos de Erekiir. **Iacamin**: ave de penas brilhantes que se soltam no céu, formando novas estrelas. Também é o nome de um dos 4 rios de Iztar, e o único totalmente navegável. **As 25 famílias**: Iviturui, Raipan, Quoaraci, Araukarya, Setan, Baquara, Macunaima, Akitan, Sunmeri, Ibiasemi, Nossema, Apuana, Moacuba, Vitae, Aratama, Itabera, Ikugruiu, Yasyatere, Libul, Araman, Pytajovai, Shain, Mirigu, Ekironi, Namili.

Locais:

Os 4 rios principais são **Itanakuar**, **Ianderu**, **Iacamin**, e **Iapuasu**. O único rio totalmente navegável é o Iacamin.
[TK] Teknalia: cidade cercada por montanhas, onde Kaoni e Elenia moraram desde criança, na região de Itatama, da qual foi centro. Altamente desenvolvida, tecnológica, e artificial. **[IT] Itatama**: nome de uma região e do seu centro, que foi destruído por inemas e se transformou na metrópole tecnológica de Teknalia. Desenvolveu tecnologias com os itanakuares, e seu pó, de forma clandestina. **[IM] Imeri de Ca-an**: pequena cidade antiquada localizada aos pés do Monte Iviturui, construída sobre um lago que se congela por causa do clima extremamente frio. O lago, e o clima frio, servem de proteção contra os seus rivais de Akubar. **[AK] Akubar**: nome de uma região, e da cidade ancestral perto do vulcão Akubar. Possui as ruínas da antiga cidade, e a nova cidade. Cenário de conflitos intensos, e rival histórico de Imeri de Ca-an. Do tupi antigo "acuba" (calor) e sumério "bar" (queimar). **[AA] Floresta de Ca-an**: vasta floresta entre o Monte Iviturui e o Vulcão Akubar. Zona de guerra entre os habitantes de Akubar e de Imeri. Possui pequenas aldeias, cidades e trilhas. **[IZ] Iztar**: a mais antiga cidade, considerada a capital de Orande. Tem zigurates, sendo o principal deles o Portão de Iztar. Tem a Torre de Anibael, onde estava a Mbaetata. Fica no encontro de 4 rios, que formam um rio circular, em torno da cidade. **[EI] Estação de Iztar**: zigurate principal, de onde saem as naves espaciais. **[TA] Torre de Anibael**: torre espiralada construída para manter os animais perigosos longe. **[IA] Ianderu**: cidade litorânea com um píer de pedras, um farol, uma ponte basculante sobre o rio de mesmo nome, construções de no máximo 10 andares, e torres metálicas bem altas que capturam a energia dos raios para manter os sistemas da cidade. Sua população se concentra no litoral, deixando o restante com cara de cidade fantasma. Os carros são na sua maioria dos anos 40, e alguns dos anos 20, todos reformados para utilizarem a tecnologia da poeira dos itanakuares. **[SP] Selva de Pinah**: uma selva de palmeiras, algumas comestíveis, outras venenosas, que se formou sobre as ruínas de algumas cidades, na região de Ianderu e Pacifika. **[PA] Pântano Apikum**: pântano da Floresta de Ca-an, próximo da cidade-fantasma de Pacifika. **[CP] Castelo do Pântano**: castelo no meio do Pântano Apikum, onde Jaguar Raipan fazia seus experimentos, e guardava os livros das tribos que ele roubava. Era a nova casa dos abatans de Itatama. **[PF] Pacifika**: cidade natal de Mariena Vitae. Conhecida por ter o melhor e maior hospital de todos. É uma cidade recente, meio suburbana, com um grande chafariz no centro. **[AR] Deserto de Aram**: deserto além da floresta de Ca-an. Ele é inóspito, e mortalmente radioativo. **[AM] Aramesari**: cidade subterrânea oculta no Deserto de Aram, onde tem a passagem secreta para chamar a aroana Angah. **[AN] Serra Anmopira**: cadeia montanhosa localizada após o Deserto de Aram, que contribui para o clima árido dele. Do outro lado está o oceano. Esconde muitos inemas. **[RA] Rota de Akubar**: longa estrada até Akubar. **[EL] Estrada Litorânea**: longa rodovia, abandonada, à beira-mar, que sai dos arredores de Ianderu, e vai até a região de Erekiir. **[IK]**

Inkantara: cidade-satélite de Iztar, onde fica a sede da Teiasat, e a casa da família da Iukami. Tem muitos pássaros, e papagaios que repetem as falas dos habitantes. É uma cidade mediana tanto em tamanho quanto em modernidade. **[MH] Museu dos Heróis**: grande museu em Inkantara. **[CM] Cratera das Memórias**: uma grande cratera, em Anmopira, que possui muita informação do passado, e tecnologias cujo conhecimento se perdeu. **[EK] Erekiir**: um território grande e distante, com muito vento. Tem plantação de trigo e algodão, que com a ventania fica fazendo ondas, como se fosse um mar. Várias espécies de cavalos habitam esses campos. Esconde o aroana Rudah, e tem um complexo aeroespacial. **[CN] Cansai**: cidade modesta, e isolada, no meio da Floresta de Ca-an, onde fica a casa de Divano, a Escola de Artes Marciais, e uma catedral dos Vitaes. "Cansai" significa "verde silencioso", em kodens. **[MV] Monastério Vitae**: monastério abandonado, com uma torre, onde tem um sino, um relógio, e masmorras. **[KG] Koigutama**: ilha misteriosa habitada por guardiãs do código, que preservam costumes antigos, técnicas de sobrevivência, e muito conhecimento de Orande. **[UR] Uritsuv**: cidade antiquada, com clima frio, construída sobre plataformas oceânicas, nos mares gelados do sul. **[PR] Praia das Redes**: praia da cidade de Teknalia, onde a escuna Sopro do Monte era atracada, e onde estavam enterrados os Punhais da Confusão. **[GB] Grande Barragem**: Barragem gigantesca que faz uma represa com a água do Rio Itanakuar para alimentar a cidade de Teknalia com energia. **[IP] Indústrias Prismall**: indústria enorme de Teknalia, que usa de forma errada e corrompida os cristais itanakuares para as suas tecnologias avançadas. **[TS] Teiasat**: empresa de sobrevivência e resgate, da cidade de Inkantara. Os pais da Iukami trabalham nela. **[MI] Monte Ivituruí**: uma grande montanha que controla o clima de Orande, junto com o Vulcão Akubar, e que serve de referência espacial. Produz muita neve, e névoa. Seu sistema labiríntico de cavernas resfria o ar que por ele passa, tornando o ambiente ao redor muito frio o ano todo.

Classes:

Guardiões do código: Força de resgate e proteção, criada por Membir Baquara, para manter a segurança do seu código, dos seus livros, e da própria Terra. **Anama**: Nível zero. Aprendiz. Usam antenas para ajudar na emissão dos seus códigos. **Inema**: Nível zero. Traidor, inimigo. **Abamirim**: Nível 1. Pequeno. **Abaete**: Nível 2. Bom. **Abasu**: Nível 3. Grande. **Abasuna**: Nível 4. Absorção. Absorveu muito conhecimento, e habilidade. **Abakuar**: Nível 5. Especialista no código. **Abasan:** Nível 5. Especialista em combate aéreo. **Abasai**: Nível 5. Especialista em infiltração e combate corpo-a-corpo. **Abatan**: Nível 6. Forte, poderoso. Líder regional. **Abatae**: Domador de feras. **Artesão:** Cria os equipamentos usando a poeira dos itanakuares e o conhecimento que a controla. **Piloto**: Pode pilotar as espaçonaves de Iztar. **Sacerdote**: Geralmente da família Vitae, tem poderes de cura, e de adoecimento, através da regressão e do avanço temporal.

Notas:

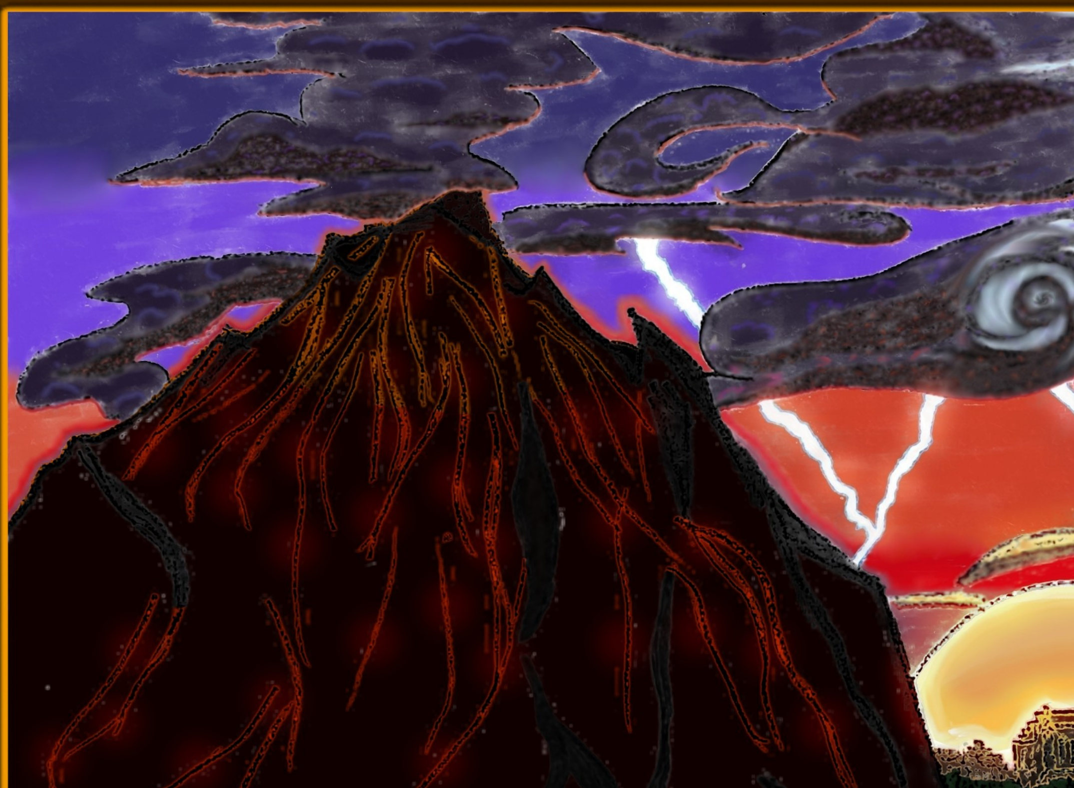
Alguns nomes terminam com "h" ou "n" para reduzir o uso do acento agudo e do til, tornando esses nomes mais legíveis para os leitores do mundo todo. Algumas palavras erradas são nuances linguísticas dos personagens, como "espinhudos" do Kaoni, e eu decidi deixá-las no texto seguindo fielmente o que o personagem escreveu. Esta versão do livro foi revisada e aprimorada pelo autor, com a valiosa colaboração do Gemini 2.0, DeepSeek, e Sabiá-3.

Fontes bibliográficas:

Utopia, de Thomas More, 1516.
Pequeno Vocabulário Português-Tupi, de Pe. A. Lemos Barbosa. Livraria São José, 1970.
Glossario das palavras e phrases da língua tupi, contidas na "Histoire de la mission des Peres Capucins em L'Isle de Maragnan et terres criconvoicines". Do Padre Claude D'Abbeville. 1927. De Rodolpho Garcia.
Dicionário Tupi Antigo A língua indígena clássica do Brasil, de Eduardo de Almeida Navarro. Global, 2013.
The Pennsylvania Sumerian Dictionary, no site http://psd.museum.upenn.edu/nepsd-frame.html , 2014.
Rede Brasileira: https://www.redebrasileira.com/tupi/vocabulario/ . 2014.
Contos e lendas da Amazônia, Reginaldo Prandi. - 1ª ed. - Curitiba: A Página, 2012.

Guardiões do Código

Primeira edição independente, novembro de 2025.



O conhecimento pode salvar ou destruir o mundo... Inspirado no tupi-guarani antigo e no sumério, com toques de ficção científica, RPG e anos 90, esta aventura segue os mestres das Ferramentas da Discórdia em um reino perigoso. Aqui, os doze segredos ancestrais despertam ameaças esquecidas, e cada escolha pode levar à redenção ou a uma guerra global. Eles precisarão dominar o conhecimento dos guardiões do código para sobreviver aos desafios de um lugar fantástico, mas o preço desse poder pode ser a própria vida.